

VERIDIANA KUNZLER NICOLINI

**REVISTA RAÇA BRASIL: NEGROS EM MOVIMENTO
1996 – 2004**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - SP

SÃO PAULO

2007

VERIDIANA KUNZLER NICOLINI

**REVISTA RAÇA BRASIL: NEGROS EM MOVIMENTO
1996 – 2004**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Estudos Pós-Graduados em
História da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, sob a orientação da Prof(a) Dr(a)
Olga Brites, como exigência para obtenção do
título de mestre.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - SP

SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pela oportunidade de estudo, mediante a concessão das bolsas parcial e integral.

À Secretaria de Teses, pelo apoio e compreensão, meu agradecimento aos profissionais responsáveis.

A Prof(a) Dra. Heloísa de Faria Cruz, pelos semestres de convivência e valiosas discussões em sala de aula, e a Prof(a) Dra. Laura Antunes Maciel, a quem tive o prazer de conhecer, meus agradecimentos pelas sugestões pertinentes e preciosas no exame de qualificação.

A Prof(a) Dra. Olga Brites, que gentilmente me acompanhou desde a graduação, meus agradecimentos pela orientação e por fazer parte de minha história de vida acadêmica.

Vera, minha mãe, a quem devo o apoio em momentos difíceis, desculpas por tempos ausentes e a quem pretendo seguir como exemplo de dignidade, caráter e força.

Às tias Lucy, Evangelina, Aracy e Ruth, pelo apoio incondicional, e ao tio Odilon, pela ajuda com o resumo.

Cintia, Samira, Mariem, Inês, Sofia, Nura, Priscila, Solange, Taís e Adriana, muito mais que primas, são boas irmãs que me apoiaram em diferentes momentos e a quem devo horas de entretenimento, aos primos André, Bruno e Flávio, que sempre estiveram presentes.

Israel, à comadre Laura, Rangel, Armando e Silvia, grandes amigos que a distância não separou, pessoas com quem tenho a honra de dividir momentos de lazer.

Romário Oliveira, editor-chefe da Revista Raça Brasil, por disponibilizar os exemplares que estavam incompletos.

À Cristiana, que tanto me ajudou com o computador, e ao Marcos, pela compreensão.

Ao Grupo Cultural Afro II, em Itaquera, meus agradecimentos a Kelly, Rúbia, Adriana Lopes e Adriana Santos, pelo tempo que passaram me informando sobre as danças africanas, e principalmente à Rita de Cássia Mesquita, por me emprestar gentilmente as revistas e a quem tenho como uma nova amiga.

Ao Sr. Valdeir e Patrícia, do Conselho da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, pela paciência e confiança de me disponibilizarem as revistas que faltavam.

À Rose e ao Erivelton com todo meu carinho o meu obrigada pelo apoio em momentos difíceis e a celebração de uma nova amizade.

RESUMO

Esta dissertação busca analisar a Revista Raça Brasil, destinada ao público negro.

Utilizaremos como fonte a própria revista e alguns exemplares da imprensa negra anteriores ao lançamento desta, procurando evidenciar as modificações pela qual passou a linha editorial e as relações estabelecidas entre a revista e outros meios de comunicação, como a televisão, a mídia eletrônica e a publicidade.

Através da revista, também enfocamos a luta social dos negros contra o preconceito, a relação com os movimentos negros organizados e a forma como Raça Brasil se engaja nesse processo.

ABSTRACT

This dissertation intends to analyze "Raça Brasil" (Brazilian Race) Magazine, aimed to the colored people.

It will be used, as information base for this study, the above mentioned magazine and some issues of the press, previous to this magazine first edition, to evidence the evolution that the editorials have experienced regarding this matter, and the relations set up among the magazine and other communications means, such as television, electronic media and publicity.

Through the magazine study it is also appraised the colored people social fight against prejudice, the relation between the organized colored people movements and the way "Raça Brasil" is engaged in this process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
A Linha Editorial da Revista Raça Brasil.....	20
CAPÍTULO II	
A Revista Raça Brasil e Outras Mídias.....	86
CAPÍTULO III	
Preconceito, racismo e discriminação, uma luta de todos.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
FONTES.....	192
BIBLIOGRAFIA.....	195

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo estudar a Revista Raça Brasil, que surgiu no mercado editorial em setembro de 1996 e é destinada para uma parcela específica da população: o público negro. A revista, em seus três primeiros anos, se auto definia como “A Revista dos Negros Brasileiros”, o que a torna ímpar dentre as revistas comercializadas no país, visto que é a única voltada para o público negro, não sendo associada a nenhum movimento organizado, com circulação em nível nacional e permanecendo no mercado há dez anos consecutivos. O período escolhido para análise da revista foi 1996, ano do seu surgimento, até 2004, quando retoma sua publicação mensal, após um período de irregularidade em sua publicação.

Meu interesse pelo estudo da imprensa negra teve início já na graduação, durante o curso de História realizado na PUC/SP, quando efetuei uma pesquisa de Iniciação Científica¹ tendo como fonte a Revista Raça Brasil, onde trabalhei temas recorrentes como saúde, beleza, lazer e trabalho, também discutidos na disciplina de Pesquisa Histórica.

Meu primeiro contato com a revista se deu por acaso, quando passava por uma banca de jornal e comprei um exemplar. Ao folheá-lo, meu interesse se intensificou, quis compreender o universo do negro hoje, suas aspirações e intenções, o significado de uma revista exclusiva para essa parcela da população e quais as contribuições dessa iniciativa para seus leitores.

As discussões sobre os problemas enfrentados pela população negra brasileira têm se intensificado no Brasil desde a década de 80, com a incorporação de novas leis contra o racismo pela Constituição Federal de 1988 e pela Campanha da Fraternidade desse mesmo ano, com o tema do Centenário da Abolição².

¹ Veridiana KUNZLER NICOLINI. In: 11º Encontro de Iniciação Científica. São Paulo. 2002.

² Ricardo ALEXINO FERREIRA, Imprensa e etnia no Brasil. (In: MESQUITA SAMARA, Eni de(org.). Racismo e racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p.88).

Na década de 90, tivemos a incorporação do Movimento Negro na luta Latino-Americana dos Povos Oprimidos³, e em 1995, a fundação do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso⁴ e no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, quando o sistema de cotas para o ingresso de negros nas Universidades foi implementado, além do aumento de movimentos tidos como populares, que vêm valorizando as expressões culturais dessa parcela da população, como grupos de música, entre eles o hip-hop⁵, funk e axé, considerados como estilos musicais da periferia das grandes cidades, conquistando o reconhecimento nacional progressivamente.

A Revista Raça Brasil não foi a primeira publicação destinada à parcela negra da população após a ditadura militar, pois no editorial da *Revista Agito Geral*, seu editor Marco Antonio Batista, cita as revistas anteriores a esta.

Segundo ele:

“... Lembrando o passado, nunca devemos esquecer a ÉBANO, precursora das tantas publicações que existem hoje. A ÉBANO surgiu por volta de 1983, durou aproximadamente três anos e mostrou que uma revista feita realmente por e para negros é um projeto viável. Daí veio a PODE CRÊ!, dedicada ao Rap, reacendendo a chama, iluminando um caminho esquecido com o passar do tempo. (...) Posteriormente surgiram a SWINGANDO, antiga SWING ARTE & CIA, a BLACK PEOPLE, no Rio de Janeiro, as musicais CAVACO e GINGA BRASIL, a FALA PRETA, abordando saúde e comportamento, nós da AGITO GERAL, feita na e pela raça, e finalmente a RAÇA BRASIL, falando sobre moda, consumo e gente famosa. Cada uma delas, a sua maneira, procurando mostrar para a nossa sociedade a riqueza da cultura negra. Veja quantas revistas possuímos para expressar nossas

³ Laymert Garcia dos SANTOS, Mesa-redonda: Brasil 500 anos de resistência indígena, negra e popular, Projeto História, 20 (6) : 99.

⁴ Peter FRY, A persistência da raça, p.275.

⁵ Ana Lúcia SILVA SOUZA, Os sentidos da prática de lazer da juventude negra. (In: SANTOS, Genivalda (org.). Racismo no Brasil - percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo, Perseu Abramo, 2005, p.197). Segundo a autora, o hip hop tem sido considerado um dos fenômenos mais expressivos das últimas duas décadas. Pode-se defini-lo como um movimento sociocultural juvenil urbano, desenvolvido em um segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria de ascendência negra e moradora das periferias de grandes cidades. Surgiu no Brasil em meados dos anos 1980, herdando características festivas e de protestos de jamaicanos e dos guetos nova-iorquinos, aglutinadores de negros e hispânicos.

*idéias, isso sem falar nos jornais e fanzines, como o BLACK NEWS, AFROREGGAE, DIÁRIO DA TRIBO e ENFOQUE ARTÍSTICO*⁶.”

A *Revista Agito Geral* trazia música, esporte, beleza, saúde, cartas e entretenimento, como lugares ‘badalados’ da cidade.

Das revistas citadas pelo editor, a *Fala Preta* era uma revista do Movimento Negro Geledés, que discutia temas referentes à saúde.

Swing Arte & Cia., era voltada para a música negra nacional, como por exemplo, pagode e reggae, além de entrevistas, moda, concursos e editoras especializadas em publicações de livros para negros.

Black People tratava de temas variados como cultura, música, dança, livros, política nacional, entrevistas, religião, comportamento, moda, beleza, esporte, cidadania, africanidades, galeria black, cartas.

Outras revistas destinadas ao público afro-descendente surgiram após as citadas pelo editor Marco Antonio Batista, como *Negro 100 por Cento*, *Brio*, *Azzeviche*, *Etnic* e *Conquista*.

Negro 100 por Cento, que surgiu em abril de 1998, tinha temas como música, beleza, moda, esporte, escolas de samba e religião. *Brio*, uma revista publicada pela imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp, em parceria com o conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, era mais focada nas políticas referentes à população negra, como projetos em localidades carentes. A *Revista Azzeviche*, era uma publicação do Centro de Estudos e Cooperação Brasil Continente Africano e Diáspora, com assuntos variados, como beleza, intercâmbio, esoterismo, eventos, opiniões. *Etnic*, era exclusiva para moda e beleza e *Conquista*, uma revista voltada para a mulher, fundada em Jundiaí, tratava dos temas da cidade.

Negro 100 por Cento, *Agito Geral* e *Etnic* publicaram os primeiros exemplares em 1999, com periodicidade bimestral, cujas editoras tinham sede na cidade de São Paulo, sendo vendidas respectivamente a R\$ 3,90, R\$ 3,00 e R\$ 5,00, onde somente a *Revista Agito Geral* tinha distribuição nacional. A *Revista*

⁶ Editorial, *Agito Geral* - A revista para quem tem identidade, nº2, p. 2.

Black People, cuja editora situava-se na cidade do Rio de Janeiro, era vendida a R\$ 3,00 e também era distribuída em todo o território nacional.

Das outras revistas citadas pouco sabemos, pois as mesmas não eram datadas e não informavam sobre sua distribuição e a periodicidade.

Dentre as revistas anteriores à *Raça Brasil*, *Agito Geral* e *Black People* foram as que mais se aproximaram da mesma. *Agito Geral*, além das matérias sobre música negra, como hip-hop e reggae, trazia matérias de esporte, saúde, beleza, moda, roteiros noturnos para diversão e cartas de leitores. *Black People* tinha a seção Cultura – com música, dança e livros -, Comportamento, Moda, Beleza, Em foco, (que numa edição tratava de um concurso de beleza realizado na Colômbia, onde uma negra brasileira foi eleita uma das cinco mulheres mais bonitas do mundo), e Esporte, além de tratar de religiões de origem afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda. Também tinha uma seção de cartas de leitores e outra denominada Galeria Black, onde citava nomes de personalidades negras em ocasiões especiais, como a entrega da medalha Pedro Ernesto, na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, que premiou personalidades como a atriz Ruth de Souza e o Embaixador Souza Dantas.

Tanto as revistas anteriores como as posteriores à *Raça Brasil* tinham qualidades de impressão e papel variáveis. *Swing, Arte & Cia.*, por exemplo, era editada em preto e branco, a *Revista Brio* tinha aproximadamente 24 páginas, enquanto que a *Revista Black People*, variava em torno de 116 páginas. Em termos de qualidade de impressão e papel, a *Revista Etnic* era a que mais se aproximava de *Raça Brasil*.

As revistas citadas também valorizavam a cultura negra, tanto as manifestações do passado, nas religiões afro-brasileiras, como também as do presente, como a música considerada negra. Enalteciam acontecimentos sociais dos negros, como os Concursos de Beleza; tratavam assuntos como a escola pública e sua má qualidade de ensino; o direito à cidadania, como o uso da informática nas relações inter-raciais; e sobre esporte, como o futebol. Contudo, o que as diferenciava de *Raça Brasil* era a ênfase dada ao negro através dos editoriais, já que nessas revistas o negro era denominado por “nós”, onde a população como um todo era enaltecida. Já em *Raça Brasil*, o negro é tratado por “você”, é o indivíduo que é valorizado.

Aroldo Macedo, que foi um dos fundadores da Revista Raça Brasil e seu primeiro editor, antes do lançamento da mesma, pesquisou sobre a imprensa negra do início do século XX.

Segundo Eliana Melhado Bonfigli

“... foi pensando nessa imprensa e no que poderia contribuir que Aroldo Macedo desenvolveu uma pesquisa com antigos jornais da imprensa negra brasileira, para saber quais tiveram ressonância e continuaram, e porque outras revistas não passaram do quarto número⁷”.

Miriam Nicolau Ferrara, em sua obra *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, divide a imprensa em períodos de acordo com as reivindicações do grupo negro:

“Assim, na origem desses jornais estão as reivindicações por integração, participação e ascensão na sociedade brasileira, a fim de que o negro conquiste a posição de ‘cidadão brasileiro’, isto, através da conscientização e da educação e da luta contra o preconceito. (...) as reivindicações do grupo negro [são] colocadas em temas como: educação/instrução, moral/educação, contra o álcool, contra o preconceito, pela liberdade⁰ e pela participação (...) a integração do negro na sociedade brasileira constitui a preocupação máxima dos produtores dos jornais (...) Para tanto, perceberam a necessidade de formar o negro em seus diferentes aspectos: educação, cultura, instrução, e, principalmente, conscientizá-lo de sua posição na sociedade brasileira, e mostrar-lhe qual poderia ser a sua atuação, como participante do grupo negro, e da sociedade mais ampla⁸.”

⁷ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, p.51.

⁸ *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, passim.

A autora divide a imprensa negra em três períodos. De 1915 a 1923, com jornais como O Menelick - 1915, O Alfinete -1918, e Getulino -1923. O segundo período é datado de 1924 a 1937, com jornais como O Clarim da Alvorada -1924, Chibata -1932, A Alvorada -1936 e o último período, de 1945 a 1963, com jornais como Senzala -1946, O Mutirão- 1958 e Correio d'ébano-1963, são alguns exemplos.

No primeiro número, o editor Aroldo Macedo escreve (Raça, setembro de 1996):

“Essa é pra mim - Todos os dias nascem negros nesse país, mas o país não sabe disso, ou finge não saber. Estamos por toda parte. Nas ruas, escritórios, restaurantes... no entanto somos invisíveis! Como pode um país não enxergar mais da metade de seu próprio povo? Raça Brasil nasceu para dar a você, orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima, ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo. Vivendo a vida feliz. Todos os meses Raça Brasil vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas acima de tudo, queremos afirmar nossas qualidades”⁹.

Nesse editorial, questões relevantes são abordadas, como a visibilidade, o orgulho em ser negro, o direito à cidadania, a auto-estima, o consumo, a herança cultural e a afirmação das qualidades do negro. Na imprensa negra do início do século XX, os jornalistas negros pretendiam evidenciar a conquista da cidadania e a ascensão social do negro, tendo como meios a educação, a conscientização e a luta contra o preconceito. Na imprensa negra da segunda metade do século XX, anterior à Raça Brasil, a afirmação de qualidades próprias do negro, o combate ao preconceito, alegria e auto-estima também foram temas abordados.

No que tange à aproximação entre a imprensa negra do início do século XX e a da segunda metade do mesmo, incluindo Raça Brasil, a cidadania é temática recorrente, pois os negros não usufruem de forma igualitária os mesmos direitos de outros grupos sociais, visto que há disparidade de salário, de nível de escolaridade, de acesso à educação de qualidade, habitação e saúde¹⁰. No entanto, ressaltamos

⁹ Linha de Frente, *Raça Brasil - A Revista dos Negros Brasileiros*, nº1, p.3.

¹⁰ Rosane da SILVA BORGES, Pensando a transversalidade de gênero e raça. (In: SANTOS, Genivalda(org.). *Racismo no Brasil - percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI*. São Paulo, Perseu Abramo, 2005, p.63-69.). Segundo a autora, a concentração de homens e mulheres negros na área rural é maior que a de homens e mulheres brancos, estes são mais representados na área urbana. Das mulheres negras, 20% estão na área rural e 80% na urbana, ao

que nas primeiras décadas do século XX, havia se passado pouco mais de vinte anos desde a abolição da escravidão, sendo, portanto, o discurso sobre a cidadania mais enfático. Já na imprensa negra atual, o discurso por direitos de cidadania continuam, contudo novas questões aparecem, que é a presença dos negros nos meios de comunicação, tema encontrado não apenas em Raça Brasil como também nas outras revistas do período.

Sobre as diferenças entre a imprensa negra das duas metades do século, a questão da mestiçagem e da identificação com a África se faz presente.

Na obra de Miriam N. Ferrara, encontramos o seguinte artigo do Jornal Progresso, do ano de 1931:

“O empresario José Loureiro organizou um grupo de negros retintos para irem a Europa cantar o ‘que é nosso’ e dançar o ‘coco’ do Norte, como os sambas e cateretês da nossa gente. Muito simples, claro, e patriótico o que acima leram. Pois jornal houve que achou um tanto fora de nível racial a escolha de José Loureiro: - deviam ser mestiços os escolhidos! Talvez para que as taes canções e os bailados tivessem mais doçura. Não sabemos porque essa renitente perseguição ao negro patente do Brasil (...) Mais uma causa sabemos, e que deve consolar o negro retinto, os mestiços levarão para lá, aos olhos do estrangeiro, a certeza de que no Brasil o negro serviu e ainda serve para tudo até para produzir a legião de mestiços que dançam sambas e de que o Brasil se gloria...”¹¹

Lilia M. Schwarcz explica que, a partir dos anos 30, o mestiço começa a gozar de uma situação distinta na sociedade brasileira:

passo que das mulheres brancas, 14% concentram-se na área rural e 86% na urbana. Quanto à escolaridade, completaram o primeiro grau: homens negros, 67%, e mulheres negras, 64%, porém não ostenta melhor posição daqueles com mais de dez anos de estudo e com formação universitária: 4% de homens brancos e 2% de homens não-brancos; 5% de mulheres brancas e 2% de mulheres negras. No quesito renda, quando a faixa salarial ultrapassa o limite de dois salários mínimos, mais de dois a cinco salários mínimos: homens brancos, 35%; homens negros, 34%; mulheres brancas, 36%; mulheres negras, 30%; mais de cinco salários mínimos: homens brancos, 24%; homens negros, 14%; mulheres brancas, 18%; mulheres negras, 9%. Quanto à saúde, as mulheres negras sofrem discriminação no atendimento com maior incidência. A pesquisa demonstra que as mulheres negras apresentam maior número de queixas de discriminação ao fazerem tratamento de saúde.

¹¹ A Imprensa Negra Paulista (1915-1963), p. 134.

“Na representação vitoriosa dos anos 30, o mestiço transforma-se em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol, (...) no discurso oficial o mestiço vira nacional, ao lado de um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como um prato típico da culinária brasileira. A princípio conhecida como comida de escravos, a feijoada se converte em prato nacional, carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem¹²”.

Já na imprensa negra atual¹³, a mestiçagem é enaltecida, e as revistas denotam um posicionamento contrário a alguns movimentos negros organizados, que denominam a mestiçagem como uma ameaça à afirmação da identidade racial e cultural brasileira, pois no discurso das revistas, o mestiço é tido como negro, desconsiderando o parceiro da outra etnia.

Com relação à identificação com o continente africano, devemos observar a aproximação e o distanciamento em seus discursos entre a imprensa negra de 1930 e a de 1980, inclusive na Revista Raça Brasil.

Sobre a representação da África na imprensa do início do século, Miriam N. Ferrara, através de um artigo do Jornal Progresso de 1929, salienta que:

“... na imprensa negra de São Paulo, a África é vista como um continente exótico: Não existe outro mais curioso, em todos os reinos da natureza (...) Tudo ali é grande e disforme. Os seus elefantes intermináveis, os tubarões monstros da costa do Atlântico, os seus homens disformes pelos exercícios necessários, as preces aos deuses do culto barbaro, transformam o continente em centro da curiosidade dos naturalistas, que procuram raridades para os seus museus¹⁴”.

¹² Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. (In: NOVAIS, FERNANDO (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p.178-196).

¹³ Na Revista Raça Brasil, o tema da mestiçagem é recorrente, mas nas outras revistas, encontramos a discussão somente na *Black People*, edição 12, ano3, nº6, p.20.

¹⁴ *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, p. 166.

Já na imprensa atual, inclusive em *Raça Brasil*, há a identificação com religiões afro-brasileiras; em matérias sobre moda, onde os adornos africanos são constantes, como colares e brincos; nos penteados, como as tranças que são sempre valorizadas; e nos objetos de decoração, onde as miniaturas de animais selvagens, esculturas e estamparias são temas recorrentes, valorizando o exótico.

Contudo, a imprensa dos dois períodos via a luta dos negros africanos pelo fim das disparidades sociais entre os grupos como um exemplo a ser seguido.

Com relação às diferenças entre as imprensas dos dois períodos, se comparadas à *Raça Brasil*, além do tratamento pessoal com que esta se dirige a seus leitores, está no aspecto de que cidadania e consumo estão muito próximos.

Para Néstor Garcia Canclini, os conceitos de cidadania e consumo estão interligados, desde que:

“... a noção política de cidadania se expande ao incluir direitos de habitação, saúde, educação, e a apropriação de outros bens em processo de consumo. (...) Para vincular o consumo com a cidadania, e vice-versa, é preciso desconstruir as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores como predominantemente irracionais e as que somente vêem os cidadãos atuando em função da racionalidade dos princípios ideológicos. (...) a cidadania (...) luta pelo reconhecimento dos outros como sujeitos de “interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas”, (...) implica tanto reivindicar os direitos de ascender e pertencer ao sistema sociopolítico como o direito de participar na reelaboração do sistema, definindo, portanto aquilo de que iremos fazer parte. (...) consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo¹⁵”.

Na Revista *Raça Brasil*, a luta para a conquista da cidadania e o direito ao consumo são temas recorrentes nos editoriais. Como veremos no segundo capítulo, os produtos étnicos não surgiram com a revista, eles já existiam há dez anos;

¹⁵ *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. passim.*

segundo o editor Aroldo Macedo, a revista serviu como intermediária entre os anunciantes e o consumidor final.

Nesse trabalho, trataremos a questão da cidadania de forma mais contundente, através da visibilidade do negro associada ao consumo.

Algumas questões se fizeram pertinentes para esse estudo. Quais as maneiras dos negros conquistarem a visibilidade almejada pela Revista Raça Brasil? Qual a relação estabelecida entre a revista e os movimentos negros organizados, visto terem posicionamentos distintos sobre alguns temas? Qual a receptividade dos leitores, mediante o posicionamento da revista? Qual o público que a mesma almeja atingir? Como a revista luta contra o preconceito e a discriminação? Qual a relação que a revista estabelece com os meios de comunicação?

Priorizamos para esse trabalho, algumas seções específicas da Revista Raça Brasil, como: Editorial, Comportamento, Cartas dos Leitores, Gente, Negros em Movimento, Olho Vivo, A pergunta é.... Por vezes, estudamos de maneira menos veemente as seções Cultura/Lazer e Beleza/Moda. Alguns editoriais foram transcritos integralmente e outros de maneira parcial, assim como algumas matérias de Comportamento e A pergunta é..., para que os posicionamentos da revista fossem mais bem compreendidos.

Refletimos sobre a revista considerando a atuação dos seus editores, assim, definimos em seis períodos ou fases, quando a mesma foi dirigida por Aroldo Macedo, Maria Amélia Rocha Lopes, Amélia Nascimento e Francisco Oliveira, Amélia Nascimento, Francisco Oliveira e Conceição Lourenço. Salientamos que com a saída dos editores, ocorreram modificações no corpo editorial da revista, contudo essas alterações se deram de maneira sutil, com a criação ou cancelamento de algumas seções, com a diminuição ou o aumento do número de páginas para determinados assuntos, e mudança na distribuição das seções no interior da revista. Enfocamos também que Aroldo Macedo era o diretor-responsável, quando Maria Amélia Rocha Lopes, Amélia Nascimento e Francisco Oliveira e Amélia Nascimento eram os editores.

A Revista Raça publicou edições especiais, com Aroldo Macedo como editor, especialmente em função de dois temas recorrentes na publicação: Raça Especial Cabelos Crespos e Raça Especial Somblack. Mediante o sucesso de

vendagens destes números especiais, Raça publicou duas revistas denominadas “filhotes”: Visual Cabelos Crespos e Somblack.

Alguns autores foram de grande importância para esse trabalho.

Lilia Moritz Shwarcz¹⁶ foi importante em dois momentos: tanto para a compreensão da representação do negro na imprensa do século XIX, com sua obra *Retrato em Branco e Negro - jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, como para um melhor entendimento da questão referente à mestiçagem.

Miriam Nicolau Ferrara¹⁷, em sua obra *Imprensa Negra Paulista (1915 a 1963)*, foi leitura imprescindível para o entendimento das particularidades e posicionamentos específicos de uma imprensa feita por e para negros, assim como foi importante também para traçar um pequeno paralelo com a imprensa negra que surgiu após a ditadura militar.

A obra de Heloísa de Faria Cruz¹⁸ foi importante tanto para a compreensão da inserção da propaganda na mídia impressa, como forma de sustentabilidade de um periódico, assim como nas estratégias utilizadas por essa mídia para atrair e manter leitores. A autora também nos apresenta uma série de questões metodológicas específicas no tratamento desta fonte.

Laura Antunes Maciel¹⁹ contribuiu em nossa reflexão sobre o papel da imprensa, ao denominá-la como ‘*uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir*’, auxiliando na compreensão sobre o caráter popular na imprensa, conceitos imprescindíveis para a interpretação de nosso objeto de estudo.

Joel Zito Araújo²⁰, em sua obra *A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, foi importante para refletirmos sobre a representação do negro na mídia televisiva e publicitária, as lutas dos movimentos negros para a inserção do negro na mídia e as leis para a implementação de tais projetos.

¹⁶ Lilia K. MORITZ SHWARCZ, *Retrato em Branco e Preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, passim.

¹⁷ Miriam NICOLAU FERRARA, *Imprensa Negra Paulista (1915 a 1963)*, passim.

¹⁸ Heloísa de FÁRIA CRUZ. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana -1890/1915*, passim

¹⁹ Laura ANTUNES MACIEL, *Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa - 1880-1920*, passim

²⁰ Joel Zito Almeida de ARAÚJO. *A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, passim

Maria Celeste Mira²¹, em seu livro *O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX*; permitiu observar o processo de segmentação do público por faixa etária, gênero e etnia, nos fez refletir que a segmentação só é possível mediante ao poder de consumo que os mesmos representam, e também a questão do público jovem e feminino como leitores.

Eliana Melhado Bonfigli²², com sua monografia sobre a Revista Raça Brasil, ao entrevistar os editores Aroldo Macedo e Francisco Oliveira, nos foi de especial importância para, através das falas dos editores, compreendermos as modificações, dificuldades e anseios dos realizadores da Revista Raça Brasil.

No capítulo I, estudamos as seis fases da revista, priorizando as modificações que ocorreram na mesma, com a permanência, saída e criação de seções. Analisamos os editoriais, cartas de leitores e a seção Comportamento de maneira mais enfática, preferindo as temáticas mais discutidas pelos editores, através do número de páginas dedicadas a cada assunto. Estudamos também os negros pouco representados pela revista, mais precisamente pelas seções Comportamento e Cartas, e também analisamos a questão da mestiçagem e as diversas opiniões dos leitores a essa questão.

No capítulo II, discutimos a relação estabelecida entre a Revista Raça Brasil e outros meios de comunicação, como a Internet, a mídia televisiva e a publicidade, enfocando a profissão de modelo de agências publicitárias, visto ter sido o tema recorrente na revista, tanto na seção de Comportamento como na seção de Cartas e nos editoriais.

E no capítulo III, a partir da seção Negros em Movimento, dos editoriais, das cartas e matérias específicas, analisamos o diálogo que a revista estabelece com os movimentos negros do país, como parte de um projeto que se concretiza ao longo da revista, no sentido de indicar procedimentos e ações que revelam formas de luta. Analisamos também a seção Olho Vivo, que denuncia casos de racismo, discriminação e preconceito sofrido pelos leitores, e também as seções Ponto de Vista e A pergunta é..., para compreendermos o posicionamento político assumido pela revista no que se refere a crimes raciais.

²¹ Maria Celeste MIRA, *O Leitor e a Banca de Revistas: a segmentação da cultura no século XX*, passim

²² Eliana MELHADO BONFIGLI, *O que aconteceu com a Revista Raça Brasil?* passim

Capítulo 1

A linha editorial da Revista Raça Brasil e suas alterações

A Revista Raça Brasil surgiu em setembro de 1996, como título da Editora Símbolo, que em 1997 completou 10 anos no mercado editorial.

No endereço eletrônico da Editora Símbolo, seu surgimento é narrado da seguinte forma:

“Toda história de sucesso tem sua marca. A história da Símbolo é marcada pela ousadia e criatividade na descoberta de novos nichos de mercado, pela conquista de espaço e quebra de paradigmas. Estando sempre à frente do seu tempo, essa maneira de trabalhar permitiu um crescimento acelerado tornando a Símbolo a 2º maior editora em títulos femininos e a 3º maior do Brasil. (...) A Símbolo foi fundada em 1987, ano em que lançou o Guia Corpo a Corpo, antecipando um conceito que hoje é uma preocupação universal: a qualidade de vida. Não havia na época alguma publicação que tratasse deste assunto com tanta profundidade e por isso o Guia foi um sucesso de vendas, originando então a Revista Corpo a Corpo, case da Editora Símbolo com mais de meio milhão de leitores todos os meses²³.”

Ao narrar a sua própria história, a Editora Símbolo se apresenta como a 2º maior editora com títulos voltados para o público feminino e a 3º maior do Brasil, sendo superada pelas editoras Abril e Globo. Sua história de sucesso é atribuída ao fato de que sua ‘ousadia e criatividade’ lhe permitiu descobrir ‘novos nichos de mercado’, abrindo ‘espaço e quebrando paradigmas’.

A Editora Símbolo é responsável pela publicação de grande e variado número de títulos, tendo como alguns exemplos: Só Receitas, Dieta Já, Bárbara, Glorinha, Corpo, Atrevida, Atrevidinha, Bananas de Pijama, Meu Nenê, Walter Mercado, Tititi,

²³ Editora Símbolo. <http://www.simbolo.com.br/institucional/Conteudo/0/artigo5356-1.asp>.

Uma, Viva Saúde, Natural, Vida Executiva, Ouse e Chega Mais, entre suas publicações.

Fundada no final da década de 80, a Editora Símbolo seguiu a tendência de mercado já adotado pela 'grande mídia', que é a segmentação.

O processo de segmentação da mídia é assim explicado por Mira:

“A partir de meados dos anos 80, o processo de segmentação da mídia se acelera de maneira geral, principalmente no rádio, cujas emissoras praticamente se especializaram num gênero musical em estreita relação com seu público. Na TV, a segmentação da programação já existente nas redes se aprofundará na década de 90 com a introdução dos canais pagos, cada qual calcado num tipo de emissão, captando públicos específicos. Nos jornais aparecem mais cadernos especializados. No meio de revistas, segmentado por definição, esse processo é ainda mais intenso. Além do surgimento de várias editoras de pequeno porte, [que] começa a atuar no mercado de revistas segmentadas ...²⁴.”

A segmentação explica-se, segundo Mira, pela especialização da mídia - rádio, televisão, jornais e revistas - pela busca de públicos específicos, de acordo com o gênero e a faixa etária, determinando assuntos próprios para cada segmento da população. A partir da década de 80, com o aparecimento de editoras de pequeno porte, intensificou-se esse processo por buscarem espaço no mercado já competitivo, apostando em segmentos ainda não explorados pelas editoras já firmadas no mercado.

Foi mediante a ousadia e com o intuito de abrir novos nichos de mercado para segmentos ainda não explorados, que surgiu a Revista Raça Brasil.

Segundo a editora, a publicação da Revista Raça foi:

²⁴ O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX, p.147.

“Em 1996, em outro lançamento totalmente ousado e inovador, chega ao mercado a Revista Raça Brasil, que veio com a missão de afirmar o orgulho de milhões de negros brasileiros. E seu resultado foi de abrangência ainda maior, esta foi uma daquelas raras vezes em que uma revista influenciou a opinião pública a ponto de mudar a maneira como a mídia retrata seu público. Depois de Raça Brasil não há, em nosso País, uma única ação da mídia que não leve em consideração a verdadeira cor e alma do povo brasileiro²⁵.”

A Revista Raça foi um ‘lançamento ousado’, tendo como missão afirmar o orgulho e a ‘auto-estima’ de ‘milhões de negros brasileiros’, com um lançamento não apenas noticiado na mídia nacional, como em outros países, gerando, inclusive, debates acadêmicos.

Aroldo Macedo comenta essa repercussão na mídia, com Eliana Bonfigli:

“O primeiro número vendeu 300 mil exemplares, uma coisa absurda, um fenômeno que colocou o Brasil no mapa. Em seis anos que eu tinha morado nos EUA, nunca vi uma boa notícia do Brasil, a única boa notícia que teve foi essa, seis colunas no NY Times falando sobre a revista, no Washington Post, Atlanta, BBC de Londres, CNN. A gente passou uns dois meses, quase três meses, sem trabalhar direito, só dando entrevista para o Brasil inteiro, para todos os correspondentes do mundo inteiro, Portugal, Holanda, um clipping gigantesco²⁶.”

Aroldo Macedo foi um dos idealizadores do projeto e o primeiro editor da Revista Raça Brasil, mesmo não sendo jornalista. Em entrevista ao site Portal Afro, comenta que:

“Diplomado engenheiro civil, de uma hora pra outra virei modelo, fotógrafo, produtor cultural, videomaker, editor de revista, escritor e mestre - cuca razoável²⁷.”

²⁵ Site da Editora Símbolo, op.cit.

²⁶ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

²⁷ Portalaфро. <http://www.portalaфро.com.br/luana/aroldo.htm>.

A vida profissional de Aroldo Macedo é rica em diversidade. Ainda em entrevista com Eliana Bonfigli, comenta como ocorreu o processo de criação da Revista Raça:

“Eu estava morando nos EUA, onde trabalhava como videomaker em Nova York, há cerca de seis anos e vim para o Brasil fazer um filme, como fotógrafo. Era um documentário sobre capoeira. Eu estava procurando um patrocinador e me lembrei da Joana, dona da Editora Símbolo. Conversamos sobre o patrocínio, etc., e lá pelas tantas, surgiu a idéia: vamos fazer uma revista para os negros. Depois de muita conversa, disse para a Joana: tenho um nome bom para a revista – ‘Raça. Raça tem um duplo sentido, o negro entende que o outro negro é da raça. Se ele é da raça, significa que é negro. Raça também é força, determinação’. Ela falou: ‘Mas você não está dando esse nome para mim, está dando para uma coisa que você vai dirigir’. Respondi: ‘Não vou dirigir nada, não quero saber de revista, nunca fiz isso, meu negócio é o filme’. E insistiu, me mostrou a editora inteira e foi falando para os diretores: ‘Olha, o Aroldo Macedo vai fazer uma revista’. No dia seguinte marcamos uma reunião com toda a diretoria, rabisquei algumas coisas do que eu imaginava que poderia ser uma revista, fiz um organograma, cronograma de trabalho etc, de um dia para o outro. E todo mundo ficou assustado: porque a Abril não pensou nisso antes?”²⁸

Através das palavras de Aroldo Macedo, percebemos primeiramente que a revista surgiu por acaso, não havia ainda um projeto para seu lançamento e como ele não era jornalista, foi convencido pela proprietária da editora, Joana Woo, a dirigi-la. Da parte da diretoria, houve um sentimento de insegurança sobre a publicação, visto que editoras maiores, como a Abril, não haviam pensado em um lançamento para esse segmento da população brasileira.

Para Eliana M. Bonfigli, a escolha de Aroldo Macedo como idealizador do projeto de lançamento da revista foi, como já vimos, ao acaso, no entanto, não sem intencionalidades:

²⁸ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

“Aroldo Macedo foi modelo, ‘videomaker’, trabalhou na televisão, era bem-sucedido, tinha certa facilidade de transitar nos meios de comunicação e, a partir de então, passou a ser o editor potencial da revista.

A revista não teve uma pesquisa de mercado, porém percebe-se a existência de uma estratégia para que tivesse uma boa aceitação. A própria figura do Aroldo Macedo fazia parte desse processo²⁹.”

Segundo a autora, a figura de Aroldo Macedo fazia parte da estratégia de lançamento da revista, por ter trabalhado na mídia - na televisão - o que lhe proporcionaria transitar mais facilmente por estas áreas e também por ser bem-sucedido em suas atividades profissionais, que acreditamos estar associada à imagem de um negro da classe média, isto é, um negro com potencial de consumo, além de pertencer a esta etnia, fator que poderia contribuir para uma maior aceitação do público.

Peter Fry nos explica como foi montada uma segunda estratégia para o lançamento da revista:

*“Roberto Melo obteve alguns números a partir do livro *Racismo Cordial* (Turra e Ventura, 1995), (...) Descobriu que 59% da população brasileira ‘pode ser considerada descendentes de africanos, negros e mulatos e todas as suas variações’. (...) em seguida, descobriu que 10% dos negros e mulatos tinham renda familiar superior a vinte salários mínimos³⁰.”*

Uma estratégia foi a escolha da figura de Aroldo Macedo e a outra, a descoberta de como era dividida a população negra no Brasil. Roberto Melo, um dos diretores da editora, fez uma pesquisa através do estudo realizado pelo Jornal Folha da São Paulo, intitulado *Racismo Cordial*, em 1995, constatando que existia uma classe média negra no país, visto que antes mesmo de ser lançada, a revista já era considerada um fracasso no meio publicitário.

²⁹ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, p.46.

³⁰ A persistência da raça, p.259/260.

No site Portal Afro, Aroldo Macedo comenta a incredulidade do mercado publicitário:

“... logo que as agências de publicidade souberam que a revista ia ser lançada, eles ligavam para lá e diziam que ia ser um fracasso, porque ninguém ia anunciar, porque o negro não gosta de ser negro, não tem orgulho de ser negro; não vai comprar nada porque não tem poder aquisitivo, e assim por diante. Então, não convencidos por esses argumentos furados, nós fomos buscar números. Isso foi na época em que a revista já estava praticamente pronta e o departamento comercial precisava captar anunciantes. E chegamos a cruzamentos de números, com o IBGE, com a Datafolha, que mostraram que a classe média negra não era tão distante da classe média branca. Ou seja, a classe média do Brasil é muito pequena - tem quinze a vinte milhões de pessoas, não passa disso, para uma população de 160 milhões³¹.”

Assim, acreditamos que a estratégia para o lançamento da revista estaria associada à figura de Aroldo como editor, à descoberta de que o negro pode ser consumidor e a preferência do público ao qual a revista seria dirigida.

Aroldo Macedo comenta com Eliana Bonfigli que se baseou em si mesmo como leitor para delimitar como seria a revista:

“... fiquei nove meses trancado numa sala imaginando o que 59% da população gostariam de ver numa revista. Em primeiro lugar, tinha que ser uma revista que me agradasse, pois eu fazia parte desses 59%³².”

Mediante este depoimento, percebemos que Aroldo Macedo se inseriu nos 59% da população brasileira composta por negros e mulatos, que a revista seria feita primeiramente para essa parcela da população, e teria que agradar a todos.

³¹ Site Portalafrro, op. cit.

³² O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

O nome Raça Brasil, criado por Aroldo Macedo, segundo ele, significa determinação e identificação do negro para com outro negro.

Para Ellis Cashmore, o termo raça tem como um de seus significados:

“... ‘raça’ pode significar um grupo de pessoas socialmente unificadas numa determinada sociedade em virtude de marcadores físicos como a pigmentação da pele, a textura do cabelo, os traços faciais, a estatura e coisas do gênero³³.”

Acredito que, ao comparar o nome sugerido por Aroldo Macedo e a definição do termo raça como *‘grupo de pessoas socialmente unificadas em virtude de marcadores físicos’*, implicitamente, esteja presente a idéia de *‘unificação’* da população negra e mulata brasileira. Tendo como subtítulo - A Revista dos Negros Brasileiros - pensamos que o editor, em um primeiro momento, fez a revista para esses 59% da população brasileira, ou seja, para todos os negros, fator que logo no início da publicação foi contestado pelo próprio editor.

Em editorial da revista de nº2, (Raça, outubro de 1996), Aroldo Macedo comenta:

“O Brasil nunca mais será o mesmo! (...) a alguns metros da avenida mais famosa do país, a redação da RAÇA BRASIL estava apreensiva, aguardando os primeiros resultados da venda da nº1. Nunca tive dúvidas sobre o sucesso da revista, desde que começamos a criá-la, há quase um ano. Sempre soube que somos a grande maioria deste país. Que somos bonitos, inteligentes, consumidores exigentes. Mas a opinião dominante no mundo da comunicação era a oposta: ‘negro não tem orgulho’; ‘negro na capa não vende revista’; ‘negro não tem poder aquisitivo’. (...) A primeira notícia chega como uma explosão: A RAÇA esgotou em quase todas as bancas. Vamos ter que imprimir mais! Perante toda esta alegria, só nos resta fazer a RAÇA cada vez melhor. Com cada vez mais qualidade, de ponta a ponta, do início ao fim. Porque RAÇA BRASIL não foi criada para negros que lamentam sua condição. Foi concebida, isso sim, para os negros que têm orgulho e

³³ Dicionário de relações étnicas e raciais, p.453/454.

*consciência de saber que pertencemos a uma raça que nunca perdeu sua dignidade*³⁴.”

Esse editorial nos traz questões importantes, quando diz aos seus leitores que *‘somos bonitos, inteligentes e consumidores exigentes’*. Percebemos que a revista quer transformar a imagem imperante sobre o negro de que alguém com estas características seria o branco, visto que, historicamente, o padrão de beleza é o europeu, de que por falta de uma maior instrução, o negro seria menos questionador e de que, até então, não havia um espaço reconhecido deste como consumidor. Ressalta que Raça *‘esgotou nas bancas’* (apesar de não podermos confirmar tal afirmação), sugerindo que o sujeito negro tinha uma grande necessidade de se ver representado na mídia impressa, de que *‘Raça foi concebida para negros que têm orgulho e consciência’*, indicando-nos que a mesma não foi produzida para todos os negros, referindo-se aos militantes dos Movimentos Negros, que trataremos em outro capítulo. Esse editorial também nos leva a pensar que a revista, já em seu segundo exemplar, tem a intenção de *‘construir’* um sujeito negro consumidor, que se acha bonito, inteligente, orgulhoso, consciente de sua cor e tenha dignidade.

Na sessão Outras Palavras, encontramos uma curiosa carta, a única em nossa pesquisa, que se refere à profissão de jornalista:

*“Amei a revista. Está deslumbrante! Sou jornalista e o sucesso na minha banca de jornal foi muito grande*³⁵.”

Edméa Parizi, São Paulo, SP.

A consideramos curiosa pelo fato de que foi publicada na edição nº3 e na edição nº2, o editor fez menção ao esgotamento da revistas nas bancas, parecendo providencial que na edição seguinte houvesse uma carta confirmando o fato.

Os leitores parecem atentos para com as palavras do editor:

³⁴ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº2, p.3.

³⁵ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº3, p.9.

“Esperei por essa revista boa parte da minha vida, pois acredito, como vocês, que RAÇA BRASIL não foi concebida para negros que lamentam sua condição. Foi concebida, isso sim, para os negros que têm orgulho e consciência de saber que pertencemos a uma raça que nunca perdeu a dignidade. Como negra, mulher e trabalhadora assumo essa afirmação como minha consciência de vida aos 26 anos³⁶.”

Fátima M. A Moreira, Contagem, MG.

Em sua carta, a leitora reproduz as palavras do editor e as assume também como suas, ao dizer que ‘esperou por essa revista boa parte de sua vida’, mostrando que não se sentia representada dignamente em outras publicações do mercado editorial, trazendo pouca ou quase nenhuma matéria para a população negra. Não perder a dignidade está ligada à sua tripla condição de minoria oprimida: negra, mulher e trabalhadora, ‘minorias’ estas que tiveram uma história de lutas e resistência para serem reconhecidas e respeitadas.

O sucesso da revista logo nos primeiros exemplares também pode ser entendido pelo fato de que, no país, não havia uma revista para este público, com as características de Raça.

Em Outras Palavras, a leitora diz que:

“É com muita honra que escrevo para vocês. Estou felicíssima pelo lançamento da Raça Brasil. Tinha o hábito de comprar revistas americanas sobre negros, porque no Brasil não havia nenhuma do gênero. Estou torcendo para que vocês tenham um caminho de sucesso³⁷.”

Andréa de Fátima Dias. São Paulo, SP.

Nos exemplares de nº1 ao nº7, Aroldo Macedo ocupava o cargo de Editor-chefe, e do nº8 ao nº43, foi o Diretor-responsável pelos editoriais.

³⁶ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº5, p.9.

³⁷ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº2, p.8.

Denominamos como uma primeira fase, o período em que Aroldo Macedo era o único responsável pela linha editorial, dos exemplares de nº1, do mês de setembro de 1996 ao de nº24, do mês de agosto de 1998. Esta fase foi caracterizada pela grande quantidade de seções na revista, pelo grande número de anunciantes, pela identificação com uma cultura ancestral, visíveis através de matérias sobre consumo e beleza, na tentativa de atingir a um público variado. De cores fortes na capa, como o preto, amarelo, branco, vermelho, laranja e verde, com um grande número de colaboradores e assuntos focados na auto-estima, visibilidade e ascensão social, a publicação teve também edições especiais e a realização de concursos para modelo, além de distribuição de brindes para seus leitores.

Já no terceiro exemplar, ocorreram modificações na revista. Nos dois primeiros exemplares, ela era dividida em dois blocos: o primeiro continha as seções Beleza, Moda, Comportamento, Culinária, Lazer, Música, Esporte, Viagem, Consumo, Gente; a segunda parte era denominada Sempre em Raça, com as seções: Linha de Frente, Outras Palavras, Memória, Olho Vivo, Horóscopo, Solidariedade, Endereços e Última Página.

A seção Beleza trazia dicas de perfumaria; Moda lançava as últimas tendências do mercado; Comportamento trazia assuntos variados, como educação, trabalho, auto-estima; Gente entrevistava personalidades majoritariamente do mundo artístico; Culinária apresentava receitas de pratos brasileiros de grande aceitação, (como bobó de camarão); Lazer dava endereços de lugares badalados das grandes cidades e incluía Viagem, que mostrava lugares turísticos onde a população é, em sua maioria, de origem negra, (Salvador foi a primeira); Esporte, com matérias de futebol e outras modalidades; Música, mostrando os últimos lançamentos do mercado fonográfico e Consumo, com dicas variadas para presente.

Na segunda divisão do índice chamada Sempre em Raça, continha as seguintes seções: Linha de Frente, que é a palavra do editor; Outras Palavras, com as cartas dos leitores; Memória, lembrando uma personalidade negra (a primeira foi a mãe-de-santo Mãe Menininha); Olho Vivo, que denunciava casos de racismo; a sessão Horóscopo associando os signos aos deuses do candomblé (exemplo: Sagitário é Xangô); Solidariedade, apresentando uma personalidade da etnia branca que contribuiu para a comunidade negra (o primeiro foi Pierre Verger); Última Página, trazendo uma personalidade negra da atualidade (como Paulinho da Viola);

e Endereços, com as marcas de publicidade que apareceram na revista e seus respectivos telefones e endereços.

Já no exemplar de número três, mesmo com a divisão sendo a mesma, ocorrem associações e dissociações de algumas seções. Beleza e Moda, que eram seções separadas, se associam, sendo agora a seção Beleza/Moda. Lazer se associa à Cultura, e Viagem se dissocia de Lazer, passando a chamar-se Cultura/Lazer, trazendo dicas de filmes, livros, cd's e de locais badalados das grandes capitais. Ao se dissociar de Viagem, que trazia pontos turísticos pouco acessíveis, como Salvador, Ouro Preto, Cuba, entre outros; demonstra que o formato anterior de Viagem trazia mais opções para aqueles que tem poder aquisitivo para tanto e o novo formato para Cultura/Lazer apresentava opções de divertimento mais barato, portanto mais acessível para a maior parte de seus leitores.

Aroldo Macedo criou inúmeras seções, permanecendo na direção de Raça e sendo seu único responsável até o exemplar de número 24, que tinha como:

- Seções fixas: Beleza/Moda, Comportamento, Consumo/ETC, Culinária, Gente, Cultura/Lazer, Linha de Frente, Outras Palavras, Horóscopo étnico, Olho Vivo e Última Página.
- Seções novas: A pergunta é..., Jogo Rápido, Negros em Movimento, O que rolou por aí e Negras Palavras.
- Seções provisórias: Beleza, Moda, Lazer, Música, Memória, Solidariedade, Esporte, Tradição, Viagem, Turismo, Saúde, Resgate (que trazia nomes de personalidades, como Maria Rosa, modelo famosa na década de 80), Ponto de Vista, Fique em Forma (dando dicas de exercícios físicos para emagrecer e enrijecer o corpo), Decoração, Radar e Saí na Raça, que publicava fotos de leitores.

No primeiro ano da revista, essa grande variedade de seções nos leva a pensar que a mesma pretendia atingir os 59% da população de negros e afro-descendentes, pois atingiam vários públicos, devido à variedade de assuntos, no entanto, o público alvo eram as mulheres, pois a seção Beleza/Moda era a que ocupava o maior número de páginas da revista; sendo seguida pela seção Gente, depois Comportamento e por último, Cultura/Lazer.

A seção Beleza/Moda e a seção Gente ocupavam todo o conteúdo da revista; Comportamento se localizava do meio para o final, aproximadamente da página 50 para o final, e Cultura/Lazer tinha prioridade do meio para o fim da revista, sendo estas as seções que mais ocupavam espaço. Neste primeiro ano, a revista teve de 108 a 140 páginas, fazendo-nos refletir sobre seu público e suas intencionalidades.

As matérias sobre beleza e moda eram mais voltadas para as mulheres jovens, mas também foram encontradas 10 matérias para homens, 1 para os idosos, 2 sobre dietas alimentares, 8 para as pessoas com poucos recursos econômicos, 3 para as crianças, 2 para os obesos e 3 com roupas ou adereços étnicos baseados na África.

Através da seção Gente, percebemos implicitamente a questão da ascensão social do negro, visto que os entrevistados pela revista eram pessoas conhecidas da mídia ou com profissões reconhecidas. Emanuel Araújo - diretor da Pinacoteca do Estado; Glória Maria - apresentadora do Fantástico; Celso Pitta - prefeito de São Paulo; entre outros, que conquistaram a ascensão social mediante um esforço próprio.

Em Comportamento, um negro sintonizado com questões e temas como: casamentos inter-raciais, educação pública, educação familiar, afetividade/sexualidade, preconceito, mídia/publicidade, política, homossexualismo, trabalho, saúde, drogas, origens étnicas, violência contra a mulher, idosos e machismo.

Através da seção Cultura/Lazer, que indicava várias formas de divertimento, o negro aparece alegre, sorridente, de bem com a vida.

A questão do enfoque na auto-estima é assim explicada por Mira:

“... só através da auto-estima é que se podem operar mudanças. A nova mulher é alguém que pode fazer compras para si, exercer sua sexualidade sem timidez, descobrir o seu próprio valor. O fortalecimento do ego da leitora é uma das principais metas das matérias sobre comportamento, que abundam nesse tipo de revista. (...) Ao tentar ajudar a leitora a enfrentar essa nova realidade, seus métodos são em tudo semelhantes aos dos manuais de auto-ajuda. É típico da revista, antes de mais nada, o abuso dos advérbios “como” e “onde”. “Como abrir um negócio em

segurança (...) a possibilidade de constituir uma identidade diferenciada para a recuperação da auto-estima, noção hoje importante de uma maneira geral, mas que se torna vital para os grupos historicamente discriminados. Através das revistas (...) o mercado procura agir exatamente sobre este núcleo da questão da diferença que é a auto-estima, fornecendo aos grupos modelos que permitem a identificação e a auto-valorização. 'Black is business' porque 'Black is beautiful'. Valorizar o seu público é o que procuram fazer as revistas que surgiram para captar esses novos segmentos: Raça Brasil ...³⁸."

Entendemos que, se através da auto-estima é que se operam mudanças, e sendo este tema prioritário neste primeiro momento, as transformações almejadas seriam de cunho social, a partir de um ideal de identificação étnica, baseada na autovalorização que, por sua vez, também produziria uma força capaz de perpetuar essas mudanças.

Ressaltamos que no exemplar de número 22, ocorreram muitas separações entre as seções, ou seja, a seção Gente, dividiu-se nas pequenas seções Nossa gente, O que rolou por aí, Negro (a) Gato (a), e A pergunta é.... Já a seção Beleza/Moda dividiu-se nas seções Cabelo Bom, Beleza Pura e Antes e Depois. Em Cultura/Lazer, as seções dividiram-se em Radar e Controle Remoto.

Essas dissociações acarretaram em um maior número de páginas dos assuntos. Cabelo Bom, Beleza Pura e Controle Remoto, por serem seções que traziam propagandas, demonstram o aumento de anunciantes. Além disso, ao se tornarem específicas, estariam confirmando a aceitação do público leitor para esses assuntos.

Nesse primeiro momento, a revista lança um concurso próprio e sempre distribui brindes para seus leitores, como buttons, cd's e camisetas.

Nesse sentido, nos identificamos com a análise de Heloísa F. Cruz, ao afirmar:

³⁸ O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX, p.140/185.

“... na cata de assinantes, desenvolveram-se inúmeras artimanhas que variavam desde o envio do primeiro número para endereços selecionados, trabalho de agentes de porta em porta, tanto na capital como no interior, à organização de concursos que por vezes resultavam em concorridas votações dos leitores, os quais a cada número apareciam nas listagens nominais das seções do concurso, e à distribuição de prêmios entre assinantes³⁹.”

Já na edição de número nº9 (Raça, maio de 1997), foi lançado um concurso para eleger as garotas que gostariam de ser capa da Revista Raça, com a seguinte chamada:

“Você quer ser capa da Raça? Mande três fotos coloridas (2 de rosto e 1 de corpo inteiro) no tamanho 10x15cm para a redação da Raça Brasil e você poderá ser a próxima capa⁴⁰.”

A propaganda do concurso para ser capa da Revista Raça estava na seção Cartas, foi promovido no exemplar de nº9, aparecendo por três números consecutivos, com menos de um ano de publicação da revista. Teve o resultado divulgado com as três ganhadoras na capa do exemplar de nº16, quando a revista já estava no mercado há quase um ano e meio. É na seção de cartas da Revista Raça que apareceram os nomes dos ganhadores dos concursos e promoções realizadas pela revista, como brindes de camisetas, cd's e viagens, o que nos faz pensar em uma “artimanha” para que a revista fosse consumida e assim se fortalecesse no mercado editorial, ao mesmo tempo em que passa para o leitor comum a possibilidade de projetar-se.

As matérias sobre beleza, sob a coordenação de Aroldo Macedo, ganharam edições especiais. A qualidade editorial da Revista Raça era também estendida à estas edições.

³⁹ São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890/1915, p.140/141.

⁴⁰ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº9, p.8/9.

Em editorial do exemplar de nº8, (Raça, abril de 1997), Aroldo Macedo comenta sobre as edições especiais e também sobre as escolhas das matérias que serão publicadas:

“Filhotes da Raça - neste mês resolvi compartilhar com você algumas decisões aqui da redação que certamente você vai gostar de saber. São novidades importantes nessa nossa viagem de recuperação da imagem e auto-estima do negro no Brasil. Na maior parte das vezes, a gente vai as bancas, compra a nossa RAÇA BRASIL e nem faz idéia de que, para fazer a revista chegar as bancas, é armada uma verdadeira ‘operação de guerra’ na Redação e na Editora Símbolo. A jornada envolve desde definir as reportagens, produzir as fotos até colocar repórteres atrás das notícias, receber todo este material, refazer o que saiu errado, organizar cada página, tudo no prazo! Sim, porque a gráfica nunca pode esperar e as centenas de milhares de leitores que fizeram esse sucesso não merecem um dia sequer de atraso. Fazer uma revista talvez seja o melhor exemplo daquela frase conhecida: ‘Um bom trabalho consiste em 10% de inspiração e 90% de transpiração’. O mais importante, porém, ocorre antes: é a decisão de que assuntos a revista vai tratar. Como RAÇA BRASIL é a primeira grande revista para os negros, temos de contentar a todos, homens e mulheres de todas as idades. É natural que todos acabem de ler a revista querendo sempre ‘mais’ para si. Por isso percebemos que está na hora de nossa revista gerar ‘filhotes’. São edições especiais que abordam com profundidade e muitas páginas um único assunto. Um desses filhotes foi o RAÇA BRASIL ESPECIAL CABELOS CRESPOS, com dezenas de cortes e penteados para todas as idades. Sucesso absoluto, já ganhou sua segunda edição, nas bancas desde março. Ainda em abril, um especial inteirinho para um dos temas prediletos de todos os negros, do Brasil e do mundo: a música. RAÇA BRASIL ESPECIAL BLACK MUSIC trará reportagens e letras cifradas de sucessos do samba ao funk, do blues ao pagode, do jazz ao axé, e como é rica a nossa cultura musical! Com isso, estaremos presenteando os leitores e abrindo o leque de informações para aqueles que querem se aprofundar mais nesses assuntos tão próximos da nossa comunidade. Serão filhotes que já estão abençoados pelos deuses e, portanto

trilharão o mesmo caminho do sucesso da 'mãezona RAÇA'. E, se você ainda achar que é pouco, aguarde: afinal, ninguém segura nossa RAÇA BRASIL⁴¹."

Nesse editorial percebemos, através da fala do editor, que as matérias publicadas na revista passam por uma escolha tanto na redação como na diretoria da editora, e que, portanto há uma escolha dos assuntos e temáticas que serão publicados. Outro fator relevante se refere ao público, visto que todos, '*homens e mulheres de todas as idades*', querem saber mais sobre assuntos de seu interesse e por isso são lançadas as edições especiais, destacando o sucesso da revista através do lançamento desses '*filhote*'.

Através das propagandas e das capas, sabemos quantas foram essas edições especiais da revista, visto dispormos de uma pequena quantidade dessas edições. Apesar de não conseguirmos detalhar em quais meses elas foram publicadas, indicaremos os números das revistas onde as "especiais" aparecem na publicidade e nas capas. Na nº5, Raça Especial Cabelos Crespos; nº7, Raça Especial Cortes de Cabelo; nº8, Raça Especial Black Music; nº9, Raça Especial Cabelos Crespos.

Tendo como diretor-responsável Aroldo Macedo e como editor Francisco Oliveira, as edições especiais são subprodutos a partir de temas valorizados pela Revista Raça. Os números especiais se referem à beleza do sujeito negro, dedicando apenas um número à música, contudo, essas edições não interferiram na quantidade de matérias dedicadas à beleza na Raça. Como já citamos acima, as matérias sobre beleza e moda são as que ocupam maior espaço interno na revista.

As leitoras ficaram envaidecidas com as edições especiais, mesmo não concordando inteiramente com as propostas da revista:

"Estou simplesmente boquiaberta com a edição Raça Especial n.1. Todos merecem parabéns. Mas gostaria de saber sobre alguns cortes e alongamentos de

⁴¹ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº8, p.3.

cabelo exibidos nesta edição. Tem muitos penteados que sendo cabelo natural da raça negra não acredito que possam ser feitos daquela forma⁴².”

Rosimeire A dos Santos, Pindamonhangaba, SP.

Aqui, a discordância demonstra que a leitora não é passiva quando se refere ao visual do negro, indicando que não são todos os penteados ou cortes de cabelo que podem ser naturalmente feitos em cabelos crespos, sugerindo que deve ter havido algum processo químico - relaxamento, amaciamento ou alisamento - nos modelos expostos.

O sucesso de vendagem das edições especiais contribuiu para que a editora lançasse novos títulos sobre cabelo e música, com publicações mensais.

No editorial de nº10 (Raça, junho de 1997), Aroldo Macedo comenta sobre esse empreendimento:

*“**Divisão Raça Brasil** – O esforço e o desafio para todo mês oferecer a sua RAÇA BRASIL cada vez melhor talvez só seja superado pelo carinho e respeito que oferecemos em nossas matérias a você, leitor. (...) são tantos os imprevistos e o volume de correspondência é tão grande, que, tranquilamente, só pelas sugestões recebidas poderíamos fazer ‘algumas’ Raças todo mês (...) RAÇA BRASIL é feita para a família negra brasileira, e, ao contrário de outras revistas, não é segmentada para uma determinada faixa etária ou mesmo para uma classe social, o nosso grande objetivo é transformar nossas páginas em exemplos de luta e determinação, para que as experiências vividas por nossos entrevistados sirvam de ‘espelhos’ para nossa própria luta pessoal. O que a RAÇA está fazendo é simplesmente tirar o véu da invisibilidade dos negros, mostrando seu valor e sua beleza. Elevando sua auto-estima e aceitação. E para provar que a coisa é séria, estamos criando a Divisão Raça Brasil.*

A Divisão Raça tem como objetivo gerar ‘filhotes’ com mais informação específica. As primeiras ‘gestações’ serão a Visual da Raça, a revista mais completa para cabelos crespos do Brasil e Somblack, uma revista de música negra nacional e

⁴² Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº8, p.8.

internacional, onde a informação musical chega primeiro. Após o surgimento da RAÇA, parece que o Brasil acordou e se viu negro e lindo. Já podem ser vistos pequenos sinais da nossa comunidade negra sendo mostrados, com dignidade, nas outras revistas e nos comerciais de TV. Mas, meu leitor RAÇA, você sabe tanto quanto eu que essa 'onda black' não é uma onda pequena, uma marola que morre na praia. Ela veio para ficar e arrastar multidões⁴³

O editorial afirma a importância da revista no mercado brasileiro, porque é a única que surge para dar visibilidade ao negro, além de ser, democrática porque não faz distinção de classes. Percebemos a ênfase na auto-estima, na abrangência do público ao qual se quer atingir - a família negra brasileira -, na visibilidade que o negro está conquistando na sociedade e no aprofundamento de temáticas específicas, como cabelo e música. Visual da Raça e Som Black não são mais edições especiais, mas tornam-se outras revistas, 'filhotes' da Raça Brasil.

Sobre a Somblack, encontramos somente o primeiro exemplar, mas sabemos seguramente que Visual da Raça teve onze exemplares, isto é, permaneceu por quase um ano no mercado, sendo assim como a Revista Raça, uma publicação mensal.

No final da primeira fase, em Jogo Rápido nº22 (Raça, junho de 1998), encontramos uma entrevista relevante com Aldore Collier:

“Aldore Collier - O editor regional da revista Ebony, em Los Angeles, esteve no Brasil e falou com exclusividade à RAÇA BRASIL sobre os desafios e particularidades de se fazer uma revista para o leitor negro.

Raça - A revista tem conseguido atender às expectativas dos seus leitores?

Collier - Todo mundo tem diferentes expectativas em relação a um veículo que vai parar nas mãos de muitas pessoas.

Raça - Mas a Ebony é cobrada a tratar de questões mais profundas relacionadas aos negros?

⁴³ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº10, p. 4.

Collier - A idéia da Ebony sempre foi a de se inspirar nos negros. Talvez as pessoas queiram algo mais militante, mas o que elas precisam entender é que estamos mostrando que existe espaço para todo o mundo.

Raça - O senhor quer dizer que a beleza pode ser revolucionária?

Collier – (...) a beleza contribui para o aumento da auto-estima, da integridade. E, nesse ponto ela pode ser revolucionária.

Raça - A Ebony teve que se modificar para permanecer no mercado?

Collier - A mudança do formato foi significativa.

Raça - Isso foi uma exigência do Mercado?

Collier - Acho que a revista mudou porque o mercado e a sociedade mudaram.⁴⁴

Essa entrevista nos traz questões importantes a serem analisadas. Como já citamos em editoriais acima, a Revista Raça recebia uma grande quantidade de cartas de leitores solicitando que falassem sobre assuntos que lhes interessavam; vimos também que Aroldo Macedo fez uma revista para a família brasileira, gerando filhotes de temas específicos como beleza e música, o que nos leva a pensar que, inicialmente, a revista queria atingir a toda população. Mas as perguntas feitas para o editor de Ebony, que estava a 50 anos no mercado, nos sugerem que Raça queria tê-la como exemplo de sucesso a ser seguido, pois notamos que as perguntas se baseiam considerando a receptividade do público leitor, nas modificações editoriais para permanecer no mercado, nas questões da beleza e auto-estima. Essas questões nos levam a pensar que, já na primeira fase, a Revista Raça começava a questionar sua linha editorial mediante a queda nas vendas, revelando uma grande preocupação com o mercado.

Sobre as vendas, Francisco Oliveira comenta com Eliana Bonfigli:

“Para uma revista que vendeu 200 mil exemplares do número 1, depois ao longo de 6 ou 7 números continuou vendendo 150 mil, 180 mil, 130 mil. Se ficasse

⁴⁴ Jogo Rápido, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº22, p.35.

estacionada em 100 mil, ela tem público para isso. Mas geralmente quando as coisas começam a apertar, o desemprego, essas coisas todas, as pessoas começam a cortar gastos. (...) a classe média continuou comprando os 30 mil, 40 mil, 20 mil. Quem foi embora foi a classe C. Quem comprava a revista e deu esse 'bum' foi a rapaziada da periferia⁴⁵.”

Esse grande número de vendas nos primeiros exemplares nos faz refletir sobre o conceito de massa analisado por Mira, quando afirma que:

“O estudo das revistas de grande circulação parece indicar que o conceito de massa, quando associado à idéia de grande número, tem sua dimensão de realidade, mas se pensado como homogeneidade foi apenas uma cortina de fumaça que nos impediu de perceber a diversidade dos públicos da indústria cultural. Uma diversidade que sempre existiu. Entre a hipótese de que estaríamos passando por um processo de desmassificação interior que o conceito de massa ocultava, a análise das revistas aponta mais para a segunda, embora seja notável a aceleração do processo de segmentação nas duas últimas décadas do século XX⁴⁶.”

A análise conjunta da entrevista de Collier, o depoimento de Francisco Oliveira e a definição do conceito de massa por Mira nos sugerem que a Revista Raça não agradava aos 59% idealizados por Aroldo Macedo. Se em um primeiro momento podemos afirmar que Raça, por vender um grande número de revistas, poderia ser considerada de massa, visto que tanto os negros da classe média como os da periferia compravam a revista, em um segundo momento, ao anunciar que a classe C foi embora, percebemos uma heterogeneidade na população negra e que, a partir dessa queda nos números de leitores, a revista mudaria sua linha editorial para recuperar o mercado, já que não estaria mais conseguindo atender as expectativas de seus leitores.

Em outro editorial, de nº26 (Raça, outubro de 1998), Aroldo Macedo comenta:

⁴⁵ O que aconteceu com a revista Raça Brasil, anexos.

⁴⁶ O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX, p.11.

“É da natureza humana o sentido eterno de mudanças. Afinal, foram com elas que muitas vezes alcançamos o atual estágio de desenvolvimento no nosso planeta. Se todas essas modificações, para nós, humanos, foram boas ou más, aí já é outra história. No nosso caso, mudamos sempre para melhor. A sua Raça também está passando por mudanças. Mexemos no time. Fomos buscar a experiência de Maria Amélia Rocha Lopes - uma jornalista que passou pelo Jornal da Tarde, TV Cultura, Veja e, é lógico, sabe tudo de negritude - para assumir o cargo de editora-chefe. Tereza Bissoto assume a editoria de arte com a competência e a sensualidade que sempre demonstrou nas maiores revistas do país. E o nosso Francisco Oliveira, o Fran, assume a editoria de texto. Raça Brasil, contrariando o ditado popular, introduz uma novidade: em time que está ganhando, também se mexe! A edição está repleta de mudanças e transformações (...) Raça Brasil mostra que a imagem da periferia também deve mudar. Levada pelas mãos do grupo de rap Doctors MC'S, nossa repórter Carla Nascimento esteve na Cohab de Cidade Tiradentes, em São Paulo, e descobriu que o gueto não é somente sinônimo de descaso e violência. Dali pode vir uma revolução cultural. E falando em cultura, o repórter Celso Rosa faz um raio x da Bienal internacional de São Paulo, que; nesta edição investe pesado no tema negritude! Pois é, a Bienal também mudou. Mudar, mudar sempre. É aí que reside nossa esperança e nossa força⁴⁷.”

Maria Amélia Rocha Lopes, a jornalista citada no editorial, tinha sido colaboradora nos exemplares de números 18, 23 e 24, e assumiu o cargo de editora-chefe no exemplar de nº25, contudo, como era edição de aniversário, a mudança só foi noticiada no editorial de nº26.

Nesse editorial, notamos que Aroldo Macedo justifica que a mudança na linha editorial se deu para melhor, por trazer profissionais experientes para trabalhar na revista, como Maria Amélia Rocha Lopes, que trabalhou em diferentes veículos de comunicação (como a TV Cultura e a Revista Veja), Tereza Bissoto, que trabalhou nas maiores revistas do país, e Francisco Oliveira, que trabalhou na Raça desde o primeiro exemplar, além de ter sido repórter, editor da Revista Visual, colaborador e

⁴⁷ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº26, p.3.

revisor. Chamou-nos a atenção a matéria sobre a Cidade Tiradentes, mostrando que a revista buscou novamente a classe C, que deixou de consumir a revista.

Nessa primeira fase, foram determinantes as modificações na revista, tanto em sua linha editorial, ao criar seções, dos novos profissionais que trabalhavam na redação, nas edições especiais e nas novas publicações ('filhotes'), bem como pela perda de leitores.

A partir dos exemplares de nº25 de setembro de 1998 ao de nº34, de junho de 1999, tendo Aroldo Macedo como diretor-responsável, Maria Amélia Rocha Lopes como editora-chefe e Francisco Oliveira como editor, passamos a discutir o segundo período da revista.

As edições dessa segunda etapa tinham como

- Seções fixas: Beleza/Moda, Comportamento, Nossa Comida, Gente, Cultura/Lazer, Linha de Frente, Outras Palavras, Horóscopo-afro, Olho Vivo, Negros em Movimento, Jogo Rápido, Nossa Gente, Cabelo Bom, Beleza Pura, O que rolou por aí, Controle Remoto, Negro (a) Gato (a), Aonde ir – (antiga Radar), e Negras Palavras.
- Seções provisórias: Turismo, Saúde, A pergunta é..., Especial e Internacional.
- Seções novas: Moda e Estilo, Minha Vida, Atitude e Trabalho.
- Seções que saíram: Antes e Depois, Consumo, Saí na Raça e Radar.

A seção Especial que apareceu nas edições de nº25, 27 e 28 pode ser denominada como uma complementação de Comportamento, pois trazia matérias com os títulos: 'Nossa cor é linda', 'O futuro é nosso', 'Trabalho infantil, vergonha nacional'.

A seção Minha Vida trazia a história real de uma pessoa que conseguiu vencer obstáculos, como a atriz Léa Garcia.

A seção Atitude trazia a opinião de uma psicóloga para esclarecer dúvidas dos leitores, que, na maioria das vezes, eram referentes às formas de se lidar com situações racistas no cotidiano.

A seção Trabalho apresentava alternativas de como superar o desemprego, com dicas de cursos técnicos.

A seção Moda e Estilo era uma seção que dava dicas de acessórios, como tênis, pochetes, gargantilhas, chinelos, óculos de sol, sendo uma complementação da moda, porém com produtos a preços mais acessíveis, como as sandálias Havaianas, mais especificamente no ano de 1997 e 1998.

Maria Celeste Mira nos esclarece que moda e estilo são coisas distintas, pois:

“... deveríamos fazer uma distinção entre moda e estilo. Por mais que o vestir-se seja organizado pela indústria da moda, o estilo é sempre algo pessoal e todos os indivíduos, conscientes disto ou não, têm um estilo. (...) Cuidar do corpo, escolher suas roupas tem sido uma ‘oportunidade para criar alguma coisa’. Assim como um artista ou qualquer criador, a mulher escolhe e adapta ao seu estilo pessoal as técnicas e convenções que estão à sua disposição⁴⁸.”

Esse fator nos indica que, com uma seção denominada Moda e Estilo, implicitamente, haveria a possibilidade de leitores com menor poder aquisitivo consumir produtos mais acessíveis, mas seguindo as tendências da moda.

Com Maria Amélia Rocha Lopes como editora chefe, foi mantido o formato anterior, contudo, as modificações foram mais quanto ao número de páginas dedicadas a cada assunto do que no corpo editorial. As seções Gente e Beleza/Moda tiveram o número de páginas diminuídas; Comportamento seguiu a tendência anterior; Cultura/Lazer passou a ter um maior número de seções, seguindo a mesma temática, como Nossa Gente, O que rolou por aí, Controle Remoto e Aonde ir, tendo então no total um maior espaço para o entretenimento.

⁴⁸ O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX, p.136.

É nesse período que a revista começará gradativamente a ter uma preocupação maior com o público mais jovem.

A seção Gente passou a ter seu espaço no começo da revista até a página 30; Comportamento, da página 20 até as páginas 50 a 60, aproximadamente; Beleza/Moda teve seu espaço do meio, aproximadamente na página 40 para o fim da revista, e Cultura/Lazer, em todo o conteúdo da revista.

Podemos analisar essas mudanças da seguinte forma: Beleza/Moda, mesmo com um menor número de páginas, continuou sendo a seção que mais ocupava espaço na revista, contudo, era precedida por assuntos referentes a Comportamento e às Entrevistas. A seção Cultura/Lazer que também é disposta por todo o conteúdo da revista e, por último, a seção Gente, que se encontrava no começo, mas com menor número de páginas.

Se com Aroldo Macedo a seção Gente trazia entrevistas com personalidades e pessoas que ascenderam socialmente, Maria Amélia Rocha Lopes apenas trouxe uma entrevista com a vice-governadora Benedita da Silva, que não é do meio artístico, como exemplo de uma mulher da periferia que ocupa um cargo político.

Nessa segunda fase, na seção Beleza/Moda encontramos 3 matérias direcionadas para os homens, 4 para a parcela menos favorecida economicamente, 1 referente à adornos africanos e 1 de dieta alimentar, demonstrando que além do público jovem, a revista estaria se ‘especializando’ no público feminino, e não mais seguindo a tendência anterior de agradar aos 59% da população composta por negros e mulatos, mesmo que o subtítulo “A Revista dos Negros Brasileiros” tenha permanecido.

Em Comportamento, os assuntos continuaram variados, no entanto havia uma predominância de enfoques para a periferia, para o combate ao preconceito, ênfase no trabalho, na afetividade/sexualidade, nas relações inter-étnicas e na educação familiar.

Essas modificações não passaram despercebidas para os leitores da revista, como podemos comprovar na carta a seguir:

“Em primeiro lugar, quero parabenizá-los pelo sucesso das matérias de RAÇA BRASIL. Com iniciativas como essa sabemos que, a cada dia, nós negros, estamos conquistando mais espaço. Por falar nisso, quero saber porque vocês tiraram a seção Saí na Raça. Aquele era o único local onde tínhamos a oportunidade de aparecer!”⁴⁹

Conceição Aparecida Silva. Três Corações, MG.

A seção citada pela leitora trazia fotografias de leitores de todos os estados brasileiros, nas mais diversas situações, ora exibiam fotos de corpo inteiro, ora apenas de rosto, de crianças, jovens, adultos, homens e mulheres. Era uma seção pequena, com apenas uma página, mas que era plenamente preenchida pelas fotografias. A leitora não deixa de reconhecer a importância da revista, mas percebe e cobra sua transformação, reivindicando mais espaço para pessoas como ela.

Sobre a Cidade Tiradentes, a leitora escreve:

“Quem escreve é uma mãe que vocês deixaram muito feliz. Moro na Cidade Tiradentes, onde vocês fizeram a reportagem (Raça nº26) que mostrou a realidade desta cidade. Aqui vivem jovens decentes, estudiosos, que talvez sejam marginalizados pela cor e local onde moram. Mas a repórter Carla Nascimento soube distinguir as coisas. Vocês colocaram fotos de página inteira de meninas que não são conhecidas, mas que tiveram o privilégio de sair na RAÇA - um sonho de tantos jovens negros. (...) Façam isso mais vezes: coloquem gente famosa e também pessoas simples na revista que ela vai se tornar cada vez mais respeitada por negros e brancos⁵⁰.”

Maria A dos Santos Valias, São Paulo.

Antes da matéria sobre Cidade Tiradentes, na periferia de São Paulo, apenas uma matéria tinha sido publicada sobre a periferia, mais especificamente na de nº6 (Raça, fevereiro de 1997), intitulada ‘Mangueira e Bronx na mesma direção’. Ao se

⁴⁹ Conexão Black, Raça Brasil, nº41, p.7.

⁵⁰ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº31, p.10.

verem representados de forma positiva, os moradores pedem que a revista dê mais atenção para as pessoas simples. O exemplar de nº29 (Raça, janeiro de 1999) trouxe a matéria “Rocinha, um retrato do Brasil”. Há uma necessidade das pessoas que moram na periferia, especialmente os negros, de serem representados neste veículo de forma positiva, ao contrário do que certos meios de comunicação, como jornais e televisão os representam, ao mostrarem apenas crimes e violência nessas comunidades.

Essas matérias, com a direção de Maria Amélia Rocha Lopes, nos sugerem uma tentativa de reconquistar esses leitores, visto que quem mais comprava a revista eram as pessoas da periferia.

Nesse segundo período, a partir do nº25 (Raça, setembro de 1998), a Malharia Malwee e a Revista Raça lançaram juntas uma coleção de roupas. Na seção Moda e Estilo, encontramos uma nota fazendo a propaganda:

“Raça vira Grife - A qualidade das roupas Malwee aliou-se ao nome Raça Brasil. Vestidos, saias, bermudas, camisetas, e tops de malha e moletom saem da fábrica com a marca registrada da revista dos negros brasileiros. São peças básicas, a preços acessíveis. Agora, em todo o país, onde tem Malwee tem Raça⁵¹.”

Com a direção de Maria Amélia Rocha Lopes, as modificações mais acentuadas referem-se aos assuntos abordados, sendo que a auto-estima não era mais a temática predominante, mas não desapareceu da revista. Temas referentes ao preconceito também diminuiriam, assim como assuntos voltados para os idosos, aparecendo apenas uma vez, e para as crianças, duas. Em Comportamento, contudo, percebemos que há uma estratégia para que a parcela mais pobre da população retornasse a ser leitora de Raça, como já foi indicado nesse texto.

Em entrevista à Eliana Bonfigli, Francisco Oliveira comenta a permanência de Maria Amélia na revista:

⁵¹ Moda e Estilo, *Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros*, nº26, p.20.

“... só que ela vinha de um veículo totalmente diferente, a linguagem era outra. A revista era um fenômeno em todos os sentidos, os leitores são super exigentes, eles cobram, lêem a revista de cabo a rabo⁵².”

Com sua experiência em TV e na imprensa, Maria Amélia Rocha Lopes modificou a revista, contudo, essas alterações não significaram que a mesma agradou a seus leitores, segundo Francisco Oliveira.

O início do terceiro período se deu com a saída de Maria Amélia, no exemplar de nº35 (Raça, julho de 1999). Do nº36 (Raça, agosto de 1999) ao nº43 (Raça, março de 2000), Raça tinha como diretor-responsável Aroldo Macedo e como editores Amélia Nascimento e Francisco Oliveira, que dividiam a redação.

Nesta terceira fase, a linha editorial passou por mudanças profundas: o subtítulo “*A Revista dos Negros Brasileiros*” não mais aparece, o Horóscopo não tem mais denominações africanas e volta a ter a denominação greco-romana, como áries, peixes, que são denominações habituais em diferentes meios de comunicação, como revistas e jornais. Surgem seções novas e reaparecem antigas seções, além da mudança de nome das mesmas, enfim, foi um período de reajustes e novos caminhos.

- Seções fixas: Beleza/Moda, Comportamento, Culinária, Gente, Cultura/Lazer - Cultura, Linha de Frente, Outras Palavras, Conexão Black, Cartas, Horóscopo, Olho Vivo, Negros em Movimento, Nossa Gente, Cabelo Bom, Beleza Pura, Aonde ir, Moda e Estilo.
- Seções provisórias: Negras Palavras, Jogo Rápido, O que rolou por aí, A pergunta é..., Controle Remoto, Negro (a) Gato (a), Minha Vida, Negócios, Crônica, Negros no Mundo.
- Seções que ressurgem: Esporte, Galeria, Saúde, Ponto de Vista, Trabalho.
- Seções novas: Música por aí, Corpo e Mente, Notas e Notícias, Blackbuster, Literatura, Dúvidas, Humor, Mundo Moderno e Negros no mundo.

⁵² O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

A seção Notas e Notícias trazia pequenas informações sobre assuntos variados, como festas, exposições e reveillon.

Negros no Mundo citava acontecimentos como o Apartheid, na África do Sul, em Cuba, entre outros países.

Corpo e mente mostrava remédios e tratamentos alternativos, como florais e homeopatia.

A seção Mundo Moderno trazia temas sobre ecologia, majoritariamente.

A seção Dúvidas apresentava questões variadas sobre emprego, saúde, alimentação, etc.

Beleza/Moda, Comportamento, Gente e Cultura/Lazer seguiam a tendência de Maria Amélia Rocha Lopes, com relação ao número de páginas.

Beleza/Moda ocupava todo o conteúdo da revista, com prioridade para o meio, aproximadamente da página 50 ao final da mesma. A seção Comportamento mantinha-se no começo, aproximadamente até a página 35 e também no final, e Gente, em todo conteúdo, mas priorizando o começo, assim como Cultura/Lazer.

A seção Gente voltou a retratar não só artistas como também pessoas com outras profissões, entre eles: alfaiate, mãe-de-santo, pedagoga, atletas.

A parte que ainda tinha prioridade na revista continuou sendo Beleza/Moda, contudo, o enfoque era dado para Comportamento, seguido de Cultura/Lazer e, por último, a seção Gente.

Comportamento diminuiu os temas abordados: mídia, afetividade, maternidade, terceira idade e preconceito foram as temáticas mais recorrentes.

Entendemos que o fato da revista apresentar uma grande variedade de seções tinha o intuito de satisfazer a um público mais heterogêneo, abordando temáticas de interesse tanto de homens como de mulheres de diferentes faixas etárias.

Os leitores perceberam essas modificações e se posicionaram diante delas.

“Não gostei das novidades da revista. Adoro aquele mapinha do Brasil no final de cada reportagem e os desenhos africanos das páginas de vídeo, discos e livros. Agora, com todo esse colorido, a RAÇA ficou igual a outras revistas⁵³.”

Sonia Guimarães, por e-mail.

A Revista Raça tinha algumas particularidades, se comparadas com as outras revistas do mercado: uma delas eram desenhos tribais que adornavam as bordas das páginas de algumas seções, dentre elas a de Cartas. O “mapinha” ao qual a leitora se refere era inserido em todo final de reportagem, mas foi substituído pela sigla (RB). O dito mapa era do contorno do Brasil e era bem pequeno, o que nos indica que o leitor estava atento não apenas com relação ao conteúdo das matérias, mas também à apresentação gráfica.

Uma outra particularidade da revista era quanto às cores da capa, pois esta era a forma primeira de atrair e prender a atenção do leitor, visto que as revistas nas bancas de jornal não estão expostas sozinhas e sim concorrendo com outras publicações. Com o primeiro editor-chefe da revista, Aroldo Macedo, as cores fortes e os fundos contrastantes foram predominantes: amarelo, laranja, verde, azul, lilás, rosa e vermelho aparecem na quase totalidade das capas. Sabemos que a escolha das cores que irão compor as letras e o fundo de uma capa de revista não é aleatória e que, no caso específico da Revista Raça, as cores amarela, laranja e vermelho se referem a um simbolismo associado a Mãe África, o que nos indicaria uma possibilidade de referência cultural ancestral. Com a atuação dos outros editores, as cores deixaram de ser tão fortes, mesmo havendo poucas alterações nas três fases, o que modificava eram os fundos das capas, já que com Aroldo Macedo, estes eram de tonalidades mais fortes.

Os leitores novamente se mostraram atentos:

“Gosto da tendência da RAÇA de colocar cores vivas na capa. Ela deve mesmo ter tonalidades fortes, para combinar melhor com a pele negra. Na minha opinião, vocês não devem colocar tons esmaecidos⁵⁴.”

⁵³ Conexão Black, Raça Brasil, nº39, p.8.

⁵⁴ Conexão Black, Raça Brasil, nº40, p.8.

Marilene Gonçalves, São Paulo.

As cartas revelam mudanças que parecem não ter mais os negros como prioridade. Para opinar, os leitores tinham como referência o período relacionado à primeira fase da revista, que eram mais afinada com a presença dos negros.

Os leitores percebem as modificações na revista apenas olhando-a nas bancas, antes de folhear ou mesmo de comprar um exemplar.

“Tenho notado mudanças no visual da capa. Percebi isso olhando a revista nas bancas. O tratamento visual está muito mais elegante. Gostei. Continuem assim⁵⁵.”

Américo de Alencar. São Paulo.

Neste terceiro período, quando Amélia Nascimento e Francisco Oliveira dividiram a redação, a ênfase no tema da auto-estima foi substituída por noções de cidadania, pela possibilidade de ascensão social e por denúncias de racismo, tornando-os assuntos prioritários. As crianças não mais aparecem e temas referentes ao entretenimento continuam tendo muitas páginas.

No editorial do exemplar de nº43 (Raça, março de 2000), Aroldo Macedo justifica sua saída da revista:

“Após três anos de convivência, a coluna Linha de Frente sai do ar. Estou assumindo novas funções, entre elas a de diretor de projetos especiais do grupo Raça, e saindo assim, da parte editorial. (...) Sei que muitas vezes você teve críticas veladas e sinceras a uma ou outra reportagem da revista. (...) Sempre dei atenção a todas as suas opiniões. Essa sua atitude ajudou muito a tornar a Revista Raça um ícone de resistência e visibilidade. Afinal, a revista é para você. Toda sua. Para seu deleite e prazer. (...) Tenho novos desafios e algumas novidades para os próximos

⁵⁵ Conexão Black, Raça Brasil, nº40, p.8.

dias. Sabe, quando é inevitável, quase imperioso, ter de continuar a abrir novas frentes, novos atalhos para a nossa comunidade?(...) ⁵⁶”

Neste editorial, quando Aroldo Macedo usa as palavras ‘*inevitável*’ e ‘*quase imperioso*’, podemos perceber certo ar de ressentimento e de que algo maior que sua vontade o levou a ‘*abrir novas frentes*’ para a comunidade, reafirmando seu compromisso com os negros, só que ele não veio a ocupar nenhum outro cargo de diretoria do grupo.

Em entrevista ao site Portal Afro, o próprio Aroldo Macedo comenta o fato:

“... de uma certa forma eu já havia previsto e alertado a editora, de que a dinâmica da sociedade no corte com o qual a revista se comunicava, que era a comunidade negra, estava tendo uma dinâmica muito maior do que se poderia supor. E a gente teria que, rapidamente, colocar um termômetro, tirar a pulsação desse movimento e participar mais organicamente desse processo, dessa mudança que a própria Raça estava gerando. Mas a editora foi um pouco tímida nesse aspecto e não percebeu essa mudança. Então eu achei que estava na hora, saí do processo e montei meu próprio negócio ⁵⁷.”

Na fala de Aroldo Macedo, entendemos que os canais de comunicação entre os negros se ampliaram e a revista estaria perdendo sua força inicial, questão que discutirei no capítulo 2.

Em entrevista à Eliana Bonfigli, Aroldo Macedo complementa:

“... para a revista sair, a redação precisa do aval da diretoria. E a diretoria não tinha em seu quadro nenhum diretor negro. Eu era o único negro. Aliás, fui o único diretor de redação negro do Brasil, não sendo jornalista, fiz um curso de uma hora e meia, eu não sabia o que era olho, título, etc ⁵⁸.”

⁵⁶ Linha de Frente, Raça Brasil, nº43, p.3.

⁵⁷ Site Portalafo, op.cit.

⁵⁸ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

Através do editorial e das duas entrevistas, notamos que Aroldo Macedo tinha certa dificuldade para que a direção da editora compreendesse e acompanhasse as necessidades da população negra, num processo de mudança que a própria Raça tinha iniciado através da sua visibilidade. Aroldo Macedo era o único diretor-responsável negro, e a diretoria da editora era composta por pessoas de outras etnias, o que dificultava a compreensão sobre as mudanças pelas quais a população negra estava passando.

A partir de agora damos início a quarta fase da revista, com a saída de Aroldo Macedo no exemplar de nº43 (Raça, maio de 2000), iniciado no exemplar de nº44 (Raça, abril de 2000) ao de nº55 (Raça, março de 2001), em que Amélia Nascimento é a editora-chefe e Francisco Oliveira o editor, contudo, no exemplar de nº49 (Raça, setembro de 2000), Francisco Oliveira também se desliga da revista.

Este período teve como:

- Seções fixas: Beleza/Moda, Comportamento, Culinária, Esporte, Gente, Cultura/Lazer, Música por aí, Editorial-Primeiras Palavras, Cartas, Galeria, Horóscopo greco-romano, Olho Vivo, Saúde, Ponto de Vista, Nossa Gente, Cabelo Bom, Beleza Pura, Antes e Depois, Aonde ir, Moda e Estilo, Trabalho, Notas e Notícias, Cinema e Vídeo, Negros no mundo, Cultura e Corpo e Mente.
- Seções provisórias: Do seu jeito, Dúvidas e Humor.
- Seções novas: Do seu jeito e Intimidade.
- Seções que saíram: Jogo Rápido, Negro (a) Gato (a), Controle Remoto, O que rolou por aí, Negras Palavras e Mundo Moderno.

A seção Intimidade entrou no lugar de Dúvidas, com leitores escrevendo e recebendo respostas para suas perguntas, e a seção Do seu Jeito só apareceu no nº49, com dicas de como combinar acessórios, roupas e alimentação. Neste quarto período, a disposição e o espaço reservado para as seções Beleza/Moda, Comportamento, Gente e Cultura, com exceção de Gente, que continuou ocupando o início da revista, são iguais ao primeiro período, quando a revista era coordenada apenas por Aroldo Macedo. Esse fator nos sugere que diante das mudanças, havia uma necessidade de repetir uma fórmula que havia dado certo.

Na seção Comportamento, os temas voltaram a ser variados: trabalho, mídia, consumo, temáticas africanas, maternidade, terceira idade, relações inter-raciais, afetividade, paternidade e educação escolar. Já em Beleza/Moda, tiveram duas matérias voltadas para o público masculino, uma com temáticas africanas e uma sobre obesidade.

Nesse período, dentro da seção Cartas, surge uma novidade que se chama Leitor do Mês, onde uma pessoa que enviou uma carta para a redação conta sua história pessoal e a importância da revista em sua vida.

Quanto à escolha das capas, percebe-se que há uma predominância em retratar pessoas comuns, com diferentes ocupações, como aeromoças e engenheiras, que exercem diferentes profissões, valorizando a inserção dos leitores no mercado de trabalho. Como exemplo, apresentou uma moça que ascendeu socialmente através da carreira de modelo, enfrentando muitas dificuldades

No exemplar de nº47(Raça, julho de 2000), a Editora Símbolo se associou à Editora Abril.

Em depoimento à Eliana Bonfigli, Francisco comenta esse processo:

“... a Joana se associou a Abril, até para usar o departamento de assinaturas e o sistema de distribuição da Abril. Ela queria essas duas coisas. Não sei que tipo de acordo que fez com o diretor Roberto Civita. Ele comprou uma parte, injetou dinheiro na editora. A Símbolo sempre se orgulhou de ser uma editora independente, ousada, de lançar títulos que causavam certa polêmica (...) ela começou a aparecer aos olhos das outras editoras, como a Globo e a Abril, ambas tinham uma proposta. Porque virá uma lei permitindo ao capital estrangeiro entrar no ramo. A Abril não tinha necessidade nenhuma de comprar ou de se associar à Símbolo. O único título que a Abril não tinha era a Raça Brasil (...) com o estrangulamento do mercado, a Joana teve que fechar alguns números, para poder ganhar fôlego e poder voltar. No primeiro momento ela queria tornar a Raça trimestral, depois bimestral. Para ganhar um tempo, criar uma estratégia (...) [Raça] ela parou em julho por uma questão de mercado, estava passando um período financeiro difícil. A parceria que a Joana tinha feito com a Abril não era exatamente o que se esperava, não deu o resultado que ela esperava. Cortou gastos na Raça,

porque os números não estavam indo bem. Na última vez estava com uma tiragem de 20mil exemplares, muito pouco, com uns 8 a 10 mil de assinaturas⁵⁹.

Sobre a Editora Abril, Mira comenta:

“... Editora Abril, uma vez que ela é, há muitos anos, a maior do setor. Dos 371 milhões de exemplares que circularam em 1996, 199 milhões eram seus ou de suas subsidiárias, ou seja, mais de 50% do volume do mercado. Juntando-se o setor gráfico, o maior da América Latina, com o editorial, esse número subia para 70% do mercado brasileiro. Em 1995, 65,3% da verba publicitária aplicada em revistas para adultos foi para os cofres da Abril. Dos 590 títulos vendidos em banca, 200 estampavam na capa seu logotipo (...) Em grande parte foi a Abril que modernizou, a partir dos anos 60, todo o setor em seus aspectos produtivos, gráficos e de distribuição. Através dela pode-se deslindar grande parte do desenvolvimento do mercado de revistas no Brasil⁶⁰.”

Segundo as afirmações feitas acima, há 40 anos a Editora Abril modernizou seu setores produtivos, gráficos e de distribuição. O interesse da Símbolo era participar da distribuição e do sistema de assinaturas da Abril, contudo, o resultado dessa parceria não foi o esperado, pois a Símbolo perdeu sua independência e ousadia, ocasionando corte de gastos na Raça, devido aos resultados insatisfatórios quanto a vendagem.

Quando as duas editoras se associaram, no ano 2000, a Revista Raça já havia perdido os leitores da classe C, a responsável pelo ‘boom’ em vendas. Os diretores da Símbolo se intimidaram com as mudanças que estavam ocorrendo com a comunidade negra e não avaliaram sobre a melhor estratégia a ser utilizada. Os editores negros não eram compreendidos pelos diretores, já que questões ligadas à comunidade negra tinham, obviamente, prioridade, e a editora estava interessada mais em resultados do que conteúdo.

⁵⁹ O que aconteceu com a revista Raça Brasil, anexos.

⁶⁰ O leitor e a banca de revistas – a segmentação da cultura no século XX, p.8.

Com a entrada da Editora Abril, notamos uma mudança até mesmo na lombada da revista: no exemplar de nº47, teve uma diminuição no tamanho da revista, 1cm na altura e 0,5 cm na largura, e também diminuição no número de páginas, que antes variava entre 108 e 116, e passou a ter entre 84 e 100 páginas. A área de recursos humanos também sofreu alterações, com o corte de funcionários terceirizados, que no nº46 teve 54 colaboradores e no nº47, do mês de abril, caiu para 25, chegando a diminuir para 8 e se estabilizando em torno de 20 colaboradores.

Como mencionamos, Francisco Oliveira se desligou da revista no nº49, sendo Amélia Nascimento a única responsável pela redação, assim permanecendo nos exemplares de nº50 (Raça, outubro de 2000) ao nº55 (Raça, março de 2001).

Nesse quarto período, a revista sofre novas modificações no corpo editorial.

- Seções provisórias: Cultura/Lazer, Música, Educação, Reportagem, Serviço, Entrevista e Saúde.
- Seções que saíram: Culinária, Esporte, Antes e Depois, Moda e Estilo, Cinema e Vídeo, Negros em Movimento.

A seção Serviço tratava de matérias intituladas 'Dívidas, acabe com elas', e 'Estudar no exterior: um sonho ao alcance do seu bolso'. A seção Reportagem trazia assuntos variados como sugestões de comidas afro-brasileiras e o apoio da Onu e do Ministério da Justiça para o rapper Mv Bill, que cuida de projetos comunitários no Rio de Janeiro.

Estas mudanças de seções foram percebidas pelos leitores, como podemos ver nas cartas a seguir:

“Porque vocês acabaram com as seções Negro Gato e Negra Gata? Eu simplesmente as adorava! Ao abrir a revista era o que lia primeiro⁶¹”.

Janaina B. Nascimento - por e-mail.

⁶¹ Cartas, Raça Brasil, nº42, p.8.

“Antes eu lia a revista e sempre comentava com a minha irmã que ela estava boa, mas que faltava alguma coisa. De uns tempos pra cá, notei que está mais diversificada, com entrevistas interessantes e não só com dicas de beleza - que aliás nós adorávamos!”⁶²

Selma Irís Rodrigues - São Paulo -SP

Havia uma preocupação por parte da revista de colocar, além das críticas de leitores, os elogios às mudanças ocorridas. Há uma estratégia da revista ao demonstrar que abre espaço para que diferentes opiniões apareçam.

Entendemos o quarto período como sendo uma tentativa mais efetiva, já iniciada no terceiro período com Maria Amélia Rocha Lopes, de reconquistar um público mais variado, de diferentes faixas etárias e sexos, contudo essa tentativa não funcionou e como vimos na entrevista de Francisco Oliveira, os números não apresentavam bons resultados, com uma tiragem de 20 mil exemplares e 8 a 10 mil assinantes. É nesse período que Amélia Nascimento se desliga da revista.

No editorial intitulado Primeiras Palavras, na revista de nº55 (Raça, março de 2001), Amélia Nascimento comenta sobre sua saída:

“Depois de um ano na chefia da redação da Revista Raça Brasil eis que chega o dia de deixá-la. Prometo não dizer aquela frase bobinha: Estou indo em busca de novos desafios. Não. Não sou de andar por aí buscando sarna para me coçar. No próximo número, esta página estará sendo assinada por Francisco Oliveira, novo editor-chefe. Competente, ele é também uma pessoa mais jovem, mais bonita, mais simpática. Portanto, preparada para fazer uma revista mais jovem, mais bonita, mais simpática”⁶³.

As palavras de Amélia Nascimento, quando afirma que Francisco Oliveira é ‘mais preparado para fazer uma revista mais jovem, mais bonita e mais simpática’, estão relacionadas aos rumos que a revista tomou nos últimos números chefiados

⁶² Cartas, Raça Brasil, nº55, p.8.

⁶³ Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº55, p.3.

por Aroldo Macedo e seguidos, em parte, por Maria Amélia Rocha Lopes e também por Amélia Nascimento, onde gradativamente foram diminuindo as vendagens. Ao mencionar o perfil de Francisco Oliveira, Amélia Nascimento insinua que a revista também se destinará mais especificamente a este público.

Francisco Oliveira ocupa o cargo de editor no exemplar de nº56 (Raça, abril de 2001) ao nº71 (Raça, novembro/dezembro de 2003), que caracterizamos como o quinto período.

No editorial Toque Direto (Raça, abril de 2001), Francisco Oliveira comenta as modificações pelas quais a revista passará:

“Hoje, como editor-chefe da Raça, assumo a tarefa de conduzir esse projeto para um caminho cada vez mais afinado com você. Para isso preparamos uma edição cheinha de novidades. Novo visual, cores vibrantes, ginga e muita energia para combinar com fotos que revelam felicidade e alto astral. Novas seções, como Pré-Estréia e Fala...(fulano), (...) e também as nossas reportagens surperantenadas com o que está rolando em nosso país⁶⁴. ”

Nas palavras de Francisco Oliveira, percebemos que o editor adotou um vocabulário com uso de gírias, que são falas recorrentes dos jovens, apostando em modificações como novas seções, novas cores, novos enfoques, mais alegria e mais ‘ginga’, que fazem parte dessa nova fase. Caracterizamos esse momento como o quinto período, que pode ser entendido pela busca de novos segmentos dentro da população negra, centrando em seu público jovem de forma contundente.

Para Mira, o segmento ‘teen’, compreendido entre adolescentes e jovens de ambos os sexos, apresentam características próprias:

“... bem como a busca de entretenimento por parte dos jovens .(...) uma das características mais impressionantes da cultura jovem é a sua vocação para o

⁶⁴ Toque Direto, Raça Brasil, nº56, p.3.

entretenimento (...) os conteúdos editoriais versavam sobre música, filmes, roupas, viagens, comidas e bebidas, adaptados aos anseios do segmento jovem⁶⁵.”

Com Francisco Oliveira, as modificações nas seções são constantes, retomando, em alguns casos, as divisões de seções dos exemplares de nº1 e nº2.

A seção Beleza se dissocia de Moda nos exemplares de nº57 ao 60, e Comportamento aparece somente nos nº56 ao 58, sendo substituído por Atualidade.

- Seções fixas: Beleza/Moda, Nossa Gente, Beleza Pura, Música, Toque Direto – (editorial), Conexão – (cartas).
- Seções provisórias: Beleza, Comportamento, Horóscopo, Viagem, Turismo, Cultura, Moda, Aonde Ir, Moda e Estilo, Cinema e Vídeo, Reportagem e Entrevista.
- Seções novas: Em Foco, Negra Sim, Nós na Fita, Pré-estréia, Boas Compras, Na Balada, On line, Fino Trato, Raça Apostada, Zoom, Fala..., Retrospectiva, Som da Hora, Mix Cultural, Atualidades.
- Seções que saíram: Galeria, Olho Vivo, Saúde, Corpo e Mente, Negros em Movimento, Ponto de Vista, Culinária, Esporte, Cultura/Lazer, Música por Aí, Trabalho, Notas e Notícias, Blackbuster, Cinema e Vídeo, Literatura, Dúvidas, Humor, Mundo Moderno, Negros no Mundo, Cultura, Intimidade, Do seu jeito.

Nesse quinto período, algumas particularidades são relevantes. A primeira é a seção Negro(a) Sim, presente nos exemplares de nº56, 57 e 58 (Raça, abril, maio, junho de 2001), em que pessoas muito conhecidas na mídia televisiva reconhecem e manifestam sua distante ascendência negra, como o cantor Maurício Manieri, a dançarina Carla Perez e a índia Aigô. Nessa fase, nos exemplares de nº56 e 57, podemos notar outra particularidade, que é a presença, além de modelos negros, também de brancos e japoneses nas propagandas. Outro aspecto que notamos foi quanto à alteração do valor de cada exemplar, pois na capa da revista de nº57, tendo uma índia como modelo, o preço caiu de R\$3,90 para R\$2,90, e no exemplar de nº58, o preço sobe para R\$3,50 e no exemplar nº59, salta para R\$4,90. Estas questões nos sugerem que há uma estratégia para se conquistar novos segmentos

⁶⁵ O leitor e a banca de revistas – a segmentação da cultura no século XX, p.12/153.

minoritários não representados pela mídia, como os nipo-brasileiros e índios ‘urbanos’, contudo essa tendência não se estabilizou, e a variação no preço nos sugere que a busca pelo público leitor ao abaixar o preço não foi significativa, visto que logo há uma elevação, esta quando a revista se torna trimestral no exemplar nº59 (Raça, outubro de 2001), e depois passando para bimestral, no nº60 (Raça, dezembro de 2001).

Neste período, a temática da beleza é prioritária, sendo seguida por Gente, que novamente trará artistas, e por último, Atualidade, que pelos assuntos tratados pode ser comparada à Comportamento.

Em Atualidades, os temas são variados, contudo voltados para os jovens: cotas nas universidades, guia astrológico, internet, bailes funk, cursos de moda, simpatias para o amor, profissões técnicas, drogas, ONG’s, programação televisiva, etc.

Em Beleza/Moda, adornos e roupas africanas voltam a ser apresentados, assim como os homens têm algumas matérias voltadas para eles; mas crianças e idosos não mais aparecem.

Assim como no primeiro período, chefiado por Aroldo Macedo, Francisco Oliveira também lança um concurso para que garotas comuns tornem-se capa da revista.

Em matéria da seção Atualidade, na revista de nº66 (Raça, janeiro de 2003), a seguinte nota traz o resultado do concurso:

“As garotas da capa - O concurso Garota da Capa Raça Brasil e Wellin Color foi um sucesso! Entre as milhares de cartas recebidas, aqui estão as cinco finalistas. A paulista Samira Carvalho, de Marília, foi a escolhida para ser a nossa capa deste mês. Mas todas as participantes podem se sentir vencedoras. Valeu, meninas!”⁶⁶

Este foi o segundo concurso realizado diretamente por Raça Brasil, levando-nos a entender como uma reafirmação da revista para com seu público e uma

⁶⁶ Atualidades, Raça Brasil, nº66, p.30.

estratégia para que o mesmo volte a ser seu leitor, além de uma reafirmação com o público jovem, visto que a carreira de modelo normalmente se inicia na adolescência. Temos a impressão que recuperar estratégias de publicação da 1ª fase significa trazer de volta um público perdido.

Os leitores fazem observações sobre as mudanças na revista e externam opiniões diversas:

“Gostaria de parabenizar a revista pela produção e pela realização do editorial de moda e beleza Estação das Cores. A qualidade, tanto das imagens quanto da estética, está ótima. Há muito tempo não via nada parecido na Raça. Aproveitando a oportunidade venho alertá-los para a necessidade de um engajamento mais político e social para a revista. Cancelei minha assinatura, pois não estava mais me identificando com as matérias que dão demasiada ênfase à estética. O ser humano é muito mais do que um rosto cuidado e uma roupa da moda⁶⁷.”

Renata Felinto, por e-mail

“A revista está com um visual muito bom. Isso provoca uma sensação de alegria, de bem-estar, de felicidade ao ler e ver as reportagens. Fui assinante e até comprei uma assinatura para uma sobrinha a fim de promover esse suporte literário no seio de minha família. Agora compro um exemplar e passo para os familiares. Então gostaria que a revista fosse vendida também por assinatura, assim eu não esqueceria de comprá-la. Outra coisa, por favor, coloquem o mês no qual a revista é publicada⁶⁸.”

Neuza M. S. de Carvalho. São Paulo, SP

“Gosto muito de Raça Brasil, mas, nas últimas edições, têm sido mostradas reportagens voltadas às mulheres negras e não ao público em geral. É muito chato mais da metade da publicação falar somente de maquiagem, moda e cabelo.

⁶⁷ Conexão, Raça Brasil, nº65, p.6.

⁶⁸ Conexão, Raça Brasil, nº66, p.6.

Antigamente, a revista abrangia vários assuntos mais construtivos. Gostaria muito que a Raça voltasse aos seus velhos tempos⁶⁹.”

Vitor, por e-mail.

“... todas as seções da revista são de excelente qualidade, mas é preciso destacar a importância de Nossa Gente, que mostra nomes e personalidades na simplicidade do cotidiano, nos oferecendo informações e imagens de gente ‘do povo’. Isso fortalece as pessoas, demonstrando que as lutas são reconhecidas não só no meio televisivo, no futebol, no pagode, mas sim em todos os meios socio-econômicos e culturais, por meio de ações individuais e coletivas! O meu apelo é que a edição desta maravilhosa e inteligente revista volte a ser mensal! ...⁷⁰”

Maria H. Tomaz, por e-mail

Mesmo valorizando a importância da revista, os leitores fazem críticas para as modificações ocorridas.

Este quinto período foi marcado pela periodicidade trimestral/bimestral, pela tentativa de captar segmentos do público jovem pouco representado, pela sucessiva mudança de seções, pela diminuição do número de páginas, variando entre 100 e 84, pela temática voltada para o público ‘teen’, adolescentes e jovens, e pelo fim definitivo de assuntos referentes ao preconceito.

O logotipo da Editora Abril ainda esteve presente no nº61(Raça, março de 2002), mas não apareceu mais a partir do nº66 (Raça, janeiro de 2003), neste a impressão foi feita pela divisão Gráfica da Editora Abril S.A. No nº76 (Raça, julho de 2004), acreditamos que a Editora Símbolo tenha se dissociado da Editora Abril, pois quem fez a impressão foi a Oceano Indústria Gráfica.

Com a saída de Francisco Oliveira, no exemplar de nº71(Raça, novembro de 2003), inicia-se o sexto período, quando Conceição Lourenço assume a redação.

⁶⁹ Conexão, Raça Brasil, nº66, p.6.

⁷⁰ Conexão, Raça Brasil, nº67, p.5.

No editorial de nº72 (Raça, janeiro de 2004) Conceição Lourenço comenta sobre sua nova função na Editora Símbolo:

“Feliz ano-novo!

Feliz e novo é tudo que este ano promete. Estou muito feliz de estar aqui nesta tarefa nova. A responsabilidade é grande, pois tenho de manter a mesma dignidade de meus antecessores. Neste ano eu completo 20 anos de jornalismo (...) Comecei em jornais diários no começo dos anos 80, depois passei por várias revistas de assuntos variados. Há quatro anos estou na Editora Símbolo, passei pelas semanais e, nos últimos três anos, editei Cultura na revista Uma. (...) já fiz quase de tudo, pois ainda não havia trabalhado na Raça Brasil, sonho que acalento há sete anos. Editar esta revista é uma missão muito especial. Não queremos só vender, queremos também passar mensagens de auto-estima, ser útil para nossa comunidade que trabalha para alcançar o espaço que tem direito nesta Nação e no mundo. Raça Brasil quer todos de cabeça erguida e orgulhosos do merecimento de terem nascido com esta cor de pele, de tantos tons diferentes. (...) Tenho boas notícias: este é o último número bimestral de Raça, a partir de abril nossa revista volta a ser mensal. Vocês pediram. Estou trabalhando junto a uma motivadora equipe de novos talentos ...⁷¹”

No editorial Toque Direto, notamos que haverão novas modificações na revista, já que ela voltará a ser mensal e terá uma nova equipe, composta por novos talentos, retomando a questão da auto-estima e, consequentemente, a mestiçagem.

Estudaremos o sexto período, que compreende do exemplar de nº72 (Raça, janeiro de 2004) ao de nº81 (Raça, dezembro de 2004), que teve como:

- Seções fixas: Beleza/Moda, Comportamento, Saúde, Cabelo Bom, Beleza Pura, Gente, Toque Direto, Conexão/cartas, Negro(a) Gato(a), Atualidades.
- Seções provisórias: Família, Coluna da Matilde Ribeiro, Dia de Raça, Zóio da neguinha, Jornal.

⁷¹ Toque Direto, Raça Brasil, nº72, p.4.

- Seções novas: Indispensáveis, De Cara Nova, Nosso Estilo, Vida real, Afrobazar, Nossa história, Jornal da Raça, Fique por dentro, Palavra de Raça.

A seção Beleza/Moda continua sendo a temática principal, com maior número de páginas, seguida de Comportamento/Atualidade e Gente.

Algumas seções que se apresentam como novas são reformulações de seções já existentes, como por exemplo: De Cara Nova é a antiga Antes e Depois, Nosso Estilo é a antiga Moda e Estilo e Vida Real, chamava-se Minha Vida.

Neste período, percebemos que a população negra é mais evocada em suas festas e encontros, há uma seção sobre a vida das pessoas conhecidas e uma seção específica para adornos e objetos decorativos baseados na África. Também traz mais espaço para os homens e para as regiões mais pobres, como Cidade Tiradentes, contudo, as crianças e os idosos, que por vezes apareciam em algumas seções, continuam sem espaço.

Em Comportamento/Atualidades são enfocados alguns temas como o racismo, família, trabalho, quilombos, ONG's, ascensão social e educação escolar. Outra fórmula de sucesso que se repete é o concurso para a escolha de garotas que sonham em sair na capa da Revista Raça, no nº72 (Raça, janeiro de 2004)

“O concurso da Shizen e Raça Brasil recebeu milhares de cartas. Acho que acertamos na escolha, né?”⁷²

Além da revista voltar a ser mensal, outra questão marca esta fase, que é a busca de parceria com programas de televisão, que trataremos no próximo capítulo.

Ao longo dos seis períodos pesquisados, percebemos que alguns segmentos foram pouco representados, como o universo masculino, os homossexuais, a terceira idade, as crianças e os economicamente desfavorecidos. Ao analisarmos as matérias, reportagens, palavras do editor e as cartas, encontramos várias reclamações dos leitores a esse respeito, demonstrando a intencionalidade por parte da revista em priorizar certas parcelas da população negra, como o negro dos

⁷² Raça Brasil, nº72, p.50.

grandes centros urbanos, e dentre estes os residentes na área central, os jovens, magros, sem vícios, bem sucedidos profissionalmente e os casamentos inter-raciais.

No espaço reservado à Comportamento nº6 (Raça, fevereiro de 1997), encontramos a matéria intitulada:

*“**Contra o suor** - saiba o que fazer para combater a transpiração e conheça alguns produtos que podem auxiliá-lo⁷³”*

A matéria explica a ação dos desodorantes, a frequência de uso dos produtos, as causas emocionais que podem acarretar no aumento da transpiração, orientando que o odor forte é causado por bactérias, além de ser uma tendência de ordem genética, no entanto, ressalta que o odor forte não tem nenhuma relação direta com a melanina da pele. Além de explicar sobre o assunto, traz dicas caseiras para combater a transpiração, como por exemplo, passar limão nas axilas antes do banho, fazer uso da pomada da marca Minâncora ou ainda dissolver bicarbonato de sódio com álcool e aplicar nas axilas ao invés do desodorante.

Apesar de tal assunto só ter aparecido uma única vez como matéria específica, nos chamou a atenção a transpiração corporal estar relacionada a Comportamento, sendo que, por várias vezes, o tema apareceu na divisão Beleza/Moda; nos sugerindo dessa forma que a transpiração excessiva esteja relacionada com a raça negra, mesmo que a matéria ressalte o fato de que a transpiração não esteja diretamente ligada a quantidade de melanina da pele. Supomos que o intuito da matéria, além da higiene pessoal, tenha como uma de suas finalidades desmistificar e desassociar a imagem do negro como aquele que não apenas transpira excessivamente como também como aquele que exala um forte odor corporal. Tal característica está associada mais ao trabalho braçal, que no Brasil, onde a escravidão perdurou por 300 anos, foi exercida pelos negros e, mesmo após a abolição da escravatura, muitos continuaram trabalhando nesse tipo de atividade; tendo sua imagem associada à falta de asseio corporal.

⁷³ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº6, p.52.

Uma das parcelas da população negra que se vê pouco representada é a dos homens. Algumas matérias na seção Beleza/Moda foram dedicadas a eles, com dicas de sapatos, gravatas, roupas íntimas e de banho, como também novos estilos de corte de cabelo e tranças, além das novidades no setor de perfumaria.

Em Comportamento, na revista de nº34 (Raça, junho de 1999), encontramos uma matéria referente à aparência masculina:

“Vaidoso, sim! E daí? A historia não nega: vaidosos os homens sempre foram, mas só agiam entre quatro paredes. A novidade é que agora eles podem exercer seu direito de ficar bonitos sem que ninguém duvide de sua masculinidade”⁷⁴.

E no nº76 (Raça, julho de 2004), encontramos uma matéria sobre o assunto com o título:

“Metrossexual – O novo homem está chegando”⁷⁵.

As matérias trazem algumas dicas de produtos de perfumaria voltados para o público masculino, como sabonetes, perfumes, marcas de barbeadores e cremes para pele, com depoimentos de homens vaidosos que enumeram os cuidados diários que têm com a beleza, como o uso de cremes adstringentes, cremes hidratantes, géis anti-acne, entre outros cuidados, como freqüentar semanalmente o salão de beleza.

Apenas nessas matérias é que a vaidade masculina foi incluída na seção Comportamento, pois nas outras vezes em que a revista tratou do assunto, estas apareciam na divisão Beleza/Moda.

Chamou-nos a atenção os títulos das matérias, visto que ambos trazem em seu discurso a idéia de que a vaidade em nada prejudica ou desmerece a masculinidade. Há duas maneiras de melhor compreendermos o conteúdo destas: a

⁷⁴ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº34, p.78.

⁷⁵ Comportamento, Raça Brasil – 100% com você, nº76, p.40.

primeira é que a imagem do homem negro está culturalmente associada à virilidade, assim como a vaidade o está à feminilidade. Dessa forma, haveria a intencionalidade em desassociar a imagem do homem viril, que supostamente não teria preocupações com a beleza, da do homem vaidoso, que por se preocupar com ela, seria tido como efeminado. Sob outro aspecto, podemos também compreender o conteúdo destas matérias, principalmente a segunda, como uma tendência atual em enaltecer a beleza masculina, visto que, além do mercado de cosméticos, também a indústria têxtil e de sapatos vêm investindo nesta parcela da população, para que os mesmos se tornem consumidores de seus produtos.

Na seção Beleza/Moda, temos outra matéria específica sobre beleza masculina, encontrada na revista de nº49 (Raça, setembro de 2000) intitulada:

“A vaidade está em alta... Seja homem e encare o espelho. Beleza não é privilégio das mulheres. Pequenos cuidados com a aparência não comprometem a masculinidade de ninguém. Por isso mesmo, nada impede que você aproveite ao máximo tudo que esse mercado tem para lhe oferecer. Perca o medo e entre de sola nesse jeito moderno de ser e de se comportar!”⁷⁶

Essa matéria também traz dicas de produtos para pele, barba e cabelos. Novamente, o discurso desassocia vaidade com falta de masculinidade e também mostra os cosméticos específicos para os homens, contudo, as três matérias citadas foram as únicas publicadas que trazem exemplos passo-a-passo de cuidados com a beleza masculina, pois as outras matérias encontradas na seção Beleza/Moda são voltadas para os lançamentos dos produtos, como sapatos, gravatas, ternos e cosméticos em geral.

Na seção Cartas, os leitores da revista reclamam da falta de espaço dedicado aos homens:

⁷⁶ Beleza/Moda, Raça Brasil, nº49, p.86.

“Gostaria, se possível, que vocês dessem atenção especial aos homens negros. Nesses anos todos que venho colecionando a revista, percebi que só as mulheres tem vez!”⁷⁷

Eduardo Santos, por e-mail.

Não houve resposta à carta citada anteriormente, mas, em um único exemplar, encontramos duas cartas de homens que reivindicam seu espaço na revista e que obtiveram resposta:

“Estou profundamente magoado com a RAÇA BRASIL. Li as duas primeiras edições da revista e verifiquei que não há nada que chame a atenção dos homens. Mas só agora resolvi puxar a orelha de cada um de vocês. Quem disse que homem não lê revista? Será que não estão errando nas matérias? Não podem colocar assuntos de interesse masculino, assim como fazem os jornais e muitas revistas?”⁷⁸

Rodrigo, por e-mail.

“Meus queridos editores, de onde tiraram a idéia de que só as mulheres são negras? Ah, não é isso? Então por que a revista é dedicada quase que totalmente a elas?”⁷⁹

Marco Anselmo, Joinville, SC.

A revista Raça responde na mesma edição:

“As reclamações procedem. Continuem lendo RAÇA BRASIL e notarão o aumento das páginas dedicadas a assuntos mais ligados aos homens, além de matérias que são interessantes para ambos os sexos”⁸⁰.

⁷⁷ Conexão Black, Raça Brasil, nº40, p.8.

⁷⁸ Cartas, Raça Brasil, nº49, p.7.

⁷⁹ Cartas, Raça Brasil, nº49, p.7.

⁸⁰ Cartas, Raça Brasil, nº49, p.7.

Percebemos então que os homens desejam ser representados na revista, não apenas nas questões referentes à beleza, como também em assuntos culturalmente tidos masculinos, como temas sobre esporte. Em alguns exemplares, aparecem matérias sobre futebol e basquete, contudo, percebemos que os homens não consideram expressivo o espaço reservado pela revista, mesmo porque, em quase todos os exemplares, há modelos homens na capa da revista, sugerindo assim que ela seria voltada tanto para homens como para mulheres.

Percebemos também que as crianças negras foram pouco representadas na revista. Em Comportamento, o tema da infância foi retratado em três matérias e na divisão Beleza/Moda, o tema apareceu somente em três ocasiões.

No exemplar nº4 (Raça, dezembro de 1996), encontramos:

“Adote um brasileiro - O Brasil é o país onde 64% das crianças adotadas são brancas, 30%, mestiças e apenas 5%, negras. Falta conscientização sobre adoção inter-racial. Mas não faltam histórias bem-sucedidas e gente trabalhando para reverter esse quadro⁸¹”.

A matéria mostra casais estrangeiros e brasileiros, todos brancos, que adotaram crianças negras, e enumera os centros de adoção nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraíba, Santa Catarina e Paraná. Traz ainda os dados da Vara da Infância e da Juventude do Fórum Central de São Paulo, ressaltando que crianças negras e mulatas são as menos procuradas para adoção. Percebemos que houve uma tendência em priorizar a adoção de crianças negras por casais brancos, mas nenhum depoimento ou fato mostrou a adoção de crianças negras por casais também negros.

Na seção Cartas, encontramos a publicação de uma longa carta de uma das instituições de adoção, parabenizando a revista pela iniciativa da matéria, e a repercussão desta na comunidade negra quanto ao problema dos órfãos, comunicando que, devido à forma como foi tratada, houve maior procura de casais interessados na adoção dessas crianças.

⁸¹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº4, p.43.

“Nós do Projeto Acalanto gostaríamos de compartilhar a nossa satisfação nos resultados obtidos com a reportagem ‘Adote um brasileiro’ (Raça n.2). A reportagem contemplou positivamente as nossas expectativas no objetivo principal de alertar a sociedade. Particularmente, com a comunidade negra. Até o momento, recebemos mais de 50 telefonemas de pessoas interessadas em orientação para adoção e fizemos vários cadastramentos em nossa sede. Mais do que isso, a reportagem possibilitou a José Carlos, um garoto negro de 8 anos (órfão de pai e mãe desconhecida), com passaporte carimbado rumo a uma instituição, encontrar o lar de Waldemar e Lourdes (casal negro), que já está com sua guarda provisória, pois sentimos que a comunidade negra percebeu a mensagem(...)

Agradecemos de coração⁸².”

Paulo Santos, Projeto Acalanto, São Paulo, SP.

Com a publicação dessa reportagem, houve uma repercussão social e política, aparentemente não só para a comunidade negra, visto que o Projeto recebeu mais de 50 telefonemas, assim há um trabalho de intervenção da revista para atuar no dia a dia das pessoas e em momentos especiais, como a adoção de crianças negras que vivem em orfanatos e que não são adotadas, pois a prioridade nesse processo é de crianças com 0 a um ano de idade e brancas, de acordo com a matéria em questão. Ao salientar que o menino negro foi adotado por um casal negro, evidencia-se a necessidade de que os negros se conscientizem dessa realidade social.

Crianças também escrevem para a redação de Raça.

“Oi, gostei muito da revista Raça Brasil. Apesar de ser criança, tenho 10 anos, sei o quanto isso é importante para nós negros:

Com A escrevo Amor

Com P escrevo Paixão

Com R escrevo Raça dentro do meu coração⁸³”

⁸² Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº7, p.6.

⁸³ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº4, p.8.

Albegair C. da Cunha, Criciúma, SC.

“Aqui quem escreve é Verônica. Tenho 11 anos e quero parabenizá-los por essa revista que, entra ano, sai ano, continua fenomenal, +QD+, sensacional, divina, linda, maravilhosa... (Nota da redação: a pequena Verônica encheu uma página de adjetivos para declarar que é a fã número 1 da RAÇA BRASIL)”⁸⁴”

Verônica Valeriana de Souza.

A importância das duas cartas acima se refere ao público leitor da revista, não só os adultos, homens e mulheres, são leitores e consumidores, como também as crianças. Outra questão é a da referência positiva da revista na vida destes jovens leitores, quando os mesmos usam tanto os verbos amar e gostar, como a frase ‘escrevo Raça dentro do meu coração’, o que indica uma relação de ‘intimidade’ e afetividade para com a publicação e não apenas de consumo.

Uma leitora em especial nos chamou a atenção, ao mandar a foto da filha para a revista:

“É um prazer termos a revista Raça Brasil todos os meses discutindo e analisando as questões dos negros. Envio de presente de aniversário a foto da minha ‘gata’, Stephanie Silva Ferreira, 5 anos, nesta pose orgulhosa com a revista Raça Brasil de primeiro aniversário. Esperamos que datas como esta se repitam. Parabéns!”⁸⁵”

Lazimar Ferreira, Vila Nova Cachoeirinha, SP.

Ao publicar a foto da menina, é interessante ressaltar a relação estabelecida entre a leitora para com a revista e sua filha de cinco anos, com a publicação nas mãos, em sua edição de aniversário de um ano, confirmando que tanto a menina

⁸⁴ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº29, p.8.

⁸⁵ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº27, p.6.

como a revista cresceram juntas, e que a publicação é tão importante para a leitora, assim como é para sua filha, que ficou imortalizada no álbum de família.

Entendemos que mesmo sendo o tema da infância discutido esporadicamente pela revista, seus leitores consideram positivas não apenas as matérias referentes às crianças, como também o fato das mesmas verem a raça negra representada de forma não estereotipada, favorecendo a elevação da auto-estima delas.

Leitores na faixa etária acima de 40 anos de idade também pedem uma maior participação na revista:

“Acho que falta também fazer matérias para pessoas de todas as faixas etárias. É preciso misturar mais as idades. Até agora, a revista tem falado com os adolescentes⁸⁶”.

Heloisa Barbosa Almeida Graça, São Paulo/SP.

“A Raça deveria trazer mais reportagens sobre mulheres na faixa de 40 anos e de todas as classes sociais e contar como elas vivem, onde trabalham, como se divertem, etc⁸⁷”.

Amália Constantino Ribeiro, São Paulo/SP.

As leitoras acima dos 40 anos não se vêem representadas pela revista, consideram que a faixa etária priorizada é a dos adolescentes e jovens, representando que a preocupação com o público jovem evidencia tensões para os sujeitos de outra faixa etária.

Na divisão Beleza/Moda, poucas dicas de beleza foram encontradas, dentre elas sugestões de cremes anti-rugas para o rosto e não encontramos nenhuma sugestão de roupas para mulheres e homens acima dos 40 anos.

Em Comportamento, três matérias priorizavam essa parcela da população.

No exemplar nº12, (Raça, agosto de 1997), temos a seguinte matéria:

⁸⁶ Conexão Black, Raça Brasil, nº40, p.8.

⁸⁷ Conexão Black, Raça Brasil, nº40, p.8.

“A vida começa aos 50 - Convencidos de que envelhecer não significa ficar em casa de pijama vendo televisão, cada vez mais idosos preenchem o tempo livre com atividades que vão do esporte à dança de salão, passando por cursos de teatro, informática e faculdade para a terceira idade⁸⁸”.

No exemplar nº43, (Raça, março de 2000), temos outra matéria sobre o assunto:

*“**Feliz idade** - A expectativa de vida aumentou tanto que já está ficando comum falar-se numa quarta idade, uma fase que viria após os 80 anos. Agora é preciso que todos se unam para permitir que o idoso tenha uma vida digna, além de longa. E isso, felizmente, já está começando a acontecer⁸⁹”.*

E no nº46 (Raça, junho de 2000), encontramos:

*“**Na flor da idade** - As meninas já passaram da casa dos 40 anos, mas continuam exibindo sensualidade e despertando desejos inconfessáveis em homens muito mais jovens⁹⁰”.*

As duas primeiras matérias se referem às atividades voltadas para a terceira idade, tanto as promovidas por centros culturais, igrejas, Sesc e Sesi, como também nas Universidades. Com fotos de homens e mulheres se divertindo em bailes ou praticando várias modalidades de esporte, o discurso é de incentivo para que as pessoas da terceira idade aproveitem o merecido tempo livre que a aposentadoria lhes proporciona para dedicarem-se a atividades prazerosas. Já na terceira matéria, com depoimentos das atrizes Zezé Motta, Léa Garcia, a cantora e dançarina, Watuse e a modelo Veluma, o discurso evidencia os benefícios do amor na terceira idade. Em seus depoimentos, as mulheres revelam que mesmo solteiras e felizes,

⁸⁸ Comportamento, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº12, p.68.

⁸⁹ Comportamento, Raça Brasil, nº43, p.94.

⁹⁰ Comportamento, Raça Brasil, nº46, p.26.

chamam a atenção de homens de todas as idades e que a maturidade tem seu charme próprio.

Percebemos que as três matérias referentes à maturidade exaltam uma vida de saúde, bem-estar e amor para as pessoas acima dos 40 anos, cuja parcela da população foi descoberta não apenas pelos meios de comunicação - podemos citar as propagandas televisivas de cosméticos como exemplo - como também pelo mercado em geral, que vem se especializando em produtos e serviços específicos para os idosos.

Matérias referentes a uma boa forma física foram encontradas em todos os exemplares pesquisados, no entanto, temas referentes à obesidade apareceram somente em dois exemplares; assim como na seção de Beleza/moda, com roupas para mulheres acima do peso.

No editorial do exemplar nº14 (Raça, outubro de 1997), ao anunciar os principais assuntos da edição, Aroldo Macedo se refere aos obesos:

“Até você gordinha sexy, estará com a ‘bola cheia’ nesta edição⁹¹”.

E no interior da matéria, lemos:

*“**Bonita, Sexy e Gostosa** - Na mira dos estilistas mais atentos, a mulher cheinha ganha opções de vestidos e de conjuntos sofisticados que valorizam seus contornos exuberantes⁹²”.*

No editorial de nº48 (Raça, agosto de 2000), encontramos:

*“**Elegância em 7 estilos** - a cantora Paula Lima mostra como ser sexy e elegante sem ter físico de manequim⁹³”.*

⁹¹ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº14, p.3.

⁹² Comportamento, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº14, p.74.

⁹³ Amélia NASCIMENTO, Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº48, p.54.

Pela fala do diretor-responsável, percebemos que apenas naquele exemplar específico os obesos teriam um espaço de representação, pois a palavra ‘gordinha’ associada a ‘bola cheia’ nos faz pensar em um discurso por vezes preconceituoso e estereotipado, e no subtítulo, com as palavras ‘cheinha’ e ‘contornos exuberantes’, percebemos a reafirmação de um discurso que enaltece as pessoas magras; contudo, na segunda matéria, o discurso tornou-se menos enfático, indicando que mulheres que estejam acima do peso também podem ser sexy e elegantes.

Os leitores se queixam da pouca representação, da falta de dicas e matérias para os obesos:

“Uma revista que luta de uma forma tão bonita contra o fim do preconceito não pode ter nenhuma demonstração desse sentimento em suas páginas. Quero dizer que as pessoas ‘gordinhas’ estão sendo excluídas e discriminadas⁹⁴”.

Wilson Roberto Izaque, São Paulo, SP.

Resposta da revista Raça Brasil na mesma edição:

“Discriminação não é nossa praia, claro. Qualquer dúvida é só dar uma olhada na matéria Bonita, Sexy e Gostosa (número 14), para citar só um exemplo. Mas é claro que as modelos negras cujo mercado de trabalho estamos ajudando a ampliar, seguem o estilo das grandes agências. As moças precisam trabalhar, né Wilson?⁹⁵”

Leitoras também se queixam da falta de representação:

“Amo a Raça Brasil de paixão. Gostaria que vocês produzissem um editorial de moda para gordinhas. Afinal, nem todas as leitoras são esbeltas ou esqueléticas, não é mesmo?⁹⁶”

Rita, por e-mail

⁹⁴ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº35, p.6.

⁹⁵ Outras Palavras, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº35, p.6.

⁹⁶ Cartas, Raça Brasil, nº49, p.7.

Resposta na mesma edição:

“Seu desejo já foi realizado. Na edição de agosto foi publicado o editorial de moda Paula Lima, Elegância em sete estilos. Além de mostrar a beleza e a exuberância da cantora, o trabalho mostra que as mais cheias podem ficar tão charmosas quanto as outras mulheres⁹⁷”.

As cartas revelam certo descontentamento por parte dos leitores; homens e mulheres, que também se sentem discriminados e excluídos, por não se enquadrarem no padrão de beleza do mercado da moda, que enaltece os ‘esqueléticos’ e ‘esbeltos’. As duas respostas dadas pela revista relembram os leitores das matérias já publicadas sobre o tema, e esclarece que a revista segue o padrão das agências e da mídia publicitária, que requerem modelos magras e altas, possibilitando maiores oportunidades de emprego para as modelos, o que nos faz pensar que no mundo da moda os obesos têm poucas chances de se virem representados e que Raça não deseja mudar isto.

Outra parcela da população que se sente pouco representada são os negros homossexuais.

Em editorial nº34 (Raça, junho de 1999), Aroldo Macedo comenta:

“Jorge Laffond é o nome dele - Na verdade, a polêmica fica muito mais por conta das revelações do seu livro *Bofes e Babados*, do que sobre a pessoa dele. Laffond foi pobre, é negro e homossexual, ‘ingredientes’ suficientes para, num Brasil machista e preconceituoso como o nosso, ser relegado e jogado para escanteio pela sociedade. E o que ele fez? Embarcou num personagem e virou celebridade. Vera Verão em todas as estações do ano. Confesso que Laffond levanta discussões entre nossos irmãozinhos. Alguns acham que ele reforça esteriótipos e enfraquece a nossa postura diante do preconceito. Outros, que ele detona o mito tão decantado da masculinidade negra. Pura bobagem. Laffond é uma personalidade única. Por

⁹⁷ Cartas, Raça Brasil, nº49, p.7.

*que não podemos ter os nossos ícones com defeitos e qualidades como qualquer etnia?*⁹⁸”

A capa desta edição trazia Jorge Laffond de terno e gravata sendo abraçado por seu personagem Vera Verão, com o título “*Negro, gay e vencedor – as duas faces do sucesso: como Vera Verão e Jorge Laffond*”, evidenciando que tanto o personagem como seu criador são figuras de sucesso, e que mesmo sendo negro e homossexual, tornou-se um vencedor.

A questão dos homossexuais já havia aparecido na revista, no exemplar de nº11 (Raça, julho de 1997), na seção Comportamento, com o seguinte título:

*“Negros homossexuais – duplo preconceito: discriminados pela cor e pela opção sexual, eles ainda lutam contra o estigma da virilidade do homem de origem africana para serem aceitos por suas famílias e pela sociedade.”*⁹⁹

Os leitores externam suas opiniões sobre a homossexualidade em três cartas encontradas em uma mesma edição:

*“Sou homossexual, negro, pouco famoso e profissional de sucesso. Mesmo assim, não gostei nem um pouco do espaço que vocês da Raça dedicaram ao Laffond. O crioulo criou um esteriótipo que só serve para encher os bolsos dele próprio. Em nada a tal de Vera Verão favorece as causas gay e negra. Bola fora”*¹⁰⁰.

Mário Filho, Volta Redonda, RJ.

“Parabéns. Com a entrevista, com direito a capa e tudo, que vocês fizeram com o Laffond ajudaram a provar que nós negros não somos racistas, nem sexistas

⁹⁸ Linha de Frente, Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros, nº34, p.3.

⁹⁹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº11, p.86.

¹⁰⁰ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.7.

nem quadrados. Precisamos mostrar a este Brasil que a cultura negra é aberta e avançada¹⁰¹.”

Marina Nascimento, Campos, RJ

“Corajosa a reportagem com o Laffond. Sei que muita gente não vai gostar, porque adora tapar o sol com a peneira. Mas a gente precisa mostrar todos os negros vencedores e não apenas os tipos certinhos¹⁰²”.

Yara Machado, Belo Horizonte, MG

E na edição de nº55 (Raça, março de 2001), temos:

“... É claro que não basta ser negro ou gay para entender as causas e soluções para os problemas das minorias. Mas a percepção é inevitável, senão estar-se-ia contrariando o próprio conceito de “identidade”. Viver a negritude gay, como já cantou um dos artistas de nossa terra, tem suas delícias e dores: já sofri discriminações raciais e por orientação sexual. Uma não exclui a outra¹⁰³”.

Jaques Jesus, presidente da ACOS – Ações Cidadãs em Orientação Sexual.

Os negros e os homossexuais sofrem discriminação, e sofrem duplamente quando as duas qualidades se associam. Os homossexuais negros foram retratados pela revista nestas duas matérias e se sentem pouco representados e, por vezes, sofrem preconceito dentro da própria comunidade.

Uma outra parcela da população negra que não se sente incluída na revista são os negros mais pobres.

Alguns títulos sobre a periferia das grandes cidades foram encontrados na seção Comportamento da revista de nº6 (Raça, fevereiro de 1997): Mangueira e Bronx na mesma direção¹⁰⁴. Na mesma seção, no exemplar nº26 (Raça, outubro de

¹⁰¹ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.7.

¹⁰² Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.7.

¹⁰³ Cartas, Raça Brasil, nº55, p.6.

¹⁰⁴ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº6, p.57.

1998): Cidade Tiradentes, zona leste, Brasil¹⁰⁵. Na edição nº27 (Raça, novembro de 1998): A voz do povo, a gíria desceu o morro¹⁰⁶. Na edição de nº30 (Raça, fevereiro de 1999): Rocinha, um retrato do Brasil¹⁰⁷. No nº72 (Raça, janeiro de 2004): Volta por cima – Cidade de Deus pós-filme¹⁰⁸. No nº74 (Raça, maio de 2004): Arte de viver na favela¹⁰⁹.

Todas as matérias citadas enfocam o viver nessas localidades, suas formas de entretenimento, desvencilhando a imagem imperante da violência, ao entrevistar pessoas que trabalham e vivem a vida com dignidade. Estas pessoas podem visualizar na revista a desconstrução de uma memória de violência e criminalidade, que por muitas vezes foram representados em diversos meios de comunicação.

Na seção de Beleza/Moda, encontramos algumas matérias com preços de roupas e acessórios mais acessíveis, no entanto os leitores não se sentem enaltecidos pela revista.

“Acompanho a revista desde o primeiro número e gostaria de ver os negros pobres que, a cada dia, lutam para sobreviver neste país onde se diz que discriminação não existe¹¹⁰.”

Luciane Mesquita, Barueri, SP.

“... a maioria da população que compra esta revista é de baixa renda. É com dificuldade que juntamos 3,90 reais para adquiri-la. Mas é quase impossível um consumidor de baixa renda poder pagar 45 ou 55 reais por um óculos de sol. Acho que algumas páginas da revista deveriam ser dedicadas a nós, consumidores de baixa renda. Quanto a reportagem da Cidade Tiradentes (...) foi excelente. Mostrou que na periferia de São Paulo não existe só violência, mas também curtição, alegria

¹⁰⁵ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº26, p.30.

¹⁰⁶ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº27, p.42.

¹⁰⁷ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº30, p.30.

¹⁰⁸ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº72, p.56.

¹⁰⁹ Comportamento, Raça Brasil - 100% com você, nº74, p.82.

¹¹⁰ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº23, p.6.

e muita união. Continuem fazendo matérias como essas, pois é por aí que conquistaremos o nosso espaço ...¹¹¹”

Giulliana C. R. Antônio, São Paulo, SP.

“Na reportagem O Barato da Moda (...) os preços e as marcas que foram destacados (não todos) estão fora da realidade da comunidade negra. Levando em consideração que todas as classes sociais lêem a revista, os preços e os locais de compras poderiam ser mais acessíveis. Faço parte da classe média e não me dou ao luxo de comprar só pela marca. Costumo pesquisar preços. Andar no velho e bom Brás, onde se encontram lojas com produtos de ótima qualidade e com preços maravilhosos. Seria legal uma matéria com pesquisas de lugares, comparando preço e qualidade. Adoro a revista, mas acho que a reportagem ficou um pouco fora da realidade¹¹²”

Rose Lima, por e-mail.

O apelo ao consumo é bastante explorado na revista, assunto que será melhor trabalhado no capítulo 2.

Os leitores mais pobres se sentem excluídos na revista, pois poucas foram as matérias referentes a esta parcela da população e a seus hábitos de consumo. Através das cartas de leitores percebemos que os anunciantes vendem produtos para os grupos socialmente favorecidos.

Se entre os seis períodos pesquisados nem todas as parcelas da comunidade negra foram enaltecidas, há uma outra temática na seção Comportamento que aproxima os editores em todos os períodos, que é a questão da mestiçagem.

No editorial nº4 (Raça, dezembro de 1996), temos:

“Salve Salvador! (...) os mestiços se identificam com o padrão branco, mas vivem em permanente receio de ser confundido com os negros. (...) nos Estados

¹¹¹ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº34, p.8.

¹¹² Conexão, Raça Brasil, nº67, p.8.

Unidos, por exemplo, nenhum negro pode escapar de sua cor. Isso acontece por causa da rígida definição de raças de lá. Em Salvador e outras cidades do Brasil, há uma chance real de fuga, o que torna as relações raciais um tanto desconcertantes. (...) Ô meu rei, ô minha rainha, descem do muro. Vamos assumir essa negritude linda. Em vez de mentir a si próprio e aumentar suas angústias, valorize seus antepassados africanos, pois só assim chegaremos à verdadeira solução do problema racial no Brasil¹¹³”.

O editorial critica os que se vêem como mestiços, pois esta seria uma forma de negar a condição de negro, como por exemplo, nos Estados Unidos, onde impera a máxima de que ‘uma gota de sangue’ é suficiente para ser considerado negro, contrastando com o Brasil, onde o mito da democracia racial ainda dificulta formas de resistência mais específicas. Desta forma, a revista convoca os mestiços para se assumirem como negros, pois a ‘negritude é linda’.

Em Raça de nº24 (Raça, agosto de 1998) encontramos no editorial:

“Espelho, espelho meu... (...) é quando você olha pro espelho e se pergunta: ‘Porque eu nasci negro?’. ‘Porque não nasci louro de olhos azuis e de cabelo liso?’. Ai, é grave, não é mesmo? Comecei a pegar pesado, meu leitor. O defeito não está em você ou nos seus pensamentos mais íntimos. Aquele espelho, na verdade, não reflete a sua real imagem. Ele a distorce e condena a sua figura a cidadão de segunda classe, pois você não está se reconhecendo nem se orgulhando de sua etnia. (...) A sua imagem, leitor, é que tem de ser a mais importante, ela é que tem de ser forte, autoconfiante e saudável. Ela tem de refletir o que você representa. E não se esqueça de que você faz parte de uma cultura e tradição que vêm de longa data. Provavelmente, descendente de reis e rainhas africanos lindos. Soberbos. Garbosos. E você, mestiço, é melhor vir para o nosso lado, pare de se achar ‘meio clarinho’, porque na hora H vão considerá-lo ‘meio escurinho’. Ou seja, lá na frente podem te tirar de cima do muro. E você vai ficar sem espelho. Nesse momento, a realidade e a decepção podem ser duras pra você¹¹⁴”.

¹¹³ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº4, p.3.

¹¹⁴ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.3.

Esse editorial tem muito a revelar, nos fazendo pensar que pode haver negros que não gostem de si mesmos, ou que, perante uma sociedade excludente, não reconheçam sua beleza, quando questiona ‘porque eu nasci negro e não loiro de olhos azuis e cabelos lisos’. Sugere que o negro tem que ter uma auto-estima elevada e quando diz ‘uma imagem forte, autoconfiante e saudável’, lembra que esse negro pode ser descendente de ‘reis e rainhas, lindos, soberbos e garbosos’. Também clama aos mestiços que se reconheçam enquanto negros e enaltece a cultura negra ancestral.

Não apenas nos editoriais podemos perceber as intencionalidades da revista, mas também através de suas matérias. Na seção Comportamento, da revista de nº2 (Raça, outubro de 1996), temos a seguinte matéria:

“AQUARELA DO BRASIL - Proclamado como um paraíso multirracial, o país revela sua negritude em tons sobre tons. São morenos, mulatos, pardos, queimados de sol, brancos-aço, alvos-escuros, dourados e até lilás. E a pergunta que se faz é a seguinte: afinal qual é a cor do negro?”¹¹⁵

A matéria traz depoimentos de pessoas como Isadora Ribeiro, Astrid Fontenelle, Preta Gil, Gabriela Alves, entre outros famosos, que discutem se tem ou não alguma ascendência negra. Alguns dizem que não, outros que a ascendência é bem distante, mas o que se deve observar é que novamente a questão do mestiço é retomada. Pelas fotos dos entrevistados, percebemos que são muito claros, com tonalidade de pele quase branca, o que nos sugere que há uma tendência em equiparar-se aos EUA, onde ‘uma gota de sangue’ é suficiente para que a pessoa seja considerada negra.

A mestiçagem se dá através de casamentos inter-raciais e em todos os períodos da revista encontramos essa temática, com matérias referentes à identificação do mestiço como negro.

¹¹⁵ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº2, p.49.

Na seção Comportamento, na revista de nº1 (Raça, setembro de 1996): **“Da cor do pecado – casais mistos.”**¹¹⁶

No exemplar de nº24 (Raça, agosto de 1998): **“Mestiços - Somos negros, sim!”**¹¹⁷

No exemplar de nº28 (Raça, dezembro de 1998): **“Claro que é meu irmão – irmãos de sangue com tonalidades de pele diferentes.”**¹¹⁸

No nº29 (Raça, janeiro de 1999): **“Ensinei minha família a ser negra”**¹¹⁹

No nº46 (Raça, junho de 2000): **“Militantes por amor – brancos casados com negros.”**¹²⁰

No nº68 (Raça, maio/junho de 2003): **“Um país miscigenado – mulheres apaixonadas”**¹²¹

No exemplar de nº73 (Raça, abril de 2004): **“Filhos à brasileira – mestiços”**¹²²

E no nº74 (Raça, maio de 2004): **“Tons de pele, qual a diferença?”**¹²³

¹¹⁶ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº1, p.76.

¹¹⁷ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.54.

¹¹⁸ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº28, p.63.

¹¹⁹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº29, p.46.

¹²⁰ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº46, p.46

¹²¹ Atualidades, Raça Brasil, nº68, p.66.

¹²² Comportamento, Raça Brasil, nº73, p.49.

¹²³ Comportamento, Raça Brasil - 100% com você, nº74, p.76.

O tema do casamento entre uma mesma etnia apareceu apenas uma vez na seção Comportamento, no exemplar de nº33 (Raça, maio 1999), com o seguinte título: “**Casamento**: em busca da felicidade – agência só para negros¹²⁴”

A mestiçagem é explicada pela revista através da opção de homens e mulheres negras pela outra etnia.

Em Comportamento, na revista de nº12 (Raça, agosto de 1997): “**Quem tem razão?** – Homens e Mulheres negros se dizem rejeitados por parceiros da mesma raça¹²⁵.”

No nº26 (Raça, outubro de 1998): “**Por que eles preferem as loiras?**¹²⁶”

O mesmo debate reaparece no nº31 (Raça, março de 1999): “**Debate**: por que eles preferem as loiras?¹²⁷”

Contudo a tendência a essa identificação dos mestiços como exclusivamente negros parece gerar posicionamentos controversos para seus leitores:

“Meu pai é branco e minha mãe é negra. Adoro meus pais e gosto demais da minha cor. Me sinto orgulhosa por ter tido o privilégio de ser filha de uma negra. Quero parabenizar a todos por essa linda revista. Vou colecioná-la para mostrar o meu povo negro para todas as minhas amigas ...¹²⁸”

Silvia R. Evangelista, Anápolis, GO.

A questão da miscigenação é recorrente nas cartas. Como vimos acima, a leitora se assume como negra e não como mestiça, fator relevante visto que é uma postura perceptível na revista a identificação do mestiço como sendo negro, além de

¹²⁴ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº33, p.70.

¹²⁵ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº12, p.32.

¹²⁶ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº26, p.40.

¹²⁷ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº31, p.48.

¹²⁸ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº5, p.8.

outro aspecto importante que é o orgulho, tanto de ser filha de uma negra como por ter uma revista exclusiva representando sua comunidade.

“Estou há três anos morando fora do país, mas sou leitora assídua desta revista que abre espaço para falarmos da nossa raça. Sou negra, casada com alemão, tenho uma filha de pele clara e muita gente me pergunta se sou realmente mãe dela. Sofro com isso, mas sei que se processar alguém aqui por discriminação a pessoa será punida, o que nem sempre acontece no Brasil, um país que tinha tudo para dar certo”¹²⁹

Sandra Specovicius, Gefborn, Alemanha

A leitora nos mostra que a questão da mestiçagem a incomoda, visto que sua filha não herdou suas características fenotípicas, pois tem a pele clara, colocando-a em uma situação permanente da desconfiança alheia quanto a sua maternidade. Segundo que, no Brasil, a luta dos negros tem como um de seus objetivos a punição daqueles que discriminam, penalidade esta prevista em lei, e que dificilmente é levada a cabo, enquanto que na Alemanha, onde deduzimos que as leis contra discriminação sejam mais efetivas, a leitora apresenta receio em denunciar tal prática, visto que seguramente o infrator será punido. Percebemos aí uma contradição, já que a mesma sugere que no Brasil deveria haver mais punições.

Encontramos a carta de um leitor que nos traz um novo posicionamento com relação à questão da mestiçagem.

“Entre os temas abordados na edição de agosto, dois chamaram a minha atenção: ‘Filhos Mestiços’ e ‘Quem tem razão’. O primeiro é bastante controvertido. Sou a terceira geração de mestiços e vivo num país em que 90% da população é negra, sem mistura. Nas sociedades africanas mais tradicionais, mestiço significa submissão e humilhação colonial, de forma que não são considerados verdadeiros africanos e, por isso, muitas vezes são colocados de lado e representados por outros na política dos seus países. O segundo tema também trata de algo que

¹²⁹ Outras Palavras Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº27, p.6.

acontece no Brasil e em Angola. O homem negro, quando ascende economicamente, geralmente quer uma mulher branca ou mestiça, nem que seja apenas para mostrar¹³⁰.”

Lassalett Costa, Luanda, Angola.

A revista não é consumida apenas no Brasil, ela também serve de referência para leitores negros de outros países. A situação do mestiço em outras sociedades não é a mesma que no Brasil, pois se em nosso país os negros foram trazidos como escravos, o mestiço goza de uma posição social culturalmente dita superior no que se refere à ascensão social. O mesmo não ocorre em outros países, onde a cultura dominante é negra e o mestiço é considerado como forma de submissão cultural. Consideramos ambígua a publicação dessa carta, visto que os modelos internos e das capas, expostos pela revista, serem mestiços em sua grande maioria, e sendo tal fato desconhecido do grande público brasileiro, haveria a possibilidade de causar certo desconforto para com os mestiços nacionais. O segundo fator aproxima os dois países, quando se trata da ascensão social, principalmente do homem negro, que exclui a mulher negra de uma possível relação afetiva, no caso de Angola, mesmo que seja apenas para mostrá-la socialmente, já que os filhos mestiços seriam desconsiderados de alguma forma, e no caso do Brasil esses filhos sejam ‘almejados’.

Além das cartas e das matérias, a questão do mestiço apareceu uma única vez em outros espaços da revista.

Na seção Ponto de Vista, (Raça, nº40, dezembro de 1999) intitulada “O direito de ser mestiça”, a leitora Silvia Regina relata:

“... se tenho a mesma carga genética deles, (pais), não sou nem uma coisa nem outra. E isso, amigos, me parece muito mais triste do que ser chamada de ‘neguinha’ no jardim de infância. Esboço aqui meu sentimento de revolta por não

¹³⁰ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº19, p.7.

poder ser o que sou, nem negra nem branca, mas alguém que mantém um pouco das duas etnias¹³¹”.

Esse Ponto de Vista que traz a experiência da depoente Silvia Regina, nos faz pensar que deve haver mais mestiços que pensam da mesma forma, acreditando-se pertencentes às duas etnias diferentes e serem parte de ambas, rejeitando a classificação apenas quanto a uma delas, no caso a negra.

A questão referente à mestiçagem é muito evidente nas propagandas veiculadas pela revista, visto que poucos são os modelos negros de pele mais escura que aparecem nas propagandas, surgindo mais nas matérias de moda da própria revista, enquanto que nas propagandas dos anunciantes, há maior número de modelos morenos e brancos.

Analizamos a mestiçagem através da temática da revista, pelo fato de que a mesma representaria o mito da democracia racial, isto é, de que se existem relações afetivas inter-raciais que geram descendentes, o país não seria preconceituoso.

Para os mulatos, a integração social seria facilitada e a possibilidade de agregar negros e mulatos em uma só determinação, no caso a negra, geraria uma maior força de luta para a conquista de direitos sociais ainda negados, ocasionando dessa forma a integração social. Contudo, ao denominar os mestiços como negros, a revista gera polêmica entre os leitores que querem ser reconhecidos como pertencentes as duas etnias.

¹³¹ Ponto de Vista, Raça Brasil, nº40, p.47.

Capítulo 2

Outras Mídias.

Um tema recorrente na Revista Raça é a representação e a participação do negro nas outras formas de mídia, como televisão, internet, rádio, publicidade e teatro, que são discutidos tanto em editorias, como na seção Comportamento e em Controle Remoto.

O conceito de comunicação, segundo Zito é:

“... tomado no seu sentido mais amplo, abrangendo tanto a mídia de massa (rádio, televisão, propaganda) como as artes (cinema, teatro, música) e a literatura em suas diferentes formas de expressão (ficcional, científica, popular e didática).¹³²”

Na Revista Raça, encontramos matérias e seções específicas sobre todas as formas de comunicação, no entanto, nos ateremos na análise da internet, televisão, e publicidade, no que tange às propagandas e agências.

Em artigo do Le Monde Diplomatique, Ramoneda comenta sobre a internet:

“A ‘revolução digital’ rompeu as fronteiras que antes separavam as três formas tradicionais de comunicação: o som, a escrita e a imagem. Permitiu o surgimento e o avanço da Internet, que representa um quarto modo de se comunicar, uma nova maneira de se expressar, de se informar, de se distrair¹³³.”

A internet representa uma nova forma de comunicação, que ao longo da última década vem se popularizando através de estabelecimentos comerciais

¹³² Joel Zito de ALMEIDA ARAÚJO, A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira, p.11.

¹³³ Ignácio Ramoneda,(2006) O quinto poder. <http://diplo.uol.com.br/imprima764>.

específicos que possibilitam o acesso desse meio de comunicação para aqueles que não possuem computador em suas residências. De fácil acesso e a preços modestos, esses estabelecimentos, chamados de Lan Houses, encontram-se tanto no centro como na periferia das cidades.

No editorial do exemplar nº14 (Raça, outubro de 1997), temos:

*“**Embaló Negro** - Coloque um disco na vitrola, gelo na cuba-libre e vamos dançar. Já se foi esse tempo. O mundo hoje está girando numa velocidade absurda. Globalização, neoliberalismo, Internet são os termos incorporados em todas as camadas sociais. O interessante dessa história, desencadeada pelos avanços tecnológicos, é que falta tempo para todos. O que veio para facilitar, na verdade gera uma neurose coletiva. (...) no meio dessa parafernália tecnológica, nós negros, quase no final do século, fomos descobertos! Como diria a propaganda: ‘Que maravilha!’. Passamos a existir, a nos tornar visíveis. (...) meus irmãos, a hora é essa. RAÇA BRASIL está aí para colaborar. Mais informação e recursos modernos para que sua leitura seja a mais agradável possível. (...) o mundo pode estar girando a mil, mas RAÇA BRASIL ainda vai estar falando para você, com aquela intimidade dos velhos tempos. Cada página é pensada para que o seu prazer de estar conosco seja completo. Por via das dúvidas, plug o seu dvd, tecle enter no seu sistema e navegue nas nossas páginas. Numa boa!”¹³⁴*

Nas palavras do editor, podemos perceber que a Revista Raça está aberta para novas tecnologias, considerando que o mundo atual ‘gira a mil’. A relação estabelecida entre a revista e os meios eletrônicos pode ser dividida em duas fases: a primeira é constituída por indicações de endereços eletrônicos especializados em assuntos referentes às temáticas do grupo negro, e a segunda fase é caracterizada pela criação do endereço eletrônico da própria revista. O editorial ao mesmo tempo que reconhece a necessidade de sintonia com estas novas tecnologias, afirma uma ‘intimidade dos velhos tempos’, que deve ser preservada, como se com as novas tecnologias isto estivesse distante.

¹³⁴ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, *Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros*, nº14, p.3.

Na seção Comportamento nº7 (Raça, março de 1997), a revista traz a seguinte matéria:

“Internet: Navegar é preciso - O mundo está a sua espera na Internet. Saiba tudo a respeito da nova onda que tomou conta do país e já ganhou adeptos de todas as idades¹³⁵.”

A matéria apresenta um enredo completo de tudo que se refere à internet, com glossário de termos específicos, endereços de busca, locais onde os acessos são gratuitos, provedores, sites afro-brasileiros, dicas para ‘cair na rede’, e quais os equipamentos necessários para a instalação no computador, funcionando como um indicativo para aqueles que ainda não tiveram acesso a esse novo meio de comunicação. Essa primeira matéria da revista nos sugere que a mesma incentiva seus leitores a fazerem uso deste meio, tanto para aqueles que possuem computadores em suas residências, como para os que não o têm, dando endereços de Lan Houses.

A edição de número nº9 (Raça, maio de 1997), em Controle Remoto, traz:

“Black Sites - Navegar pelas ondas da Internet pode levá-lo a caminhos incertos e distantes do seu interesse. Como nesse caso, tempo é literalmente dinheiro, a RAÇA BRASIL seleciona a partir desta edição algumas páginas para a sua diversão e informação!¹³⁶”

Nesse informativo, os site indicados são o da Editora Pallas, especializada em cultura afro-brasileira e também o site do produtor musical Babyface, de música internacional. É interessante observar que há uma interferência por parte da revista nas escolhas pessoais de seus leitores ao discutir a importância de novas tecnologias, sem deixar de dar continuidade na orientação aos temas específicos do público negro.

¹³⁵ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº7, p.44.

¹³⁶ Controle Remoto, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº9, p.30.

Na seção Controle Remoto nº11 (Raça, julho de 1997), temos:

“Vale a pena reservar um pouco de seu tempo para conhecer o UBP - Universal Black Pages, serviço mantido pela Associação de Estudantes Graduados Negros do Instituto de Tecnologia da Geórgia (EUA). Trata-se de um imenso arquivo com páginas específicas para história, artes, música, organizações profissionais, entretenimento, calendário de eventos e muito mais, tudo voltado para a população negra mundial. No site Diáspora, por exemplo, você encontra informações sobre a presença do negro e sua influência em todas as partes do mundo. A subdivisão Afro-Brazilian tem até uma versão em português. No site Música, por sua vez, estão os ritmos e estilos criados pelos negros e até páginas de fãs-clubes de astros internacionais. Entre eles encontramos a página oficial de Gilberto Gil e, olha só, até da nossa Estação Primeira Mangueira¹³⁷.”

Na sugestão dada pela revista, o site é internacional, produzido por estudantes universitários do estado da Geórgia, nos Estados Unidos, ou seja, em inglês, mas para os que não tiverem conhecimento deste idioma, o site também tem uma página em português dedicada ao Brasil, em que enaltece gêneros da música nacional. É importante observar que a referência à Internet é destacada como uma possibilidade de contato fora do Brasil, de quem também se preocupa com os negros brasileiros.

Na mesma seção de nº12 (Raça, agosto de 1997) são indicados dois endereços eletrônicos:

“Informação eletrônica - O Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes (CEAA), no Rio de Janeiro, está oferecendo um novo serviço de informação às pessoas e instituições interessadas em questões africanas e afro-brasileiras: o informativo eletrônico Afronotícias. Para assiná-lo basta enviar um e-mail (...) O serviço é gratuito e o assinante não paga para recebê-lo nem para

¹³⁷ Controle Remoto, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº11, p.29.

divulgar seus eventos. O CEAA desenvolve atividades de pesquisa e de formação e dá assessoria sobre relações raciais, países africanos e temas afro-brasileiros.

*(...) **Música afro-caribenha** - Os fãs do reggae e da música afro-caribenha em geral têm uma ótima opção na Internet para aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. (...) a página da AfricArt, produzida sem finalidade comercial, apenas para divulgar esses gêneros. Com versões em inglês e francês e portas que permitem pesquisas por países, artistas e estilos, a página traz calendários de shows, biografias, letras e até material de interesse específico para músicos. De quebra, ainda recebem dicas de boates, livrarias, rádios e restaurantes da chamada Black Paris.¹³⁸*

Essas duas indicações da revista nos mostram que a mesma tem a intenção de satisfazer a públicos diversos, tanto os interessados em entretenimento, que tenham conhecimento de um outro idioma, como os que querem divulgar eventos próprios e obter informações sobre a população negra, no Brasil e no exterior, sendo que ambos os serviços são oferecidos gratuitamente. Há uma possibilidade de conhecimento múltiplo, variado, onde o negro pode ver e ser visto através das novas tecnologias.

Em Controle Remoto nº13 (Raça, setembro de 1997), dois sites são indicados:

***“Tudo sobre Spike Lee** - Os internautas fãs de cinema podem conferir toda criatividade de SpiKe Lee no site de sua produtora (...) Entre outras coisas, ele oferece camisetas por US\$20, a cinematografia completa do diretor e uma lista de trilhas sonoras dos seus filmes (...)*

***Reggae e rastafári** - Muito reggae e dados sobre a cultura rastafári são algumas das informações que você pode encontrar no site de Bob Marley (...) apesar de trazer curiosidades como fotos da família Marley e uma relação de bandas influenciadas pelo pai do reggae, o site de Bob Marley fica aquém da expectativa de quem quer conhecer a vida e a obra do artista com detalhes. Mas vale a pena a*

¹³⁸ Controle Remoto, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº12, p.85.

viagem pelas páginas com informações sobre a cultura rastafári que embala pessoas no mundo todo. Os curiosos e devotos do rasta podem se inscrever na Fundação Bob Marley e manter contato com os irmãos jamaicanos¹³⁹”

Essa primeira fase, em que a Revista Raça traz dicas de sites e matérias referentes aos meios eletrônicos de comunicação, é por nós entendido como um informativo sobre endereços eletrônicos específicos para os negros, para que seus leitores adquiram um maior conhecimento sobre sua cultura em nível nacional e internacional. Vemos como uma ‘interferência’ por parte da revista sobre os gostos pessoais de seus leitores e também uma fase em que a revista enaltece de forma veemente este grupo, visto que os endereços eletrônicos indicados tratam tanto da cultura negra como também são produzidos por negros.

Na segunda fase, a revista cria um site próprio.

Em Controle Remoto, na edição nº15 (Raça, novembro de 1997), temos o informativo:

“RAÇA NA REDE - a partir deste mês, você pode encontrar sua Revista Raça também na Internet. É só entrar no site do Universo On Line (<http://www.uol.com.br>) e clicar no link de revistas. Depois, basta apertar Raça e correr para o abraço. Nossa home page traz entrevistas, reportagens de comportamento, memória, culinária, som black, visual, e links para outros sites de interesse da comunidade. O usuário também pode navegar pelas seções Negro Gato e Negra Gata (com a ficha das belezas negras), Horóscopo, Black Chat (sala de bate-papo), Fórum (espaço para manifestações dos internautas) e Radar (roteiro de casas noturnas). Para incrementar a interatividade com o leitor, toda edição da RAÇA na rede trará um jogo sobre cultura negra e um artista para um bate-papo com você. Nossa primeira convidada é a atriz Taís Araújo¹⁴⁰”

¹³⁹ Controle Remoto, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº13, p.83.

¹⁴⁰ Controle Remoto, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.48.

Houve uma parceria entre o site da empresa Universo On Line para com a Revista Raça. O fato da revista fazer uma sociedade comercial com um portal já estabelecido no mercado virtual e com grande número de usuários segue a tendência já estabelecida da mídia atual, ao diversificar quanto às formas de comunicação e de atingir a públicos segmentados.

Para Canclini:

“É sobretudo na competição e nas alianças entre empresas de comunicação (de televisão, informática, e mesmo editorial) que se está gestando a inter e a multiculturalidade¹⁴¹.”

Esse processo, segundo o autor, se refere às aquisições, alianças e competições entre empresas dos meios de comunicação dos Estados Unidos, países europeus e latino-americanos, que na disputa pelo espaço audiovisual em outros países, ‘reconheceriam’ as múltiplas vozes presentes nas sociedades compostas por várias etnias, como a América Latina, e Brasil.

Para Cashmore:

“O multiculturalismo possui, na sua essência, a idéia, ou ideal, de uma coexistência harmônica entre grupos étnica ou culturalmente diferentes em uma sociedade pluralista. Os principais usos do termo, contudo, alcançaram uma extensão de sentidos que o incluíram como uma ideologia, um discurso e um apanhado de políticas e práticas¹⁴².”

No editorial que citamos acima, quando o editor comenta que ‘no meio da parafernália tecnológica, nós negros, quase no final do século, fomos descobertos’, entendemos que, ao estabelecer um contrato comercial entre a empresa de informática e a editorial, os negros estariam sendo descobertos pela primeira que,

¹⁴¹ Consumidores e cidadãos: conflitos culturais na globalização, p.18.

¹⁴² Dicionário de Relações étnicas e Raciais, p.371.

interessada nesse segmento da população, investiria na vertente da multiculturalidade.

A iniciativa da criação do site da revista parece ter tido o respaldo de seus leitores.

“Estamos no Brasil inteiro com vocês, navegando nas ondas da rede mundial, Internet. Acessamos diariamente o chat da Raça Brasil, onde conversamos, fazemos novos amigos e marcamos encontros regionais, estaduais e nacionais. São Paulo e Rio de Janeiro têm um número maior de freqüentadores. Mas também temos participantes de Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Brasília, entre outros, que marcam presença, divulgando o Black Chat da Raça Brasil. Já o freqüentamos há quase um ano e gostaríamos de sair do anonimato e ampliar ainda mais nossa rede de amigos e de discussão sobre diversos temas¹⁴³.”

Telmo, Rio de Janeiro, RJ.

A carta acima demonstra as modificações na vida pessoal e nas relações sociais de seus leitores através da Internet. Ao abrir espaço para a convivência entre seus leitores e entre esses desconhecidos, a revista torna-se um elo entre as pessoas, ampliando o círculo de convivência, tanto entre os que residem em uma mesma cidade como em outros estados, além de demonstrar que há interesses comuns quanto aos assuntos suscitados pela revista.

Raça também discute uma questão atual, que são os tipos de relacionamentos amorosos que se iniciam através da Internet, como podemos ver na seção Comportamento da revista de nº44, (Raça, abril de 2000):

“Namoro na internet - *banquinhos de praça ficaram para trás. As danceterias também. Antenados, os românticos ponto com procuram suas almas gêmeas na rede mundial de computadores¹⁴⁴.”*

¹⁴³ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.8.

¹⁴⁴ Comportamento, Raça Brasil, nº44, p.70.

A matéria traz histórias de pessoas que se conheceram através da web e hoje namoram on-line ou mesmo pessoalmente, além de chamar a atenção para o perigo do ciúme virtual enfocado em diferentes depoimentos de internautas, que tanto se renderam à esta possibilidade de relacionamento, como daqueles que preferem a maneira antiga de namorar.

Ao trazer dicas de locais onde a internet é disponibilizada, a revista possibilitou que muitos leitores tomassem conhecimento de tais estabelecimentos:

“Estou sem computador e até ler a matéria Namoro na Internet (edição abril) e tomar conhecimento do cyber café internet.café.com, eu não sabia o que fazer para entrar em contato com meus amigos internautas. Graças a vocês agora vou poder retomar meus bate-papos virtuais¹⁴⁵.”

Clóvis C. da Cruz, Salvador, BA

A revista também traz seu endereço eletrônico em matérias específicas, como na seção Comportamento, da revista de nº53 (Raça, de janeiro de 2001):

“Os novos navegantes negros - você está plugado na Net? Então, não perca tempo: acesse o site www.uol.com.br/símbolo/raca, clique o link black chat e encontre uma fabulosa família. Lá rola de tudo!¹⁴⁶”

A matéria mostra fotos de pessoas que acessam o site da Revista Raça, das festas e dos encontros que os mesmos organizaram em salões alugados ou na residência dos próprios internautas, os namoros e casamentos consumados entre navegantes que se conheceram no chat e também de sites que surgiram em prol da conscientização dos negros enquanto grupo, criados por freqüentadores do site da revista, que participam enviando e-mails com textos ‘politizados’ que circulam entre seus freqüentadores.

¹⁴⁵ Cartas, Raça Brasil, nº46, p.7.

¹⁴⁶ Comportamento, Raça Brasil, nº53, p.49.

A matéria agradou a seus leitores, pois na mesma edição, duas cartas parabenizam a revista pela matéria sobre os Navegantes Negros:

“Gostaria de parabenizar a RAÇA BRASIL pela matéria Os novos navegantes negros (...). Para minha satisfação, nosso espaço tem se expandido gradualmente. Melhor: as pessoas que costumam frequentar essas salas de bate-papo são cultas, o que torna as conversas agradáveis e interessantes. Não é a toa que sempre há eventos para reunir esta animada galera¹⁴⁷”

Thales Renê de Mello por e-mail

“Fiquei feliz e muito honrada com a reportagem que vocês fizeram sobre a festa do Black Chat lá em Taboão da Serra, é bom divulgar que nós não somos apenas um pessoalzinho que se reúne para sair à noite. Formamos realmente uma família que se preocupa com todos. Parabéns e obrigada pelo apoio. Naquele dia da matéria eu estava comemorando meu aniversário!¹⁴⁸”

Luciana Lubonbon, por e-mail

Os leitores que são freqüentadores das salas de bate-papo do site da revista e que se encontram regularmente, não querem ser considerados como pessoas de pouca instrução, se vêem como uma família, onde há respeito e consideração de uns com os outros.

Em outra matéria específica sobre a Internet, temos na seção Comportamento, do nº54 (Raça, fevereiro de 2001):

*“**Black Sites** - já existem quase 3 mil endereços eletrônicos dedicados aos interesses da comunidade negra. Vale a pena visitá-los¹⁴⁹.”*

¹⁴⁷ Cartas, Raça Brasil, nº54, p.7.

¹⁴⁸ Cartas, Raça Brasil, nº54, p.7.

¹⁴⁹ Comportamento, Raça Brasil, nº54, p.86.

Este número traz endereços de sites com variados assuntos para os negros, como negócios, Hip-Hop, cabelos, beleza, artes cênicas, religião, entre outros. Nessa matéria, os endereços eletrônicos indicados são todos referentes à temática da população negra, fazendo-nos perceber uma intencionalidade por parte da revista de que seus leitores se familiarizem com a cultura negra e suas variadas formas de expressão, estimulando a pesquisa pela Internet, além do fato de que as pessoas que residem em outros países possam também conhecer a revista através do site.

“Gostaria de cumprimentá-los pelo que vêm fazendo no sentido de promover o orgulho da negritude no Brasil. Sou das Ilhas Virgens e vivo nos Estados Unidos, onde dou aula de música, o problema aqui é que a maioria dos afro-americanos não sabe que há negros em outras partes do mundo. Vou mostrar-lhes o site da RAÇA para que se familiarizem com a vida dos negros brasileiros¹⁵⁰.”

Gychris Sprauve, por e-mail

O leitor salienta que nos Estados Unidos, os afro-americanos desconhecem a vivência de outros negros que residem em outros países, portanto, ao mostrar-lhes o site da Revista Raça, isso tornaria a vida dos negros brasileiros conhecida e até mais familiar para os americanos.

A internet é hoje um meio de comunicação mundial, possibilitando que pessoas residentes em países diferentes se comuniquem entre si e estabeleçam laços, além de ser um meio democrático de se adquirir cultura, informação e entretenimento. Entendemos que, ao se disponibilizar através da mídia eletrônica, a Revista Raça estaria almejando ser conhecida em âmbito internacional, pois usuários desse meio de comunicação poderiam tomar conhecimento da revista através de seu site, visto não residirem no Brasil, entendemos também que para ter acesso à revista pela internet é preciso se cadastrar no site da UOL mediante assinatura, dessa forma poderia haver um maior número de leitores, caso os mesmos apresentassem dificuldades para adquiri-la nas bancas ou por assinatura com a editora.

¹⁵⁰ Cartas, Raça Brasil, nº55, p.7.

Assim como a internet, outro meio de comunicação sempre retratado nas páginas da revista é a mídia televisiva. A grande maioria das matérias se refere aos espaços que o negro vem ocupando nesse meio de comunicação, visto que sua imagem é, por vezes, representada de forma preconceituosa ou estereotipada, que pode vir a criar um imaginário de desmerecimento do sujeito negro.

Segundo Araújo, em um levantamento realizado sobre identidade negra e estratégias de comunicação televisiva dos afro-brasileiros, com a liderança de organizações não governamentais e de grupos negros, os entrevistados criticaram na mídia televisiva os seguintes aspectos:

“Os negros são representados através de estereótipos negativos, que reafirmam o imaginário construído no período escravocrata, do negro como classe subalterna. Esses estereótipos são lugares-comuns que ocorrem com a utilização dos atores negros em papéis de serviçais nas telenovelas, nos comerciais e nos programas cômicos; existe uma total invisibilidade da ação positiva dos negros. Esse aspecto é revelado pela negativa de inclusão das lideranças afro-brasileiras como representantes de seu grupo étnico nos debates sobre problemas comunitários e nacionais, tanto nos assuntos específicos dos negros quanto naqueles relativos a todos os grupos étnicos brasileiros. A cultura negra é vista como folclore, e não como parte da cultura popular e da constituição do imaginário e das preferências do povo brasileiro. Dentro desse aspecto, o negro só tem espaço na mídia como representante de grupos carnavalescos, sambistas ou pai-de-santo nas cerimônias religiosas aceitas pela sociedade brasileira como um todo, como a festa de Iemanjá.

O negro como elemento de diversão para os brancos, e não para si mesmo e seu grupo étnico; a apresentação do negro como pobre e favelado está na estrutura rotineira dos noticiários. Ou seja, os negros são apresentados relacionados a pobreza, ignorância, drogas, homicídio, reafirmando esses problemas como específicos e de responsabilidade do próprio negro¹⁵¹.”

¹⁵¹ A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira, p.71/72.

Com relação à representação do negro em âmbito nacional, os Movimentos Negros tiveram a preocupação com a forma como o negro era retratado na mídia, tanto impressa como a televisiva, demonstrando assim sua luta para acabar com visões estereotipadas sobre sua cultura, visto que principalmente a mídia televisiva alcança um grande número de pessoas, podendo dessa forma influenciar a visão das mesmas em relação a comunidade negra, criando ou recriando formas de preconceito. A matéria afirma a necessidade de ir na contramão destas representações, negando estereótipos e a necessidade de aparecer na mídia televisiva como sujeito a ser visto positivamente.

Em Comportamento, da revista de nº1 (Raça, setembro de 1996), temos a matéria intitulada “O negro e a mídia”:

“Uma relação delicada - são 90 milhões de pessoas excluídas dos anúncios e da própria TV. Um projeto do vereador Antônio Pitanga prevê maior participação dos negros em campanhas publicitárias e produções para a telinha¹⁵².”

A matéria trata da exclusão do negro na mídia televisiva e nas propagandas publicitárias, trazendo fotos de alguns atores e modelos já consagrados, como Camila Pitanga, Isabel Filardes e Norton Nascimento, informa ao reproduzir a lei do vereador Antônio Pitanga, e enaltece o negro também como consumidor e assinala a importância do negro ocupar espaço na mídia.

Em editorial do exemplar nº5 (Raça, janeiro de 1997) temos:

“Jesse Jackson - começou seu ativismo como líder estudantil e nos movimentos civis desde 1965, junto ao Dr. Martin Luther King. (...) da sua visita ao país podemos extrair algumas lições que vão além do contato e intercâmbio. E uma das principais está em uma de suas frases: ‘Você não pode trazer mudanças na política pública sem visibilidade’. Segundo ele, os negros são projetados na mídia como menos inteligentes, menos trabalhadores e mais violentos, e isso precisa ser mudado. A sua RAÇA BRASIL está provando que, quando são visíveis, os negros só

¹⁵² Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº1, p.37.

*fazem enriquecer esse cenário multicolorido que é o nosso país. E que o sonho brasileiro de conquistas sociais não pode prescindir da sua cultura negra.*¹⁵³

Neste editorial, é evidenciado que a mudança na política só se dá através da visibilidade. Para o pastor, ativista político e militante americano Jesse Jackson, a imagem do negro na mídia era evidenciada de forma preconceituosa, visto serem os mesmos associados à falta de inteligência, violência e indisposição para o trabalho. Estes fatores desmerecem os sujeitos negros perante a sociedade mais ampla; portanto, para que haja mudanças concretas nas políticas públicas, como leis que favoreçam essa parcela da população e possibilitando um maior exercício da cidadania, é preciso que o negro se conscientize da importância de sua participação na sociedade.

Outro fator que concerne à preocupação com esta forma de representação é que:

*“Desde os anos 60 (...) já foi chamada a atenção para o fato de que o mundo artístico e o esporte constituíam-se nichos nos quais o negro encontrava campo de profissionalização, mas que, também, representavam espaços nos quais o negro se via confinado*¹⁵⁴*.”*

Dessa forma, se o mundo artístico e o esporte são os locais em que o negro encontra campo de trabalho, e na mídia televisiva os papéis concedidos para os atores negros são majoritariamente de coadjuvantes, especialmente nas novelas de emissoras televisivas que tem grande receptividade junto ao público, como a Rede Globo, esses atores estariam confinados nesses espaços e representando papéis que pouco contribuiriam para modificar a imagem do negro.

Em Comportamento da revista de nº24 (Raça, agosto de 1998), a matéria ‘Em cena o ator negro’, traz o relato de artistas alertando para a falta de trabalho que o ator negro enfrenta:

¹⁵³ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº5, p.3.

¹⁵⁴ Joel Zito de ALMEIDA ARAÚJO, A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira, p.11.

“Toda vez que se fala da arte de representar, os atores negros são unânimes ao denunciar a falta de continuidade de trabalho que enfrentam no cinema, na TV e no teatro. O que acontece? Há uma carência de autores e diretores que investem nesses artistas? Quem responde é um time de astros e estrelas consagrados nacionalmente pelo seu talento. Milton Gonçalves, Antônio Pitanga, Maria Ceíça, Jorge Coutinho, Antonio Pompêu, Lui Mendes e Ruth de Souza¹⁵⁵.”

Os atores falam da falta de continuidade de trabalho tanto na mídia televisiva, no teatro, como cinema, evidenciando que diretores e escritores ainda relutam em considerar que o ator negro possa vir a representar papéis diferentes, que não sejam de empregadas domésticas, cocheiros e porteiros. Afirmam também que existe uma classe média negra que não se vê representada nas novelas das grandes emissoras e que os papéis a eles destinados são sempre de coadjuvante e raras vezes de protagonista, sendo este apenas dedicado a um negro ou uma negra quando se trata de uma novela de época, como Xica da Silva.

Na seção Ponto de Vista do nº53 (Raça, janeiro de 2001), o ator Antonio Pompêu traz uma discussão relevante:

“Por que negamos aplausos aos nossos artistas?”

“Triste realidade: a comunidade reclama da falta de atores negros na TV, sem notar que ainda não sabe prestigiar esses talentos. Durante alguns anos, os negros brasileiros reclamaram (e muito) da maneira como sua imagem era tratada pela mídia. Jornais, revistas, televisão, cinema e publicidade os ignoravam ou se limitavam a apresentá-los como pessoas à margem da sociedade. E o principal alvo dessas reclamações sempre foi a televisão, com destaque especial para as novelas. (...) A pressão obrigou as emissoras de televisão a não nos escalar para papéis considerados negativos ou politicamente incorretos. No entanto, com essa restrição, nós, atores e atrizes, tivemos nosso pequeno mercado de trabalho ainda mais reduzido.(...) Na teve Globo, onde trabalhava, há uma sala de apoio para o elenco, e uma parte dessa sala é ocupada por escaninhos onde são guardadas as

¹⁵⁵ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.24.

correspondências recebidas pelos atores. Durante quatro anos tive um desses escaninhos. E sabe quantas cartas recebi durante esse período? Pouquíssimas, para não dizer quase nenhuma. (...) Na televisão, o êxito nem sempre depende de talento. O número de cartas que o artista recebe é uma das maneiras de medir seu sucesso. E quanto mais cartas chegam, maior é a chance de firmar um contrato mais longo. Vários artistas conseguem esse tipo de recontração, mas raramente isso ocorre com as atrizes e os atores negros. (...) O que precisamos é ver famílias inteiras nas telenovelas. Mas onde estão as cartas pedindo essa mudança? Precisamos encher os escaninhos dos nossos atores negros!¹⁵⁶

A declaração do ator Antonio Pompêu chamou a atenção de uma leitora:

“Li o Ponto de Vista escrito por Antonio Pompêu e fiquei emocionada. Pus-me no lugar dos atores negros olhando os escaninhos vazios. Que luta inglória, meu Deus!”¹⁵⁷

Fátima, por e-mail

Tanto a matéria, como a declaração do ator e a carta da leitora nos evidencia que há uma pressão social exercida em sua maioria por movimentos negros e organizações não-governamentais, para que atores negros representem sua arte em papéis variados e não apenas dos que exercem funções desqualificadas socialmente. No entanto, é através das cartas recebidas pelos atores que se mede o seu sucesso, traduzido em contratos mais longos, pois sem as cartas dos telespectadores, os artistas, independente do seu talento e do papel que representam, não terão seus contratos renovados. A leitora se solidariza com a luta dos atores negros e se emociona ao pensar que os mesmos não gozam do reconhecimento de seu público.

Em Comportamento, na revista de nº39 (Raça, setembro de 1999), lemos a matéria:

¹⁵⁶ Ponto de Vista, Raça Brasil, nº53, p.97.

¹⁵⁷ Cartas, Raça Brasil, nº55, p.7.

“TV de cara nova - Ajuste o brilho, acerte o contraste! Uma nova geração de atores negros marca presença nas novelas e nos programas de tevê, rouba a cena e aumenta a audiência¹⁵⁸.”

A matéria mostra fotos das novelas em que estes novos talentos (ou atores que ainda não haviam sido reconhecidos por seus trabalhos) fazem sucesso, citando as atuais, em sua maioria da Rede Globo, como ‘Força de um Desejo’, mas também cita os calouros do Programa Raul Gil, os profissionais que trabalham no programa do apresentador Ratinho, do SBT, da apresentadora Rita Andrade, que trabalha no programa Globo Esporte e do atleta e apresentador Robson Caetano, com o programa Na Geral, exibido durante o programa Show do Esporte, da Rede Bandeirantes de Televisão.

A seção Comportamento nº45 (Raça, maio de 2000) traz a matéria sobre apresentadores negros:

“Apresentadores negros - uma questão de competência - Ainda que devagar, o Brasil vai fazendo suas mudanças. E como a televisão não poderia ficar de fora desse processo, o número de profissionais negros no comando de programas jornalísticos e de entretenimento aumenta a cada dia. Com isso, a população não branca passa a se ver representada na telinha e as redes de televisão garantem a audiência e ainda ganham a imagem de abertura, exigência destes tempos globalizados. Antenados com a diversidade, as emissoras brasileiras adquirem mais condições de enfrentar novidades como a internet, que, segundo especialistas, é a mídia que vai segurar boa parte dos telespectadores nas próximas décadas. Aqui, nove apresentadores revelam como fizeram para conquistar e manter seus espaços no mundo encantado da TV¹⁵⁹.”

O título e o subtítulo da referida matéria nos sugere que os apresentadores negros são pessoas competentes tanto quanto os de outras etnias, e que

¹⁵⁸ Comportamento, Raça Brasil, nº39, p.52.

¹⁵⁹ Comportamento, Raça Brasil, nº45, p.68.

conquistaram seus cargos mediante esta qualidade. Assinala que o Brasil está passando por mudanças e estas estão sendo seguidas pelas emissoras de televisão, tanto em seus canais pagos como abertos, confirmando que, atualmente, há uma tendência iniciada com os tempos globalizados de maior ‘abertura’ para a diversidade étnica, visto que outras formas de mídia, como a internet, já aderiram a essas mudanças e que a mesma é analisada por especialistas como a grande detentora dos espectadores no futuro, sugerindo que, caso as emissoras de televisão não aceitem as mudanças sociais em processo, perderão seu público para outras formas de mídia.

A matéria traz as fotos de todos os apresentadores em seus respectivos programas, não apenas no canal aberto como também nos canais pagos, como por exemplo, Guto Moreno, no programa Ligação da CNT Gazeta e Rosângela Coelho, apresentadora da Globo News. A matéria traz também um quadro com a programação dos canais e o respectivo horário de transmissão.

Esta teve grande repercussão entre leitores que trabalham na televisão:

“Ao ler a chamada de capa Apresentadores Negros Ampliam seu Espaço na Telinha, dei pulos de alegria. Simplesmente excelente a matéria. Essa é a primeira vez que vejo o assunto ser abordado. Gratifica-me muito saber que a Revista Raça BRASIL está tão atenta às dificuldades, aos sucessos e aos anseios do povo negro. Parabéns!”¹⁶⁰

Neide Diniz, apresentadora do programa Zoação, canal 16/NET, RJ, por e-mail.

A leitora, que trabalha como apresentadora no programa Zoação no canal pago, se sentiu lisonjeada ao ver que a revista fez uma matéria com chamada de capa sobre os apresentadores negros, que até aquele momento não haviam ganhado espaço na mídia impressa.

¹⁶⁰ Cartas, Raça Brasil, nº47, p.9.

A pouca ou estereotipada representação do negro na mídia não é questionada apenas pelos movimentos negros, entidades não-governamentais e pelos próprio atores, mas também pelos próprios leitores da revista:

“Gostaria que vocês abordassem um tema muito atual, que é a forma como a telenovela fala do racismo. Algumas cenas que retratam o preconceito racial acabam com a nossa auto-estima¹⁶¹.”

Júnior Simões, São Paulo, SP.

É interessante observar que a telenovela alterou o estado emocional do leitor, quando ele diz que ‘acaba com a nossa auto-estima’, interferindo dessa forma em sua vida pessoal. Esta questão da auto-estima é recorrente em Raça Brasil, tanto nos editoriais como nas reportagens e entrevistas, retornando agora ao abordar a mídia televisiva.

Há matérias em que são discutidas as programações da televisão, como na seção Comportamento, no nº58 (Raça, junho de 2001):

“O lixo na TV é ruim demais! - Erotismo, brincadeiras de mau gosto e a exploração da desgraça alheia vêm ganhando cada vez mais espaço na TV brasileira. Mas, se você procurar (bem), ainda pode encontrar programas interessantes¹⁶².”

A matéria traz como exemplo os programas dos apresentadores Gugu, Faustão, Ratinho, João Gordo, Silvio Santos, João Kleber, e Sérgio Malandro, de diferentes canais de televisão. Observa-se uma postura contraditória entre as duas matérias, pois nesta o programa do apresentador Ratinho é tido como de má qualidade, mas na matéria ‘TV de Cara Nova’, citada acima, onde trabalham alguns

¹⁶¹ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.6.

¹⁶² Comportamento, Raça Brasil, nº58, p.30.

negros, é enaltecido, nos indicando que a revista prioriza a visibilidade do negro na mídia, independente da qualidade do programa exibido.

Em editorial Toque Direto, no nº61 (Raça, março de 2002), Francisco Oliveira comenta:

“Não é brincado, não! O músico e cantor Ivo Meirelles lançou, recentemente, um disco em que a letra de uma das canções reclama da falta de negros na televisão. Concordo, em número e grau, que, realmente, está faltando preto na telinha. Mas não posso deixar de observar que a novela O Clone - o folhetim das 8, da Rede Globo, de autoria de Glória Perez - vem cumprindo o que deseja o deputado federal Paulo Paim (...) Num elenco com cerca de 40 personagens, 20% são negros. Da simpática dona Jura (Solange Couto) a um dos personagens centrais da trama, a atriz Adriana Lessa, o ‘núcleo Black’ traz ainda nomes como Thalma de Freitas, Neuza Borges, Ruth de Souza, Silvio Guindane, Antônio Pitanga e Léa Garcia. Já o polêmico Big Brother apresentou ao público pessoas comuns como a modelo Vanessa e o desconhecido cantor André.

Fazendo contraponto com o reality show da Globo, coube ao SBT a façanha de, pela primeira vez, levar um rapper para sua programação. Autor da consagrada Os Mano e As Mina, Xis debuta na televisão quebrando o antigo tabu, ou seja, hip-hop e mídia televisiva são incompatíveis (...) Se Taiguara pouco conseguiu se expressar na Casa dos Artistas (confira a reportagem com Taiguara - “Sou da periferia, sim!”), ao que tudo indica, o rapper Xis pretende usar a mídia a seu favor (...) O exemplo da tão propalada democracia racial - ainda que em números não tão expressivos - está acontecendo. Pena que isso esteja ocorrendo só no mundo da televisão. Mas não deixa de ser um bom caminho! Boa leitura e até maio!¹⁶³”

O editorial, contornado pelas fotos de todas as pessoas citadas acima, nos indica que para a linha editorial da revista, a visibilidade alcançada pelos negros na mídia televisiva representaria um exemplo de ‘democracia racial’, isto é, de que no Brasil não há preconceitos e de que os negros e os brancos dispõem das mesmas

¹⁶³ Toque Direto, Raça Brasil, nº61, p.3.

condições de igualdade social. Esse mito mascara as condições desiguais de emprego, renda familiar, moradia e cultura, visto os negros não gozarem plenamente de seus direitos como cidadãos.

Em Atualidades, na revista de nº65 (Raça, novembro de 2002) temos a matéria:

“O gueto invade a TV - Netinho de Paula lança o primeiro seriado negro brasileiro e dá mais um passo rumo ao seu próprio canal de televisão.

O seriado reabre a discussão sobre a presença minúscula de atores, jornalistas, músicos e modelos na mídia. ‘A Record vai acabar influenciando outras emissoras a darem mais espaço para essa raça, que só ganha destaque em três caminhos: na música, nos esportes ou no tráfico de drogas. Acho que, ao menos, as outras emissoras vão indagar se estão agindo corretamente. Apenas queremos que todos tenham a mesma oportunidade nessa sociedade’, comenta Netinho.

(...) Sem estereótipos - Na trama, Netinho é Ricardo, um professor universitário de classe média que vem de Porto Alegre para lecionar na escola pública Quilombo, na periferia de São Paulo, de onde saiu. Nessa volta às origens ele reencontra dois amigos com destinos diferentes: Jamanta (Nill Marcondes), traficante de drogas, e Edson (Jorge Marcondes), desempregado ...¹⁶⁴”

O primeiro seriado negro da televisão, exibido pela Rede Record, segundo a revista, tinha mais de 80% do elenco formado por artistas negros, no entanto, mesmo salientando que o seriado não representava os negros de forma estereotipada, o ator Nill Marcondes fazia o papel de um traficante de drogas, que como o próprio Netinho de Paula afirma, é uma das formas de destaque do negro na mídia, apesar de também ser um fator que contribui para associar a imagem do negro com a violência, a marginalização e a pobreza.

Mas a relação mantida entre a revista e a mídia televisiva não foi apenas em suas matérias, cartas e editoriais, já que a equipe da Revista Raça fez parte de alguns programas de televisão.

¹⁶⁴ Atualidades, Raça Brasil, nº65, p.54.

Na seção Cultura/Lazer, do nº9 (Raça, maio de 1997), encontramos:

“Raça Brasil na TV! Está provado que nas noites de sábado, o controle remoto “sofre” pulando de um canal para o outro, pois, geralmente, aos sábados não pinta nada de interessante na telinha. Mas tem novidade no ar! Agora você já tem motivos de sobra para ficar em frente da sua televisão e sintonizar a Rede Manchete. A RAÇA BRASIL estará presente todos os sábados no programa NOVO COMANDO DA MADRUGADA de Goulart de Andrade. A Revista Raça ‘agora em movimento’, levará os bastidores das notícias até você. Portanto, sintonize: Rede Manchete, Novo Comando da Madrugada, todos os sábados a partir da meia-noite¹⁶⁵.”

Não sabemos quanto tempo durou essa parceria, qual era o formato do programa e sua audiência, no entanto é interessante observarmos a frase dizendo que agora ‘Raça está em movimento’, postura que já esteve presente algumas vezes em editoriais, no conteúdo de matérias e também nas seções. Para a Revista Raça, há uma grande diferença entre ‘negros em movimento’ e o ‘movimento negro’, visto que estes ficam apenas no discurso, enquanto que o primeiro ‘faz acontecer, agita a sociedade’. Nesse caso, estar em um programa de televisão faria com que esse negro agitasse, sendo visto por uma sociedade que durante muito tempo não o viu realizando concretamente a já citada busca pela visibilidade.

Esse não foi o único programa de televisão no qual Raça participou, pois foram feitas mais duas tentativas com outras emissoras; a primeira parceria da revista com um programa televisivo aconteceu no ano de 1997 e uma nova parceria só voltou a acontecer em agosto de 2004.

Tendo como editora-chefe Conceição Lourenço, no editorial nº77 (Raça, agosto de 2004) ela afirma ter feito parcerias com resultados vistos como positivos.

Segundo ela:

¹⁶⁵ Cultura/Lazer, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº9, p.31.

“... começamos mês passado uma parceria deliciosa com Robson Oliveira no Programa Passarela do Samba, da Gazeta. A intenção dele é levar cultura e entretenimento? A nossa também. (...) Neste mês inauguramos outra grande parceria com o Domingo da Gente, do supercompanheiro Netinho de Paula, da Record. Vamos fazer juntos o concurso A Mais Bela Negra do Brasil¹⁶⁶.”

Dessa forma, a Revista Raça buscou visibilidade não apenas na mídia impressa, como também na televisiva. Não podemos nada afirmar sobre o formato dos programas, mas sabemos que o concurso ‘A Mais Bela Negra do Brasil’ ficou no ar alguns meses.

Segundo a editora Conceição Lourenço, em editorial nº79 (Raça, outubro de 2004), o concurso foi um sucesso, mesmo antes de começar:

“Setembro foi agitado. Dedicamos várias tardes na redação para ver fotos e fitas e selecionar as 500 semifinalistas do concurso. A Mais Bela Negra do Brasil. O sucesso superou nossas expectativas. Foram mais de 5 mil cartas. Deu um trabalhão, mais vai valer a pena. A partir deste mês todo o Brasil poderá ter nas tardes de domingo deleite puro para os olhos. Claro que só uma vai vencer, mas deixar 4.500 pra trás já é vitória. Essa parceria com a Record nos fez conviver (às vezes de maneira tensa) e conhecer muita gente bacana: Andréia, Touro, Cíntia, Raquel, Xuxa, Farah (o galã da equipe), Adriana e tantos outros ...¹⁶⁷”

O número de garotas inscritas para o concurso foi elevado, com 5 mil inscrições, das quais somente 500 seriam semifinalistas. Estes números sugerem que o tempo de permanência na mídia televisiva foi considerável, pois acreditamos que mesmo havendo uma nova seleção dentre as 500 garotas, o concurso, realizado nas tardes de domingo, selecionaria novos grupos, até que apenas uma fosse a vencedora. Segundo a editora, a relação entre os profissionais da revista e os da Rede Record, por vezes, foi tensa, nos indicando que os dois veículos de

¹⁶⁶ Toque Direto, Raça Brasil – 100% com você, nº77, p.4.

¹⁶⁷ Toque Direto, Raça Brasil – 100% com você, nº79, p.4.

comunicação tinham posicionamentos distintos com relação à parceria e a forma de conduzir um projeto em comum.

Na seção Atualidade, do nº81 (Raça, dezembro de 2004), é que foi noticiado o concurso pela revista, onde informava que haveria cinco eliminatórias, onde seriam escolhidas vinte e quatro finalistas. O júri foi composto por negros conhecidos da mídia televisiva, como os cantores Alexandre Pires e Sandra de Sá.

Podemos pensar a realização desse concurso como uma forma de atrair leitores, visto que a ficha de inscrição era disponibilizada apenas nas páginas da revista, isso porque a Revista Raça, do exemplar de nº59 (Raça, outubro de 2001) ao de nº72 (Raça, janeiro de 2004), teve sua tiragem bimestral e a partir do exemplar de nº73 (Raça, abril de 2004), sua tiragem voltou a ser mensal. Tanto o concurso realizado pela Rede Record, quanto a parceria com o programa Passarela do Samba, da Rede Gazeta, foram anunciados no exemplar de nº77, portanto há um intuito de tornar a revista mais popular, mediante as parcerias com os programas da mídia televisiva, pois o samba é associado à cultura negra popular e tinha como apresentador o presidente da Liga das Escolas de Samba de São Paulo, Robson de Oliveira, já o programa Domingo da Gente era apresentado pelo consagrado cantor Netinho de Paula, que elegia em seus programas garotas da periferia para serem as Princesas do Domingo da Gente.

Além da mídia televisiva e eletrônica, a revista discute frequentemente, na seção Comportamento, a inserção do negro nos meios publicitários, seja mediante a participação de modelos ou mesmo da representatividade dessa parcela da população nas propagandas.

Em editorial do exemplar nº13 (Raça, setembro de 1997), em sua edição de aniversário de um ano, temos:

“Um povo chamado Brasil - Com o coração transbordando de alegria a pulsação elevada e um indifereçável sentimento de missão cumprida, começo a escrever este texto. Um ano de RAÇA BRASIL! Foram mais de 1.300 páginas escritas e ilustradas com muito amor. Mais de 200 negros em cada edição. Dezenas de milhares de cartas, fax e telefonemas com sugestões, críticas e congratulações.

*Pessoas de todas as etnias entenderam que já era hora de se levantar o véu da invisibilidade do negro no Brasil*¹⁶⁸.”

Nesse editorial, percebemos que o aniversário de um ano da revista revelou um sentimento de ‘missão cumprida’, pois os negros eram invisíveis até este momento, visto que todas as etnias entenderam que os negros agora são visíveis, ressaltando que participaram mais de 200 negros em cada edição, além dos artistas, modelos e pessoas comuns.

Na capa desta edição, estão as atrizes Camila Pitanga, Isabel Filardis, Taís Araújo, Zezé Mota e Milton Gonçalves, e também os modelos Walter Rosa, João Gomes, Luiza Avelar e Érika Rosa, todos já haviam aparecido na revista tanto nas capas como em entrevistas.

Essa capa e o editorial nos indicam que o ‘véu da invisibilidade’ está sendo tirado mediante a maior inserção de atores e modelos negros na mídia.

Na matéria da seção Comportamento, do nº5 (Raça, janeiro de 1997), lemos:

“Vale a pena ser modelo - o mercado de trabalho para os negros do Brasil começa a crescer. Mas ainda é preciso persistir muito para alcançar o sucesso¹⁶⁹.”

A matéria traz o depoimento de modelos profissionais que já conseguiram se estabilizar no mercado de trabalho, esclarecendo sobre as exigências da profissão, como peso e altura, e traz um quadro dando dicas de como seguir esta carreira.

Em Comportamento, da revista de nº18 (Raça, fevereiro de 1998), encontramos:

“A um passo da igualdade - De olho em nosso poder de compra, agências de publicidade e de modelos, revistas e autores de novelas investem na imagem do negro, mas ainda tropeçam no preconceito¹⁷⁰.”

¹⁶⁸ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº13, p.3.

¹⁶⁹ Comportamento, Raça Brasil - A Revista dos Negros Brasileiros - nº5, p.71.

¹⁷⁰ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.30.

A matéria traz a reprodução de várias propagandas publicitárias em que os modelos são negros, como nos produtos de O Boticário, Antarctica, Parmalat, entre outras. Fala da descoberta do negro pela publicidade e mostra além de brasileiros, modelos de renome internacional, como Naomi Campbell e a top model Alek Wek. Podemos também afirmar que o negro, a partir das campanhas publicitárias, se torna um consumidor em potencial.

Na seção Comportamento, do nº41 (Raça, janeiro de 2000), temos:

“Inconfidência Fashion - Modelos de Belo Horizonte fazem marcha ao Planalto e dão o pontapé inicial no movimento contra a discriminação racial na moda e na publicidade¹⁷¹.”

A matéria retrata a passeata de modelos mineiros que foram à Brasília cobrar mais espaço para o negro na publicidade, ressalta que Belo Horizonte é o terceiro maior pólo de moda do Brasil e a exigência destes por mais espaço para o profissional negro, visto ser a população negra muito grande em Minas Gerais.

Leitores comentam sobre a dificuldade de se iniciar a carreira de modelo:

“Amei a reportagem Inconfidência Fashion, publicada na edição 41. Alguns entrevistados me fizeram recordar de certa vez em que fui a São Paulo, e um senhor me abordou perguntando se eu queria tirar fotos para uma revista. Me assustei. Eu teria que ir àquela cidade toda semana e as fotos seriam de graça. Eles não pagavam cachê a negros que não fossem modelos profissionais. Recusei na hora¹⁷².”

Bianca Moraes da Silva, Santos, SP.

¹⁷¹ Comportamento, Raça Brasil, nº41, p.46.

¹⁷² Cartas, Raça Brasil, nº43, p.11.

Pela carta da leitora, notamos que a inserção de modelos negros nas agências de publicidade era desacreditada, inclusive pelo não pagamento de ‘cachê’ a modelos iniciantes.

Mas as matérias de Raça também trazem a discussão sobre modelos negras, que mesmo com carreiras internacionais consolidadas, ainda sofrem com comentários preconceituosos.

Em Raça de nº43, (Raça, março de 2000), encontramos a seguinte matéria:

“Alek Wek beleza de exceção - a passagem da festejada top model pelo Brasil mostrou alguns dos limites que ainda são impostos às modelos negras (...) Wek: escultura de ébano, dentes de marfim, deusa negra, etc. essas adjetivações de duvidoso gosto literário, se cabíveis para elogiar a raça negra dentro de um contexto positivo, ao caírem em um mundo fechado como o da moda, apenas transformam Wek em curiosidade zoológica¹⁷³.”

Raça mostra os comentários tendenciosos feitos durante a semana de moda na qual Alek desfilou para as maiores grifes do país, mas também enaltece a modelo africana, que é uma das top models mais requisitadas do mundo da moda.

Na matéria da revista de nº49 (Raça, setembro de 2000), temos:

“Publicidade uma fronteira em expansão - Como dizia Nelson Rodrigues, o grande observador do Brasil, ‘só os gênios enxergam o óbvio’. Isso talvez explique porque as cabeças pensantes da propaganda brasileira tenham precisado de uma pesquisa para perceber que o povo negro consome. Mas, a julgar pelo que se vê na TV e nas páginas das revistas, as resistências começam a diminuir¹⁷⁴”

¹⁷³ Comportamento, Raça Brasil, nº43, p.34.

¹⁷⁴ Comportamento, Raça Brasil, nº49, p.54.

Nesta matéria, há fotos de modelos que já conquistaram o mercado de trabalho, opiniões de profissionais como Sebastian, modelo exclusivo da C&A, e novamente mostra o negro como consumidor.

E na mesma edição, encontramos a seguinte matéria:

“Beleza Internacional - enquanto o Brasil se transforma em cenário mundial da moda, profissionais negros brigam pelo reconhecimento, vão à luta e conquistam o mercado exterior¹⁷⁵.”

A matéria enaltece os modelos que desfilaram na 9ª edição do Morumbi Fashion, na 8ª Semana de Moda, no 7º Semana Barra Shopping de Estilo e a 5ª BH Fashion, e que muitos deles já haviam sido vistos por ‘olheiros’ internacionais e recebido convites para N. Yorque e Milão.

As duas matérias publicadas na mesma edição nos levam a pensar que, se no mercado nacional os modelos negros são pouco reconhecidos e visíveis para as agências de publicidade, no exterior eles têm maior chance de trabalho, visto que muitos profissionais estrangeiros reconheceram o potencial desses modelos e que os negros ocupam espaço em grandes eventos de moda.

Leitores relacionados ao mundo da moda escreveram cartas reconhecendo a importância de se abrir espaço comercial para os modelos negros, como podemos ver na seção Outras Palavras, do nº8 (Raça, abril de 1997):

“Gostaria de parabenizá-los em nome da agência Elite do Rio de Janeiro, pelo excelente trabalho que a Revista Raça vem realizando e dando oportunidades aos modelos negros, em especial Vanessa Pascale, Walter Rosa, Luiza Avelar, Mariah Damasceno e Danielle Banor¹⁷⁶.”

Sérgio Mattos, Agência Elite do Rio de Janeiro.

¹⁷⁵ Comportamento, Raça Brasil, nº49, p.80.

¹⁷⁶ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº8, p.8.

O leitor, que trabalha em uma famosa agência de publicidade, parabeniza a revista pelo espaço aberto na mídia para os modelos negros já atuantes no mercado e que tiveram maior espaço no meio da publicidade e propaganda.

Contudo, alguns leitores têm opiniões diversas sobre a ênfase dada pela revista em matérias referentes à publicidade e também aos modelos apresentados nas capas, pois na mesma edição temos:

“Queria saber por que nas capas de Raça só saem artistas e modelos, sendo que está cheio de negros e negras lindas que não tiveram a mesma oportunidade de seguir carreira por vários motivos.”¹⁷⁷

Cristiane Dias dos Santos, São Paulo, SP.

“Nota da Redação: Saíram, Cristiane. Nas duas últimas edições clicamos pessoas de carne e osso que, assim como você, batalharam muito para chegar onde querem. Isso não quer dizer que artistas deixarão de sair. Ocorre apenas que estamos aumentando a visibilidade dos ‘negros que fazem’, sejam eles ricos ou pobres, bonitos ou feios.”¹⁷⁸

“Adorei a matéria Elas Estão com Tudo, da edição 38. Gostaria que vocês falassem sempre das modelos mais destacadas da atualidade e dessem dicas, mostrassem os passos primordiais para que nós, novatas, conquistemos mais espaço nas passarelas da fama.”¹⁷⁹

Giselle da Conceição Ferreira, por e-mail

Na primeira carta, a leitora critica a revista por não propiciar espaço em suas páginas para as pessoas comuns, que não tiveram a oportunidade de seguirem a carreira de modelo, entretanto a revista discorda da leitora ao evidenciar que pessoas comuns, de ‘carne e osso’, foram capa da revista em dois números

¹⁷⁷ Cartas, Raça Brasil, nº42, p.6.

¹⁷⁸ Cartas, Raça Brasil, nº42, p.6.

¹⁷⁹ Cartas, Raça Brasil, nº42, p.6.

anteriores, e salienta que a mesma sempre abre espaço para todos em suas páginas, desde que sejam pessoas que contribuam para a ‘visibilidade’ dos negros. Já na carta seguinte, na mesma edição, a leitora pede que matérias sobre a profissão de modelo e os caminhos para se trilhar essa carreira sejam tratados mais vezes pela revista.

Na seção Comportamento, do nº57 (Raça, maio de 2001), temos:

“Como entrar no mundinho fashion - O mercado de moda no Brasil tem sido revelado lá fora por estilistas de talento como Herchovitch e Fause Hatén. Saiba como se tornar um profissional desse setor.¹⁸⁰”

A matéria traz um quadro explicativo com as profissões que compõem o mundo da moda e suas respectivas funções, como estilista, modelista, produtor de moda, entre outros, e os locais onde são ministrados os cursos profissionalizantes e as Faculdades de Moda, com os endereços, telefones e o preço das mensalidades.

Na seção Atualidades, do nº62 (Raça, maio de 2002), encontramos:

“Nas passarelas da mídia - Conheça a trajetória dos modelos negros que conquistaram espaço no glamouroso mundo da moda. Hoje, eles brilham nas campanhas publicitárias, nas capas de revistas e nos comerciais de tevê¹⁸¹.”

A matéria, com muitas fotos de modelos já famosos, como Edney Santos, Thais Oliveira e Cláudio Negrão, traz agências especializadas em modelos negros e um quadro com o vocabulário da moda como, book, casting, top model, entre outros.

Em Atualidade, do nº63 (Raça, julho de 2002), lemos:

“Deuses africanos em desfile - A beleza dos orixás dá origem a curso de moda inédito no Brasil¹⁸².”

¹⁸⁰ Comportamento, Raça Brasil, nº57, p.82.

¹⁸¹ Atualidades, Raça Brasil, nº62, p.40.

¹⁸² Atualidades, nº63, p.64.

Ao conquistarem visibilidade, aos poucos os negros vão reconquistando formas próprias de expressão da sua cultura, como o desfile e o curso de moda baseado no figurino da cultura afro-brasileira, como o candomblé, evidenciando diferenças na forma de ser do negro.

Os leitores denominam como positivas a conquista da visibilidade na publicidade:

“Como apreciador desta conceituada revista, gostaria de pronunciar-me com muita satisfação a respeito da oportuna propaganda feita pela Fiat. Neste momento de discussão sobre a exclusão do negro pelas emissoras de televisão e agências de propaganda, acredito que deveríamos enaltecer por meio deste veículo de comunicação a excelente iniciativa da Fiat. Na propaganda, uma jovem senhora passa por um carro da marca Fiat no estacionamento e percebe que no banco traseiro encontra-se uma amiga que presumivelmente não vê há algum tempo. Ao retornar comenta com satisfação a possível ascensão econômica da amiga, tendo em conta o belo carro e o fato de estar com motorista (negro). A amiga apresenta o marido ao volante e o filho que encontra-se no banco traseiro. Aí, aparece um locutor dizendo a seguinte frase: ‘Você precisa rever seus conceitos’.¹⁸³”

Gilberto da Silva, por e-mail.

O leitor vê como positiva a discussão social acerca da pouca representatividade dos negros nas agências de publicidade e enaltece a iniciativa da Fiat, ao fazer uma propaganda com um modelo negro, associando-o a um consumidor com poder aquisitivo suficiente para adquirir um de seus carros, e a frase final da propaganda, ‘Você precisa rever seus conceitos’. Duas situações são aqui colocadas: a dos negros que podem comprar objetos de luxo e ter motorista, em contraste ao motorista negro ainda numa situação subalterna.

Em Atualidade, do nº70 (Raça, setembro/outubro de 2003), encontramos:

¹⁸³ Conexão, Raça Brasil, nº62, p.6.

“HDA models, o rato que ruge - com ousadia, coragem e determinação Helder Dias criou uma das maiores agências de modelos negros do país¹⁸⁴.”

A agência, que estava no mercado há três anos, é especializada em modelos negros, nos indicando que estaria havendo uma maior aceitação dos fabricantes, tanto por inserirem em seus comerciais modelos negros para representarem seus produtos, como também na inserção destes em propagandas de produtos específicos para essa parcela da população.

No editorial nº64 (Raça, setembro de 2002), na edição de aniversário de seis anos da revista, a sua intencionalidade para com a comunidade negra é reforçada:

“Seis anos de Raça Brasil, muitos críticos de plantão vão dizer que a revista poderia ter seguido um caminho diferente. Que o negro que se vê em Raça Brasil não representa o retrato de nosso país, etc. e tal. Discordo, apesar de respeitar todas as opiniões.

Nestes seis anos a revista cresceu. Mudou. Ganhou novas caras, mas não se desviou do princípio que norteou o seu nascimento: dar visibilidade à comunidade negra. Conseguimos!

Não vou me debruçar sobre a frieza dos números para exemplificar crescimento ou conquistas que com certeza aconteceram nestes últimos anos. Isso é coisa para o IBGE (...). Mesmo porque os números sempre nos empurraram para baixo.

Somos maioria, mas estatisticamente, não aparecemos nos bancos escolares. Somos a força que impulsiona este país, mas nas tabelas sobre trabalho (e em relação a salário) ocupamos os últimos lugares. Sempre fomos bonitos, mas precisou surgir uma revista como Raça Brasil para que se descobrisse nossa beleza. Nossas ações não são contadas em números (...) Nestes seis anos a revista foi causa e efeito das principais mudanças que ocorreram tanto no mercado editorial quanto no publicitário. Mais carinhas e corpinhos pretos puderam ocupar os

¹⁸⁴ Atualidades, Raça Brasil, nº70, p.44.

comerciais de tevê, outdoors, editoriais de outras revistas e, neste último ano, as passarelas do Fashion Rio e do São Paulo Fashion Week.¹⁸⁵

Neste editorial comemorativo, Francisco Oliveira salienta que ‘o princípio que norteou o surgimento da revista foi o de dar visibilidade aos negros’, e que mesmo tendo crescido, mudado, e com novos profissionais, não se desviou de seu caminho. Sua intenção era dar visibilidade aos negros na mídia televisiva, publicitária e impressa, e a revista considera-se vitoriosa, visto que seu objetivo foi alcançado, mesmo que os números do IBGE demonstrassem que economicamente os negros ainda não tinham conquistado a igualdade de condições sociais, se comparados a outros grupos que compõem a sociedade,

Em Retrospectiva nº59 (Raça, outubro de 2001) a matéria intitulada “Uma Década de Vitórias”, salienta as conquistas da comunidade negra:

“Retrospectiva - 10 anos - Uma década de vitórias - Nunca a questão do negro como cidadão ganhou tanto espaço na mídia. Neste momento de reflexão, paramos para rever o passado, mas de olho no futuro, e lembrar importantes conquistas.

1990 - Sebastian Fonseca -C&A - o primeiro garoto-propaganda negro do país.

1992 - É criado, na Baixada Fluminense, um curso pré-vestibular só para alunos negros: o Educafro.

1994 - No Rio de Janeiro, projeto de lei do deputado Edson Santos (PT-RJ) é aprovado pela Câmara Municipal e transforma o 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, em feriado nacional.

1995 – “A Próxima Vítima”, novela de Silvio de Abreu, exhibe na TV, pela primeira vez, uma família de negros classe-média.

¹⁸⁵ Francisco OLIVEIRA, Toque Direto, Raça Brasil, nº64, p.4.

1996 - Surge *Raça Brasil*, primeira revista destinada à comunidade negra. Antes dela, já haviam sido feitas 36 tentativas de lançar uma revista ou periódico para os negros brasileiros.

1997 - Pesquisa da agência Grottera para definir o perfil do consumidor negro no Brasil revela a existência de uma classe média negra composta por 5,5 milhões de pessoas, que ganham acima de 20 salários mínimos.

1998 - Por meio do Projeto Quilombo, a Fundação Palmares concebe títulos de propriedade a dois mil descendentes de escravos.

1999 - Apostando na segmentação do mercado, surge a *Selo Negro*, uma editora que aborda assuntos importantes para a comunidade negra.

2000 - A revista *People* elege Taís Araújo como uma das 25 pessoas mais bonitas do mundo.

2001 - A Fundação Abrinq fecha parceria com as indústrias de brinquedos para fabricar bonecas negras.

2001 - A comissão de Ciência e Tecnologia dá parecer favorável ao projeto de lei do deputado Paulo Paim, que cria o regime de cotas nas produções de teatro, cinema e comerciais. O Fórum de Debates Contra o Racismo, realizado em Durban, na África do Sul, reacende em todo o país, a discussão sobre cotas para alunos negros nas universidades¹⁸⁶”

A revista recupera cronologicamente espaços específicos conquistados pelos negros, além da mídia, educação e consumo, sugerindo avanços em várias frentes de atuação desses sujeitos, como leis que os favorecem, o reconhecimento da beleza negra em âmbito internacional, a auto-estima, como formas explícitas de se combater o preconceito.

O recorrente tema da visibilidade do negro na mídia, que foi discutida com todos os editores, é por nós entendido como uma forma de luta assumida pela linha editorial de inclusão do negro na sociedade, visto que para a revista, a conquista de espaços se daria através da mídia, televisiva, publicitária e impressa.

¹⁸⁶ Retrospectiva, *Raça Brasil*, nº59, p.66/71.

Em depoimento ao site Portal Afro, Aroldo Macedo comenta as dificuldades para lançar a revista e conquistar anunciantes:

“... a classe média do Brasil é muito pequena - tem quinze a vinte milhões de pessoas, não passa disso, para uma população de 160 milhões. Só que uma parte dessa classe média, a que corresponde à comunidade negra, era absolutamente invisível, para todos. E o que, na realidade, era uma boa notícia, porque se tratava de um mercado virgem, tornou-se um trabalho muito espinhoso. Porque, então, nós tínhamos que convencer o empresariado e as agências de publicidade de que esse mercado existia e que os negros não eram tão miseráveis quanto eles imaginavam. Não só isso, mas que os negros querem produtos específicos, até porque alguns produtos precisam ser específicos, como cremes para pele, cabelos, maquiagem (muita gente não tem noção disso, mas o cabelo do negro é muito mais sensível do que o cabelo liso e requer muito mais cuidado), e assim por diante. E foi uma fase de muita dificuldade. Nessa época eu sempre dizia que estava passando um bloco composto por 6 milhões de negros, cantando ‘eu quero consumir’, e os empresários e publicitários dando milho aos pombos na pracinha, ignorando totalmente esse bloco. Inclusive um tempo depois, uma agência de publicidade fez uma outra pesquisa e melhorou muito essa estimativa. Então, a parte comercial da revista caminhava lentamente, mas, passando certo tempo, os anunciantes e publicitários começaram a olhar ao redor e sentiram que essa classe média de negros existia mesmo, que consumia; viram em joalherias, em lojas de grifes; viram negros dirigindo seus automóveis, os bancos descobriram que os negros não guardavam dinheiro no colchão, e aí a coisa foi crescendo. Mas lentamente, sempre com muito preconceito. Eu me lembro bem que um dos maiores fabricantes de meias do país foi visitado pelo diretor comercial da editora que lhe apresentou várias revistas, inclusive a Raça. O dono da empresa disse: ‘nessa revista eu não anuncio, não me interessa’, e o diretor perguntava por que, e o empresário dizia ‘não me interessa’, até que disse: ‘é porque eu sou racista e não me interessam os negros, não quero saber’. Isso me revoltou muito, e revoltou também a Joana, a dona da editora. Ela é oriental, sabe muito bem o que é preconceito (...) E ele veio, e ela anunciou. Só que ele marcou uma reunião comigo, para saber como se comunicar com a comunidade

*negra, e eu me recusei a ir. Depois ele acabou fazendo outdoors e várias outras coisas, porque pelo dinheiro da comunidade ele se interessava.*¹⁸⁷”

Nessa entrevista, Aroldo Macedo comenta as dificuldades em conseguir anunciantes para os primeiros exemplares da revista, salientando que a comunidade negra quer consumir produtos específicos para seu biotipo, principalmente os cosméticos, visto que tanto a pele como os cabelos dos negros precisam de cuidados diferenciados, e que muitos fabricantes e anunciantes não acreditavam no poder aquisitivo destes consumidores.

Para Mira, a segmentação das revistas está associada à visibilidade e ao consumo:

*“A segmentação é uma estratégia através da qual procura-se atingir novos nichos de mercado. Porém, revela com clareza que as variáveis que recortam os nichos são sociais como, por exemplo, o gênero (“mulher executiva”), a geração (“gente aposentada”) ou a questão étnica (“executivo negro”). Para tornarem-se segmentos de mercado, evidentemente, eles devem ter potencial de consumo (“o que precisamos é ter mercado - de leitores e anunciantes”). Mas, antes de serem mercado, onde estavam as mulheres, os negros e os aposentados? Naturalmente, eles já existiam, mas não haviam se manifestado como alteridades, não haviam ganhado visibilidade, não haviam expressado sua diferença em relação a outros segmentos (...) eles se distinguem como grupo. Apenas quando mostram sua face, quando se afirmam, quando colocam suas questões específicas, podem se tornar segmentos. O mercado formado por milhões de negros brasileiros de classe média provavelmente estava escondendo sua ‘negritude’, mas a partir do momento em que os movimentos negros os encorajaram a assumi-la, a recuperar sua auto-estima, e o valor de ‘ser negro’, dão oportunidade aos negociantes de oferecer-lhes produtos específicos. (...) Porém, do ponto de vista do mercado, ele só interessa se tiver potencial de consumo, ou seja, se pertencer às classes médias e altas*¹⁸⁸.”

¹⁸⁷ Site Portalafrro, op. cit. p.4.

¹⁸⁸ O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX, p. 214.

Os fabricantes e anunciantes ainda não haviam percebido o potencial de consumo da classe média negra, ‘eles eram invisíveis’, contudo, ao conquistarem a visibilidade, eles ‘se distinguem como grupos’, tornando-se assim um segmento com poder de compra e o mercado, interessado nele, oferece produtos específicos, posição alcançada também em função dos movimentos negros.

Sobre os movimentos sociais que ocorrem por toda a América Latina, como os povos indígenas, crioulos e negros, Canclini comenta que:

“Também na América Latina a experiência dos movimentos sociais está levando a uma redefinição no que se entende por cidadão, não apenas em relação aos direitos à igualdade, mas também em relação aos direitos à diferença. Isso implicaria uma perda de substância no conceito de cidadania manipulado por juristas: mais do que como valores abstratos, os direitos são importantes como algo que se constrói e muda com as práticas e discursos. A cidadania e os direitos não falam unicamente da estrutura formal de uma sociedade; indicam, além disso, o estado da luta pelo reconhecimento dos outros como sujeitos de ‘interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas’¹⁸⁹.”

Entendemos que a luta por direitos faz com que os negros tornem-se segmentos visíveis e desperte o interesse do mercado pelo seu potencial de consumo, enquanto que este passa a olhar o grupo mediante interesses próprios, possibilitando que os segmentos exerçam sua cidadania pelo direito à diferença, mediante seus ‘interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas’.

Sobre o mercado de cosméticos, Aroldo Macedo comenta em entrevista à Eliana Bonfigli:

“Os produtos direcionados principalmente às mulheres negras, que começaram aparecer no mercado, já vinham sendo trabalhados por empresas que não encontravam o veículo certo para sua divulgação (...) a área de cosméticos não surgiu com a revista como todo mundo imaginava, ela já estava no mercado por

¹⁸⁹ Consumidores e cidadãos: conflitos culturais na globalização, p.36.

volta de 10 anos. A Revista Raça foi o canal encontrado para se chegar ao consumidor final. Os pequenos se tornaram grandes, os grandes ficaram de olho nesse mercado, que era um mercado muito promissor¹⁹⁰.”

Segundo Aroldo Macedo, o mercado de cosméticos direcionado para as mulheres negras já existia, contudo, a Revista Raça foi ‘o canal encontrado para se chegar ao consumidor final’, mas esse mercado expandiu-se após o lançamento da revista, visto que os ‘pequenos se tornaram grandes’, e as empresas de publicidade e os fabricantes começaram a fazer produtos e propagandas específicas, inclusive com a participação de modelos negros, favorecendo também esta atividade. Mesmo que o mercado de cosméticos já existisse, com o aumento da demanda de produtos para a população negra, isso não impossibilitou que outros fabricantes também investissem nesse segmento e lançassem novos produtos.

Alguns produtos anunciados nos primeiros exemplares da Revista Raça tinham como modelos pessoas brancas, e aos poucos, os modelos das propagandas pagas também passaram a ser modelos negros, sugerindo que os negros começaram a se ver representados por modelos pertencentes à sua etnia e vendendo produtos específicos para seu perfil.

A publicidade na Revista Raça era variada, pois além dos cosméticos, muitos outros produtos e serviços eram anunciados, tanto em páginas inteiras, como no interior de seções específicas. Daremos como exemplo as agências bancárias Banco do Brasil, Banco Real, Bradesco, Nossa Caixa, Nosso Banco e Banco Itaú, aparecendo como possibilidade de ter entre seus clientes os negros. Produtos de limpeza como Bom Bril, sabão em pó Bold, amaciante de roupas Mon Bijou; cremes para cabelo como Garnier Fructis, Kera Care, Palmolive; calçados das marcas Perchet, Kadilo, Adidas; maquiagem como O Boticário, Avon, Natura; equipamentos para ginástica como Vênus e Athletic; vestimenta das marcas Malwee, Forum, Zoomp, Benetton; produtos de alimentação diet e light como Diet Shake; canetas Crown; fraldas Pom Pom; café Parmalat; leite Tetra Park; aparelhos celulares da BCP; grandes magazines, como as lojas Pernambucas; canal por assinatura como a NET; sopas Qualimax; provedores de internet como UOL; salões de beleza

¹⁹⁰ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

especializados em cabelos para a população negra, como o Negritude Fashion Hair; utensílios domésticos como os da Tramontina; esmaltes Colorama; jóias da Enoelle e carros da Fiat.

Nos primeiros exemplares, encontramos um anunciante que, através de sua propaganda, reafirma estereótipos negativos sobre o sujeito negro:

“A phormula da sedução! A fragância de toda uma raça.

No mundo animal, as fêmeas sexualmente preparadas, emanam um odor característico, com o objetivo de revigorar o macho enfraquecido pelas lutas do acasalamento. É sabido também que a fêmea do javali durante o período de acasalamento, exala odor perceptível pelo macho a longa distância na selva. (...) Estes perfumes com fórmulas distintas para uso masculino e feminino, com propriedades afrodisíacas, estimula o relacionamento afetivo eliminando o tabu das barreiras psicológicas que interferem em surpreendente número de seres humanos.

Esta fórmula, com Phormonas, atuando através do olfato no sistema nervoso autônomo ou neurovegetativo que funciona sem a participação da vontade do indivíduo, facilita a aproximação ao sexo oposto, eliminando as barreiras da timidez e insegurança que são os grandes responsáveis pelo fracasso nas relações entre sexos opostos ...¹⁹¹”

Na propaganda do perfume Phormonas, que era vendido apenas através do envio de um cupom para o endereço da fábrica, aproxima os negros aos animais da selva, ao afirmar que é a ‘fragrância de toda uma raça’. Ela explica cientificamente como o perfume atua no sistema nervoso, possibilitando o desejo sexual.

Em uma outra propaganda para os cabelos das crianças negras, encontramos:

“Toin! Cachinhos para os seus anjinhos - Sabe lá o que é acordar de manhã, olhar no espelho e ver aquele cacheado bonito, macio e brilhante? Pois é,

¹⁹¹ Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº6, p.30/31.

eu sonhava com isso desde pequena. Hoje já existem produtos que podem deixar meus cabelos assim, como no sonho. Mas eu tive que esperar um tempão para fazer meu primeiro relaxamento. Minha filha teve mais sorte. Para ela tem o TOIN. Feito para crianças que dão o maior trabalho na hora de pentear o cabelo, TOIN é um relaxante suave que -acredite - transformou nossas vidas. Foi sim! Na hora em que eu vi minha filha com o cabelo macio, todo cacheadinho e solto, quase não acreditei. Ficou lindo! E o que é melhor: aquela beleza de cabelo ia durar muito. (...) sabe que depois do TOIN, minha filha ficou até mais alegrinha. Com uma carinha feliz, assim... sonhadora. Do tipo que sonha como a gente sonhava: crescer, encontrar alguém, ser uma cantora famosa... essas coisas que toda menina sonha. Ainda mais quando não tem que se preocupar com os cabelos que já estão bonitos. Com TOIN, é claro¹⁹².”

No texto desta propaganda, percebemos alguns fatores relevantes: a dificuldade em se tratar dos cabelos naturais da raça negra – ‘para crianças que dão trabalho na hora de pentear o cabelo’ - a relação entre cabelo e sucesso – ‘acredite - transformou nossas vidas’ - que com o uso do produto, a modificação iria perdurar – ‘aquela beleza de cabelo iria durar muito tempo’, a relação direta entre cabelos soltos e felicidade – ‘ficou mais alegrinha’, a relação entre os cabelos e o sucesso na vida pessoal – ‘crescer, encontrar alguém’. Dessa forma, percebemos através da propaganda, que para o negro ser bem sucedido, amado, desejado e despreocupado com os cabelos, estes precisam ser transformados, sendo soltos, compridos, com leveza e cachos maleáveis, qualidades estas que não são próprias da raça negra.

Essas propagandas, que por vezes reafirmam estereótipos, como a ‘animalidade’ do negro, ou ao denominar implicitamente o cabelo crespo como ‘cabelo ruim’, nos sugere que como a propaganda é uma das principais formas de financiamento de uma revista, a mesma pode, em alguns momentos, reafirmar esses mesmos estereótipos.

Segundo Cruz, desde o início do século passado:

¹⁹² Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº20, p.80.

“... a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. Nesse processo, o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda¹⁹³.”

Dessa forma, acreditamos que num momento inicial, a Revista Raça ainda carecia de investidores, posto que a publicação era uma novidade no mercado editorial, e estando a propaganda associada ao ‘sucesso de um periódico’ e à sua ‘manutenção como uma publicação competitiva e estável’, a referida propaganda do perfume, que teve sua publicidade veiculada apenas no exemplar nº6, seria, pensamos nós, apenas para captar recursos.

Já as propagandas de cremes alisantes, relaxantes e amaciantes, que foram abundantes na revista, poderiam nos levar inicialmente a pensar que a mesma sugere para seus leitores maneiras ditas ‘embranquecidas’ de tratarem seus cabelos, contudo, nas matérias referentes aos cabelos, também encontramos por inúmeras vezes sugestões para o uso de tranças, penteados étnicos e cortes feitos em cabelos crespos, sem a utilização de processos químicos.

Em Beleza/Moda, da revista de nº10 (Raça, junho de 1997), temos:

“Crespos, lindos e naturais - Conheça as dicas de cabeleireiros e artistas para deixar seus cabelos macios e sedosos todo dia¹⁹⁴.”

Em Beleza/Moda, do nº29 (Raça, janeiro de 1999):

“Trançado, curtíssimo, crespo ou alisado - Escolha o estilo de cabelo que mais faz a sua cabeça¹⁹⁵.”

¹⁹³ São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915, p.156.

¹⁹⁴ Beleza/Moda, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº10, p.65.

¹⁹⁵ Beleza/Moda, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº29, p.70.

Em Beleza/Moda, do nº68 (Raça, maio/junho de 2003):

“Cabeça de negro - *Assumindo de vez a vaidade, o homem moderno traz, nos penteados, cortes clássicos com muita personalidade*¹⁹⁶.”

Na seção Cuide de suas Tranças, do nº5 (Raça Visual Cabelos Crespos):

*“As tranças afro, que dão movimento e força ao visual, normalmente são feitas com fios sintéticos e pedem cuidados simples, mas especiais, para que fiquem bonitas por mais tempo e não danifiquem seus cabelos naturais*¹⁹⁷.”

Na Edição Especial nº5 (Raça Especial, agosto de 1998):

“Naturalmente CRESPOS - *nem sempre técnicas de amaciamento, relaxamento ou permanente afro combinam com o seu tipo de cabelo. Use creme, gel, mousse e uma boa dose de criatividade para se mostrar bonita*¹⁹⁸.”

Percebemos que tanto na Revista Raça, nas edições especiais, como na Revista Raça Visual Cabelos Crespos, há dicas de penteados, cortes e produtos para deixar os cabelos bonitos, sem a utilização de processos químicos que alterem a natureza dos cabelos crespos, trazendo matérias sugerindo que os cabelos da raça negra têm sua beleza natural quando bem tratados.

Eram várias as seções destinadas às propagandas, excluindo-se a publicidade de página inteira: Beleza/Moda, Consumo, Cabelo Bom e Beleza Pura, Moda e Estilo, Corpo e Mente, Boas Compras, Indispensáveis, Nosso Estilo e Afrobazar.

¹⁹⁶ Beleza/Moda, Raça Brasil, nº68, p.34.

¹⁹⁷ Cuide de suas tranças, Raça Visual Cabelos Crespos, nº5, p.30.

¹⁹⁸ Raça Especial, nº5, p.31.

Contudo, percebemos que a cada mudança de editor, o número de propagandas de página inteira diminuía. Com Aroldo Macedo, do exemplar de nº1 ao nº24 (setembro de 1996 a agosto de 1998) foi o período em que mais tiveram propagandas de página inteira, ocupando de 15 a 47 páginas, sendo que a revista tinha um total de 108 a 140 páginas. Consideramos esta uma fase de descoberta dos fabricantes e dos publicitários pelo segmento negro, tanto que neste período, muitos dos modelos das propagandas ainda eram brancos. Com Maria Amélia, o número total de páginas variou entre 112 a 124 e o de propagandas de 27 a 39, já apontando uma diminuição se comparada ao período anterior. Quando Amélia Nascimento dividia a redação com Francisco Oliveira, o total de páginas variou entre 100 e 132 e o de propagandas de 14 a 40, mantendo dessa forma, a contínua diminuição publicitária. Com a saída de Aroldo Macedo, passando a ter como editora-chefe Amélia Nascimento e a parceria com a Editora Abril, o número de páginas da revista diminuiu também, variando entre 108 a 116, e o número de propagandas entre 8 a 25. Chefiado por Francisco Oliveira, o número de propagandas se manteve e as páginas da revista diminuíram de 84 a 100, sendo seguido por Conceição Lourenço.

Entendemos essa constante queda no número de propagandas primeiramente como a conquista desse público consumidor, por parte dos anunciantes. Outro fator a considerar é que, com a diminuição das vendas da revista, visto que a 'classe C havia indo embora', os produtos anunciados eram de marcas mais caras, como Forum, Zoomp e Benetton, disponíveis mais para a classe média e classe alta, o que faria dela uma revista elitizada.

Capítulo 3

Racismo, preconceito e discriminação: uma luta que cabe a todos

Nesse capítulo, pretendo avaliar o espaço que os Movimentos Negros têm na revista e como a mesma se situa em relação a eles.

Assuntos referentes a temas como preconceito, discriminação, racismo e organizações que lutam para a diminuição dos mesmos, como os movimentos negros organizados, têm na Revista Raça seções específicas como Olho Vivo, Ponto de Vista, Negros em Movimento e A pergunta é.... As três primeiras seções são espaços abertos para o público leitor tornar suas histórias de lutas pessoais e coletivas do conhecimento de todos aqueles que lêem a revista; já a última seção é produzida mediante entrevistas feitas pelos repórteres da revista com transeuntes, que por vezes, também são temáticas discutidas tanto nos editoriais como em matérias da seção Comportamento e Cartas.

Há diferenças entre os editores da revista com relação a seus posicionamentos no que tange a tais temáticas, contudo os espaços reservados para a discussão do preconceito, racismo e discriminação, por serem espaços abertos a seus leitores, poucas vezes foram tratados diretamente pelos editores, ao contrário dos Movimentos Negros, que foram, por muitas vezes, questionados direta ou indiretamente, seja através dos editoriais ou em matérias assinadas.

A seção Olho Vivo permaneceu na revista do exemplar número 1 ao 54, tendo como editores Aroldo Macedo, Maria Amélia Rocha Lopes, Amélia Nascimento e Francisco Oliveira, quando os dois últimos dividiam a redação.

A seção A pergunta é..., permaneceu na revista dos exemplares de número 13 ao 21, quando Aroldo Macedo e Maria Amélia eram os editores.

Já a seção Ponto de Vista surgiu no exemplar de número 12, com Aroldo Macedo, só voltando para a revista nos exemplares de número 37 ao 55, com Amélia Nascimento e Francisco Oliveira.

A seção Negros em Movimento, que aparece nas edições de números 8, 10, 11, 13 a 29, e 31 a 42, permaneceu na revista quando a mesma era dirigida pelos editores Aroldo Macedo, Maria Amélia Rocha Lopes, Amélia Nascimento e Francisco Oliveira. Ressaltamos que Aroldo Macedo era o diretor-responsável pela revista até o exemplar de número 43 e que era o mesmo que assinava a seção Linha de Frente, espaço onde o editor expõe suas opiniões, sendo assim, mesmo o cargo de editor sendo ocupado pelos três últimos, era Aroldo Macedo que externava seus posicionamentos. Após a saída definitiva deste, os questionamentos sobre as entidades negras organizadas passaram a ser feitos através de matérias e dos editoriais, visto que a seção não mais existia.

Por serem os Movimentos Negros muito discutidos pelos editores, tanto no que se refere às suas formas de luta como de suas conquistas em âmbitos institucionais e culturais, e mesmo que tais posicionamentos mudassem com cada um dos editores, acreditamos relevante ressaltar brevemente e de forma sucinta o surgimento de tais grupos, pois este também se mostrou um motivo de discordância entre os mesmos. A aparente controvérsia entre o não reconhecimento dos Movimentos Negros e uma seção a eles dedicada na revista é explicada pelo fato de que os poucos movimentos que tem espaço na revista estão de acordo com seu projeto editorial, isto é, os militantes desses movimentos negros são 'negros em movimento'.

A luta da população negra no Brasil existe desde a escravidão, seja através de fugas, abortos, formação de quilombos, entre tantas outras formas de resistências silenciosas ou não, contudo os quilombos, apesar de serem formados por grupos de negros organizados - majoritariamente rurais - apenas recentemente foram reconhecidos em suas especificidades enquanto comunidades autônomas centenárias. Já os movimentos negros são uma forma recente de organização, que luta por direitos sociais e cidadania. No campo jurídico, foi a partir da segunda metade do século XX que leis contra o preconceito e racismo foram surgindo gradativamente no cenário político brasileiro¹⁹⁹.

Foi a partir da primeira metade do século XX, que negros residentes em

¹⁹⁹ A primeira Lei Federal que diz respeito à questão étnica é a Lei Afonso Arinos, nº1.390, de 3 de julho de 1951, durante o último governo de Getúlio Vargas, 1951-1954, que determina que preconceito é uma contravenção penal.

países como Estados Unidos, alguns países africanos, América Central e Brasil, começaram a se organizar em grupos - majoritariamente urbanos - com o objetivo de lutar por mais espaços sociais, até então negados à parcela negra da população.

Segundo Fry, um dos primeiros movimentos negros organizados teve seu início:

“... na década de 30, pelo poeta nascido na Martinica, Aimé Césaire, e outros artistas negros de língua francesa que queriam redescobrir antigos valores e modos de pensar africanos, pelo qual pretendiam promover o sentimento de orgulho e dignidade de sua herança. (...) a negritude foi ‘a conscientização e desenvolvimento dos valores africanos’, de acordo com Leopold Senghor, que ajudou a desenvolver as idéias originais e transformá-las num movimento político coerente²⁰⁰.”

Os primeiros movimentos negros surgiram na América Central e no Brasil, na década de 30, antes de ocorrer a descolonização do continente africano, que teve seu início após a Segunda Guerra Mundial, se intensificando após esse período, com a finalidade de primeiro fazer um diálogo com sua cultura ancestral, posicionamento este adotado pelos movimentos da América Central, e num segundo momento, aos poucos, esses movimentos negros passaram a reivindicar espaços na vida pública em seus países de origem.

No Brasil, o início do movimento negro organizado ocorreu em 1931, com a criação da Frente Negra Brasileira, pois antes disso, os negros só se reuniam em associações culturais e grêmios esportivos, devido ao impedimento imposto pelas elites de frequentarem os mesmos espaços que os brancos, como bailes e atividades esportivas.

"A 16 de setembro de 1931 foi fundada a Frente Negra Brasileira por Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Alfredo Eugenio da Silva, Pires de Araujo e Roque Antonio dos Santos. Temos, com a Frente Negra, o ponto alto dos

²⁰⁰ A persistência da raça, p. 388.

movimentos, reivindicações e presença do negro na sociedade brasileira, entrando em declínio em 1937, não mais recuperando a força anterior. A história da Frente Negra é rica como o é também a de seu jornal “A Voz da Raça”, fundado em 1933 e que deixou de circular em 1937²⁰¹”

A Frente Negra foi extinta pelo governo de Getúlio Vargas, em 1937, quando se tornou um partido político, com escola própria, Departamentos de Instrução e Cultura, Departamento Jurídico-Social e Doutrinário, além de oferecer serviços odontológicos, de barbeiro e cabeleireiro, de costura, entre outros. Esses movimentos, em linhas gerais, tinham como intuito não apenas o sentimento de identificação cultural dos negros envolvidos, como também a formação da cidadania, a ocupação de cargos públicos, a alfabetização e a igualdade de condições sociais.

No Brasil, na área cultural, uma das grandes conquistas da resistência negra foi

“a criação, em 1940, do Teatro Experimental do Negro, liderado por várias personalidades negras, como Abdias do Nascimento²⁰²”.

Em âmbito internacional, uma das grandes conquistas dos negros foi o:

“Festival Internacional des Arts Nègres, em 1965, quando ‘Leopoldo Senghor’ convidou todos os países africanos de Estados independentes, como a Nigéria, Gana, Etiópia e os africanos da diáspora, para mostrarem ao mundo os valores da civilização negra no teatro, arte, poesia, música, vindo a ser uma verdadeira celebração para o mundo negro, já que o povo da diáspora veio maciçamente. (...) Edison Carneiro foi o representante oficial do Brasil²⁰³”.

²⁰¹ Miriam NICOLAU FERRARA, A imprensa negra paulista 1915-1965, p.62.

²⁰² Laymert Garcia dos SANTOS, Mesa-Redonda: Brasil 500 Anos - Resistência Indígena, Negra e Popular, Projeto História, 20, p.113.

²⁰³ Boubacar BARRY, Expressões da negritude na política, na poética, nas artes, Projeto História, 26, p.249.

Já nos Estados Unidos, o movimento mais proeminente de resistência negra foi:

“... o movimento Black Power da década de 1960, que representou mais um período de renascimento cultural na América negra (...) Muitas instituições negras culturais e educacionais independentes, fundadas durante o movimento Black Power, duraram de meados da década de 1960 até o início da década de 1970. (...) O movimento Black Power ajudou a eleger os primeiros prefeitos negros das principais cidades americanas. Vários deputados foram eleitos para o Congresso americano como resultado do movimento. Além disso, o período originou debates ideológicos na comunidade negra, abafados anteriormente durante o Movimento pelos Direitos Civis por causa da ênfase dada à dessegregação racial”²⁰⁴.

Sobre os movimentos negros, Aroldo Macedo comenta em entrevista para Eliana Bonfigli:

“O movimento negro, é interessante notar, teve um papel na história do Brasil, numa época muito ligada ainda à ditadura. Ele surgiu em 1977, mais ou menos, mas ficou um pouco perdido no seu discurso, que não acompanhava a prática. Então o movimento negro não conseguia sensibilizar ninguém, só os próprios membros. Embora eu tivesse uma boa relação com a maior parte do pessoal dos movimentos, embora nunca tivesse pertencido a movimento nenhum, circulo por todas as áreas. (...) O que se busca hoje na sociedade não é mais o movimento negro, é o negro em movimento. E o negro em movimento significa orbitar dentro da sociedade buscando não só a sua afirmação individual, mas alguma coisa que exija dele uma ação. Se você sentar e só fizer um discurso, seu movimento será zero, é um discurso zero. O que permite até a independência política, porque eu perguntava a eles: Por que vocês não criam um partido negro? O PT, ao qual vocês são ligados, nunca fez absolutamente nada pelos negros. (...) Acho que o movimento negro se perdeu um pouco nesse processo, não soube se comunicar, e o Brasil está vendo outra forma

²⁰⁴ Peter FRY, A persistência da raça, p.89/90.

*de atuação muito mais interessante, que são as ONG's. A ONG vai à comunidade e resolve o problema da fome, educação, violência, moradia, seja o que for. E o movimento negro ainda continua com aquele discurso, etc e tal. E na prática não acontece nada. O movimento negro que tem que justificar seu discurso e para isso não poderia admitir exatamente o que a gente estava mostrando, que era o negro vitorioso, o vencedor, o negro classe média. Porque para o discurso deles, o negro é miserável e negro é isso e tal... Isso incomodou*²⁰⁵.

Através da fala do primeiro editor-chefe da revista *Raça*, percebemos seu desconhecimento em relação aos movimentos negros e outras organizações negras anteriores à ditadura militar, como a Frente Negra, que se tornou um partido político, desconsiderando um período importante da história da luta dos negros no Brasil. O editor-chefe, apesar de 'circular' entre as entidades, não reconhece o discurso dos mesmos como seu, visto que para ele, a sociedade

precisa do negro em movimento, que significa '*orbitar dentro da sociedade, buscando não só sua afirmação individual, mas alguma coisa que exija dele uma ação*', este inclusive é o nome que a revista dá a seção específica que mostra os Movimentos Negros, indicando-nos que apesar do espaço aberto para estas entidades em suas páginas, a mesma quer delas uma ação e não apenas um discurso - discursar não faz necessariamente acontecer. A ação preconizada pelo editor estaria sendo realizada pelas Organizações não Governamentais -ONGs- que não discursam e fazem. Para o editor, os discursos dos movimentos negros são de lamúrias, em nada condizentes com os negros mostrados pela revista, que são vencedores, bem-sucedidos, pertencentes, portanto, à classe média, que não se lamentam, ao contrário dos negros miseráveis e 'derrotados', que são a base da luta dos movimentos negros.

O que podemos deduzir é que a revista, através de Aroldo Macedo, demonstra sua tensão em relação aos movimentos negros.

Segundo o depoimento de Aroldo Macedo, o 'surgimento' dos movimentos negros se deu em 1977. Consideramos que na década de 70 se deu o ressurgimento desses grupos, e tal período pode ser dividido entre a primeira e a

²⁰⁵ O que aconteceu com a revista *Raça Brasil*?, anexos.

segunda metade da respectiva década. Optamos por dividi-la, em função de acontecimentos distintos, que proporcionaram formas específicas de luta, onde posteriormente serão agrupados em uma só bandeira, representando os movimentos negros.

Após as ditaduras getulista e, posteriormente, a militar, esta última citada pelo editor, as formas de resistência social, política e cultural foram duramente oprimidas, ressurgindo o movimento negro na década de 70. Esses movimentos reapareceram como manifestações de resistência cultural, com início na cidade de Salvador, que após duas décadas de grande industrialização, gerou uma divisão social e econômica entre os brancos pertencentes às classes altas e médias, e os negros e mulatos escuros, que não tiveram acesso a esta divisão de bens, proporcionada pela industrialização na região central e periférica da capital baiana. Denominamos a resistência cultural como o primeiro fator de ressurgimento da resistência negra organizada.

Sobre Salvador, Bacelar nos esclarece que:

“a burguesia local era formada por brancos e mestiços claros; brancos e mestiços de forma majoritária, apareciam nas classes médias e no novo operariado, com os pretos ocupando em geral os postos menos valorizados e, por sua vez, mestiços e pretos eram maioria entre os trabalhadores urbanos. De forma objetiva, alterou-se a formulação tradicional sobre as relações raciais. Os indivíduos passaram a ser categorizados de acordo com as suas posições face às relações de produção e participação no consumo, bem como pela posição histórica dos diversos grupos a que pertenciam no contexto da sociedade baiana. Especificamente, para os grupos dominantes e as categorias sociais ascendentes, o ser negro permanecia vinculado às posições mais baixas da sociedade e, por sua vez, identificado negativamente por meio de imagens, esteriótipos e expressões”²⁰⁶.

Sem entrarmos na discussão das forças produtivas, queremos enfatizar

²⁰⁶ Modernização e a cultura dos negros em Salvador. (In: MESQUITA SAMARA, Eni de (org.). Racismo e Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/SP, 2001, p.66).

apenas que após essa divisão econômica, houve também uma divisão cultural entre as classes média e baixa em Salvador, contudo esta foi mascarada pelo mito da democracia racial, da convivência pacífica entre os grupos, que não impediu que os negros continuassem tendo os piores trabalhos e salários, que fossem remanejados de antigas áreas da cidade, como o Pelourinho, e que gozassem de melhores condições de habitação e moradia.

Dentro deste contexto, Bacelar esclarece que:

“... a partir de 1970, os negros elaboraram uma nova proposta para o carnaval, revivendo de forma contemporânea os antigos afoxés. Assim, nasceu o Ilê-Aiyê, como uma forma de reação ao carnaval-branco e com uma proposta de celebrar os valores da cultura negra nacional e internacional”²⁰⁷.

Essa resistência cultural frente à opressão culminou em outras formas de resistência da comunidade negra de Salvador, baseada na valorização do sujeito negro em suas especificidades étnicas.

Para Schaeber:

“... os blocos afros cumpriram um papel importante na formação de uma auto-estima e nascia ali um novo movimento de resistência cultural de negros. Elaborou-se uma identidade negra referida aos diversos elementos estéticos - cabelos trançados em vez de alisados, roupas ‘africanas’, etc ...”²⁰⁸.

Com a resistência dos negros de Salvador, valorizando a cultura africana através da música e da aparência, acreditamos que tenha iniciado, mesmo que de forma gradual, uma especialização de bens e serviços destinados aos negros, como no comércio de roupas, instrumentos musicais e salões de cabeleireiros,

²⁰⁷ Modernização e a cultura dos negros em Salvador. (In: MESQUITA SAMARA, Eni de (org.). Racismo e Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/SP, 2001, p.66).

²⁰⁸ A ascensão social de negros e mestiços através de grupos culturais em Salvador - o exemplo do Olodum. (In: Brasil, um país de negros?. Rio de Janeiro, Salvador, Pallas:Ceao, 1999, p.59.).

acarretando dessa forma em um novo mercado consumidor específico para essa parcela da população, colocando os negros como consumidores de produtos destinados exclusivamente para eles e não mais como dependentes de um mercado que valorizava, até então, apenas a cultura branca. É importante notar que esse primeiro momento de organização negra se dá tanto na valorização individual do sujeito negro, visto que os adornos das roupas e cabelos são de uso pessoal, como também de forma coletiva, pois eram nos blocos afros que esses sujeitos se fortaleciam coletivamente.

Na Revista Raça, o tema do preconceito e da discriminação em Salvador, que concentra uma grande população negra, apareceu por duas vezes na seção Comportamento, uma vez na seção A pergunta é..., e duas vezes na seção Negros em Movimento.

Com matérias específicas sobre a cidade, que tratavam também da não representatividade política dos negros e da exclusão sócio-econômica dos soteropolitanos, salientavam a ênfase dada ao carnaval baiano, onde os blocos de negros são desfavorecidos em detrimento dos trio-elétricos, pertencentes à elite branca.

Em matéria da seção Comportamento do nº22, (Raça, junho de 1998) temos:

“Apartheid baiano

Por trás da festa, da abundante produção cultural e das suas belezas naturais e arquitetônicas, Salvador vive um verdadeiro apartheid. Apesar de a maioria da sua população ser negra, a cidade sempre foi comandada por uma minoria branca²⁰⁹.”

Percebemos a correlação que a revista fez ao usar a palavra ‘apartheid’, entre Salvador-BA e África do Sul, visto que ambas têm uma população de maioria negra e onde estes não gozam das condições de igualdade social com a parcela branca da população, contudo, a África do Sul, através de um longo processo de luta contra a segregação racial, conseguiu eleger Nelson Mandela como presidente e está, aos poucos, criando medidas para a igualdade de condições entre negros e brancos, ao

²⁰⁹ Comportamento, Raça Brasil - A Revista Dos Negros Brasileiros, nº22, p..50.

contrário dos negros de Salvador, que ainda não conquistaram a representatividade política necessária para implementar projetos que os favoreçam, visto ser a capital baiana 'comandada por uma elite branca'. Com fotos que mostram tanto as belezas da capital como a pobreza de suas favelas, a matéria traz a opinião de pesquisadores da Universidade da Bahia, que explicam o processo de industrialização de Salvador, contudo colocam os blocos afro como símbolo de uma intensificação cultural benéfica e não como forma de resistência a uma condição de opressão sócio-econômica.

Na sessão Comportamento da revista de nº43 (Raça, março de 2000), lemos:

"E agora, só alegria?"

Salvador está longe de ser o paraíso racial que o bom humor baiano faz parecer. Mas as coisas estão melhorando. Acabam de ser criados mecanismos legais para impedir a discriminação nas agremiações carnavalescas - O Carnaval de 2000 pode entrar para a história como marco de combate à discriminação racial na capital baiana. Depois de anos de preconceitos, os foliões negros desrespeitados nos seus direitos de cidadãos finalmente ganharam voz. Acaba de ser criado o serviço Disk Racismo, seguido da assinatura de um Compromisso de Ajustamento de Conduta. Este acordo foi firmado entre o Ministério Público e quarenta agremiações que percorrem o circuito oficial da folia. Critérios de seleção arbitrários limitavam a participação da população negra em alguns blocos de elite - aqueles que têm como atração nomes conhecidos do axé music. (...) Licença étnica - As agremiações afros ficaram de fora da assinatura do ajustamento de conduta. O Ministério Público entende que essas entidades cuidam da preservação de raízes étnicas e culturais. 'O artigo 1, inciso 4, não considera discriminação as ações de grupos étnicos que tenham por objetivo eliminar as diferenças e preservar grupos historicamente oprimidos', afirma Vovô, o patriarca do bloco Ilê Aiyê, referindo-se à Convenção Internacional pela eliminação de todas as formas de discriminação racial. 'O Ilê é mais uma alternativa para a resistência da cultura negra. Cultuamos e mostramos uma cultura que ao longo de cinco séculos vem sendo violentada', explica Vovô.²¹⁰

²¹⁰ Comportamento, Raça Brasil, nº43, p. 104/105.

Nessa matéria, podemos perceber a intencionalidade da Revista Raça em mostrar que, a partir do ano 2000, existem procedimentos legais, instituídos pelo Ministério Público, contra a discriminação racial praticada por alguns blocos carnavalescos da capital baiana, carnaval este reconhecido tanto nacional como internacionalmente. A reportagem dá ênfase à vitória dos negros baianos e turistas que sofreram atos discriminatórios nos blocos ditos de elite, e enfatiza que os blocos afro não serão punidos por não aceitarem pessoas de outras etnias que não seja a negra, por serem blocos que surgiram como forma de resistência à opressão aos negros e à sua cultura.

Na seção A pergunta é... da revista de nº36 (Raça, agosto de 1999), temos a seguinte enquête:

"Raça Brasil foi às ruas da cidade mais negra do país para saber se os negros que moram em Salvador enfrentam o problema da discriminação. Nos depoimentos, algumas surpresas:

Existe um pouco. Eu mesmo sofri muito no início da carreira. Quando comecei a usar miçangas, ouvi muitas críticas.

Olivier - cabeleireiro.

Não. Hoje as pessoas estão mais conscientes. Se existisse, denunciaríamos, pois racismo é crime.

Wellington - policial militar.

Aqui existe racismo por todos os lados. Tem racismo do branco em relação ao negro e tem racismo do negro em relação ao próprio negro.

Ricarda - estudante

Existe demais. Se a pessoa é negra e pobre, a discriminação é dobrada.

Zélia - recepcionista de turismo

Existe muito racismo em Salvador, até no Pelourinho. Já entrei em restaurante chique e as pessoas me olharam diferente.

Eliana -estudante

*Não. Adoro Salvador, nasci aqui e vou morrer aqui*²¹¹”.

Jailton - motorista

Várias pessoas foram entrevistadas e apenas duas não consideravam a presença do racismo na cidade de Salvador. É interessante notar, através dessas poucas respostas, que o racismo se dá tanto pela etnia como pela condição social, pelo uso de adornos étnicos, e também, em locais historicamente ocupados pela população negra, como é o caso do Pelourinho, hoje um bairro destinado majoritariamente ao turismo.

Na seção Negros em Movimento da revista de nº22 (Raça, junho de 1998), lê-se:

"Ilê Aiyê - O mais belo dos belos

*Certo de que a informação é a melhor forma de combate ao racismo, o bloco cria mais um centro educacional em Salvador.*²¹²”

Percebemos que o movimento negro baiano do bloco afro Ilê Aiyê foi publicado no mesmo exemplar da matéria intitulada ‘Apartheid baiano’, como se ao mesmo tempo em que a revista denunciasse a discriminação pela qual a população negra de Salvador sofre, indicasse também uma das formas de combate do mesmo, no caso pela educação proporcionada gratuitamente pelo centro educacional criado pelo bloco do Ilê.

E na mesma seção, na revista de nº26 (Raça, outubro de 1998), encontramos:

"A Cor da Bahia

²¹¹ A pergunta é..., Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p..84/85.

²¹² Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº22, p.26.

O programa a Cor da Bahia quer mostrar onde a população negra está e qual o seu papel no sistema educacional. (...) O projeto Classe, Etnia e Mudanças Sociais desenvolvido pela Faculdade Federal da Bahia, UFBA, na década de 80 estudava, no âmbito da sociologia do trabalho, qual era o lugar ocupado pelos negros nesse mercado de trabalho. (...) Em 1991 nascia o programa A Cor da Bahia - que ampliou as pesquisas para as áreas de educação, música, política e sociedade -, voltado para as questões afro-brasileiras. (...) A Cor da Bahia vem apoiando pesquisas de estudantes de graduação e pós-graduação da UFBA através de concessões de bolsas e custeio à pesquisa. O projeto pretende desenvolver, em jovens negros e mestiços, o interesse pela pesquisa e pelo conhecimento científico como forma de prepará-los para o desempenho de funções de liderança intelectual. ²¹³

Assim como no movimento negro anterior, o programa *A Cor da Bahia* propicia oportunidades através da educação de negros e mestiços universitários, para que os mesmos tenham condições de estudo mediante custeio de bolsas de estudo para pesquisa, possibilitando a ampliação de oportunidades no mercado de trabalho e servir de exemplo aos demais.

As questões referentes ao preconceito, discriminação e racismo na cidade de Salvador tratados pela revista, nos mostram que a mesma tem conhecimento dos processos de exclusão da população negra da cidade e também de suas formas de luta.

Acreditamos que a experiência de Salvador tenha incentivado negros de outros estados brasileiros a se mobilizarem contra a discriminação racial, tanto que em 1978, foi fundado o Movimento Negro Unificado em São Paulo, acontecimento que marcou o segundo período da década de 70, com o ressurgimento das entidades negras organizadas, apesar de apresentar razões, à princípio, distintas das ocorridas no estado da Bahia.

Na seção Negros em Movimento da revista de nº14 (Raça, outubro de 1997), temos a história do surgimento do Movimento Negro Unificado:

²¹³ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº26, p.106.

“Movimento Negro Unificado: luta contra o racismo

Já são 19 anos de estrada, mas ainda há muito o que fazer. O MNU continua na batalha por mais justiça para a comunidade negra, denunciando toda forma de preconceito e violência²¹⁴”.

Fundado em 1978, com sede nacional na cidade de Salvador, publicaram o jornal *Árvore das Palavras*.

Na seção *Olho Vivo* nº15 (*Raça*, novembro de 1997), temos a descrição do motivo que propiciou uma das maiores mobilizações de entidades negras sediadas em São Paulo:

“Sentença Final - *Depois de 19 anos, policiais que torturaram e mataram o gerente Robson Silveira da Luz, em Guaianazes, São Paulo, são condenados e fogem²¹⁵”.*

O crime, ocorrido em 20 de abril de 1978, propiciou a mobilização de entidades negras de todo país e lançou a semente para o surgimento do Movimento Negro Unificado.

Segundo Leal,

“... por volta de 1978, aqui em São Paulo, foi realizado, nas escadarias do Teatro Municipal, um grande ato que resultou no MNUCDR - Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial -, que hoje deixou de ser movimento, constituindo-se numa entidade que é retomada pela Conen - Coordenação Nacional de Entidades Negras²¹⁶”.

²¹⁴ Negros em Movimento, *Raça Brasil* - A revista dos negros brasileiros, nº14, p.103.

²¹⁵ *Olho Vivo*, *Raça Brasil* - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.83.

²¹⁶ Gilberto LEAL. (In: Mesa-redonda: Brasil 500 anos - resistência indígena, negra e popular, Projeto História, 20 (6): 113.

A união das entidades negras também foi assunto abordado na seção Negros em Movimento nº19 (Raça, março de 1998):

“Ação unificada no movimento negro, criada em 1991, a Conen - Coordenação Nacional de Entidades Negras - reúne em torno de si grupos com o objetivo de combater o racismo.”²¹⁷

Com jornal próprio, chamado de *Djumbay*, a Conen reúne entidades negras representantes de vários estados brasileiros.

Foi mediante um crime racial praticado por policiais que acarretou no surgimento do Movimento Negro Unificado na cidade de São Paulo, gerando no mesmo ano o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente agrupados na Conen, de âmbito nacional, favorecendo a organização de outras entidades negras em outros estados brasileiros, unidas na luta contra a discriminação racial.

Na década de 70, as organizações negras lutavam contra diferentes formas de discriminação e segregação da população negra, e tentavam propiciar a inclusão social do negro em vários âmbitos.

Em Negros em Movimento nº17 (Raça, janeiro de 1998), encontramos:

"Quilombhoje - Revelando autores negros

*Há 20 anos, a entidade chamou para si a responsabilidade de reunir textos de autores negros. Nascia, assim, Cadernos Negros*²¹⁸

Autores negros que, por vezes, tivessem dificuldade de publicar suas obras, tinham agora uma entidade que não apenas publicava, mas que também valorizava e difundia suas produções literárias. Com a organização dos grupos negros em âmbito nacional, reivindicando igualdade de condições sócio-econômicas e culturais, a sociedade voltou a repensar a condição da população negra.

²¹⁷ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº19, p.110.

²¹⁸ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº17, p.110.

O ano de 1988 foi um marco da gradual visibilidade que estas instituições alcançaram após uma década de lutas, tornando-se determinante na representação do negro na mídia, em que vários acontecimentos culminaram para que, de janeiro a dezembro, os negros tivessem suas reivindicações publicadas em jornais e que fossem televisionadas, tanto no que se refere às questões culturais como institucionais.

No campo cultural, a visibilidade para a causa negra se deu pelas escolas de samba:

“... a Escola de Samba Unidos da Vila Isabel, campeã daquele carnaval, simplesmente ignorou a Princesa Isabel e glorificou Zumbi (...) o samba enredo tinha como tema ‘Kizomba, a festa de uma raça’ (...) as outras duas escolas campeãs, Mangueira e Beija-Flor, também fizeram sambas-enredo mencionando a questão da escravidão²¹⁹”

Era o ano do Centenário da Abolição da Escravatura (1888-1988), da Organização Mundial contra o Apartheid, que propôs sanções à África do Sul, e a determinação da libertação de Nelson Mandela. Além disso, a Constituição de 1988, durante o governo Sarney, aprovou no dia 15 de setembro de 1988, na Câmara dos Deputados Federais, a lei do deputado Carlos Alberto Caó (PDT-RJ), que tornava imprescritíveis e inafiançáveis os crimes de racismo, além deste, apenas os crimes contra o estado democrático não cabem fiança e prescrição. Outro acontecimento relevante foi a Campanha da Fraternidade, instituída pela igreja católica, que tinha como tema A Igreja e o Negro. Dessa forma, o referido ano foi de grande importância para os negros e a partir dele, novas conquistas foram sendo empreendidas²²⁰.

²¹⁹ Ricardo ALEXINO FERREIRA, Imprensa e etnia no Brasil. (In: MESQUITA SAMARA, Eni de (org.). Racismo e Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP, 2001. p.89/90.

²²⁰ Conquistas nos direitos estaduais também foram promulgadas já a partir de 1988, como “a obrigatoriedade de personagens negros nos comerciais de tevê do governo da Bahia, na Constituição Estadual de 1988”, também em 1988, “o deputado federal Paulo Paim reafirmou na Câmara Federal a iniciativa da senadora Benedita da Silva, ao propor o Projeto de Lei nº4.370, que dispõe sobre a representação racial/étnica nos filmes, programas e peças publicitárias veiculadas pelas emissoras de televisão”.

Quanto às organizações negras, movimentos e entidades, em 1988 reassumiram o papel de lideranças vários grupos estabelecidos como:

“SOS Racismo, no Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisas de Cultura Negra (IPCN), o Movimento Negro Unificado (MNU) e outros, (no total foram registrados 575 grupos negros atuantes em todo o Brasil)”²²¹.

A organização destes Movimentos Negros culminou em reformulações na área institucional, conquistas estas tanto dos movimentos da primeira metade do século, como quando de sua reorganização, na segunda metade do século XX.

Esse poder de organização entre os negros fez com que a sociedade como um todo repensasse a questão desse grupo, significando uma força efetiva no caminho para a conquista de espaços antes negados, tanto que além da Lei Caó, na Constituição de 1988, as terras de remanescentes de quilombos também foram reconhecidas, e nesse mesmo ano foi criada a Fundação Palmares, do Ministério da Cultura.

A seção Negros em Movimento da revista de nº8, (Raça, abril de 1997) traz a história do surgimento da Fundação Palmares:

"Fundação Palmares: um fórum de debates em Brasília

Conheça um pouco o trabalho desse órgão que cria, desenvolve e viabiliza projetos para ajudar a afirmar a raça negra nos contextos social, político e econômico. Fundado em 22 de agosto de 1988, vinculado ao Ministério da Cultura, tem por objetivo promover, patrocinar e apoiar iniciativas que tenham por objetivo a integração econômica, política e cultural do negro no contexto social do país e realizar pesquisas e estudos dos aspectos de integração da comunidade africana, visando traçar caminhos para a releitura da história oficial do Brasil”²²²

²²¹ Ricardo ALEXINO FERREIRA, Imprensa e etnia no Brasil. (In: MESQUITA SAMARA, Eni de (org.). Racismo e Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP, 2001, p.92.

²²² Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº8, p.63.

A Fundação Palmares inaugurou a seção Negros em Movimento, órgão do governo fundado no ano de 1988. Por ser a primeira entidade negra apresentada pela revista, isso nos faz pensar que a mesma associa a luta negra ao âmbito institucional, indicando que para a revista, o poder público é que tem as melhores condições de efetuar mudanças favoráveis para os negros no Brasil. Retomaremos o diálogo exercido entre a entidade e a revista mais à frente.

No entanto, na seção Outras Palavras da edição de nº25 (Raça, setembro de 1998), encontramos apenas uma carta da Fundação Palmares:

"A Fundação Cultural Palmares, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, parabeniza RAÇA BRASIL pelo seu segundo aniversário. Essa realização só vem contribuir para o resgate da verdadeira identidade cultural da comunidade negra, que luta a cada instante para garantir o exercício pleno do direito à cidadania e à igualdade de oportunidades. Muita força, prosperidade e muita RAÇA BRASIL!"²²³

Dulce Maria Pereira

Presidente da Fundação Cultural Palmares, Brasília, DF

A carta da Fundação Palmares, publicada no segundo aniversário da revista, como as outras correspondências de personalidades do mundo artístico e de pessoas ligadas diretamente ao poder público, como senadores e desembargadores, nos sugere a auto-afirmação da revista, tanto perante seus leitores, como do poder público, ao declarar a importância desta para os negros.

A relação nem sempre harmoniosa entre a Revista Raça e os Movimentos Negros pode ser melhor compreendida no período em que Aroldo Macedo permaneceu como editor da revista, quando assinava a seção Linha de Frente, expressando proximidades de discurso apenas quando haviam interesses comuns. Após sua saída, o discurso dos outros editores se tornou menos contundente, sem que isso significasse necessariamente uma aproximação efetiva entre a revista e estes movimentos.

No editorial nº3 (Raça, novembro de 1996), encontramos:

²²³ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº25, p.8.

"Em 20 de novembro se comemora o Dia da Consciência Negra. A data foi escolhida por ser aniversário da morte de Zumbi, nosso maior herói nacional, símbolo da resistência à escravidão, a mais cruel das facetas humanas. Nesses três séculos que nos separam de Zumbi, os negros se organizaram, construindo um movimento que soube manter acesa a chama da liberdade. A escravidão foi abolida, mas continuamos confinados nos porões da desigualdade social e econômica. Foi contra essa injustiça que o movimento negro sempre lutou. E agora, posso afirmar com a mais plena segurança: estamos vencendo. Neste ano, a consciência negra tem muito que comemorar. Pela primeira vez na História temos razões para nos orgulharmos de nossa raça - e esta revista tem muito a ver com isso. Cada leitor que escreve dizendo 'Tenho orgulho de ser negro' (e são milhares!) comprova que vivemos novos tempos. Tempos de mudança, com novas posturas - mas os mesmos anseios. Que mudança é essa! Sem alarde, sem aviso, os negros trataram de ocupar espaço e conquistar, na prática, o que o movimento negro sempre almejou: ver os negros em movimento. Vencendo o preconceito no cotidiano. Conquistando cargos. Tendo acesso a bens, serviços e posições que nos eram negados. (...) RAÇA BRASIL quer ser mais um símbolo dessa consciência. Quer estar ao seu lado para abrirmos juntos as comportas dessa enorme represa formada pelo nosso povo. Quer ajudá-lo a enfrentar o futuro, a navegar nesses novos mares. Os ventos estão a favor. Não há mais um único Zumbi. Há isso sim, um Zumbi em cada um de nós, formando esse novo momento: o dos negros em movimento"²²⁴

Para o editor, Zumbi foi o maior herói nacional ao rebelar-se contra a escravidão. Em um primeiro momento, enaltece os Movimentos Negros, pois os mesmos não permitiram que a chama da liberdade se apagasse, contudo, a grande mudança que ocorre hoje se dá devido à ascensão do negro e sua luta cotidiana contra o preconceito, que ele considera como conquista individual, pois os movimentos negros apenas almejaram essas conquistas. Ao assinalar que existe um Zumbi em cada negro, sugere que a mudança social necessária seja feita pelos negros em movimento.

No editorial nº12 (Raça, agosto de 1997), podemos confirmar sua posição:

²²⁴ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº3, p.3.

"Para todos os negros

... entrevista com o deputado federal Luiz Alberto, líder do Movimento Negro Unificado. A importância de organizações negras no Brasil é indiscutível. O Movimento Negro Unificado, a mais atuante delas é um exemplo. Vigilante, o MNU não dá trégua aos muitos episódios de discriminação que ainda acontecem todos os dias em nosso país. A partir do MNU outras organizações não-governamentais foram criadas e muitas consciências negras se mobilizaram. É claro que o discurso do MNU não consegue atingir todos os negros da mesma forma, até porque as pessoas têm diferentes experiências e opiniões. Esse é o preço pago por toda liderança: precisa estar sempre um passo à frente, mas corre o risco de se isolar e perder contato com seu povo, principalmente quando usa um discurso muito inflamado e incisivo. O mais importante disso tudo, porém, é que as organizações negras geram líderes. Precisamos aumentar o número de políticos negros, que representem de forma satisfatória 59% da população brasileira e possam batalhar por uma causa que já se arrasta por mais de 400 anos. Afinal, ainda está para nascer um partido que tenha os negros como prioridade. Só assim poderemos ter maior influência nas decisões do país²²⁵

A seção Gente traz, na mesma edição, a entrevista com o deputado federal Luiz Alberto:

"Luiz Alberto da Silva - Luta contra o racismo no Congresso Nacional

Primeiro deputado federal representante do Movimento Negro Unificado, ele leva para a Câmara Federal, este mês, três projetos de lei que visam garantir maiores oportunidades de ensino e emprego para os afro-descendentes.²²⁶

A entrevista com o deputado e a fala do editor nos faz refletir que a luta dos negros no Brasil, para a revista, é mais bem representada e obtém conquistas mais significativas quando alcança o âmbito institucional, dando ênfase para o fato de um

²²⁵ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº12, p.3.

²²⁶ Gente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº12, p.22.

negro ocupar um cargo de deputado federal, liderança política com visibilidade nacional, como a alcançada por Luiz Alberto. A importância do movimento negro será mais reconhecida quando produzir líderes, visto que os negros têm pouca representatividade nas áreas do poder. Segundo o editor, só com negros no poder esta população será efetivamente representada, e não somente através dos movimentos negros, que usam um discurso inflamado e incisivo, mas que não é unânime entre eles.

Em editorial nº15 (Raça, novembro de 1997) mês da consciência negra, temos:

"A Consciência Negra não pode parar - Brasília, novembro de 1995

A cidade se preparava para a passeata em comemoração aos 300 anos da morte de Zumbi. Voltei de lá com a certeza de que, naquele momento, algo começava a mudar no Brasil em relação à raça negra. A confirmação veio por fatos que transformaram profundamente a imagem do negro brasileiro. Na mídia, na política e na publicidade, começamos a notar sinais evidentes de que as coisas estavam mudando a nosso favor. Lentamente, é verdade. Afinal, meus irmãos, são mais de 400 anos, desde a escravidão, de baixa auto-estima! Dentro desse avanço é normal que, mesmo entre nós, negros, tenhamos divergências sobre qual o melhor caminho a seguir.²²⁷"

Neste editorial, percebemos um reconhecimento por parte do editor de que pode haver formas diferenciadas de luta contra o preconceito, desde que sejam alcançadas conquistas como a visibilidade na mídia, através de leis que favoreçam essa inserção; da igualdade de condições sociais e na publicidade, tornando o negro não apenas reconhecido, como também consumidor em potencial. Implicitamente, percebemos que a luta contra a baixa auto-estima, fruto de um passado escravista, também deve ser uma bandeira levantada pela população negra, e de que, quando há interesses comuns entre os grupos, a proximidade entre eles, no caso da passeata, mesmo com algumas divergências, deve ser efetivada. O ato de

²²⁷ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.3.

mobilização negra a que o editor se refere teve repercussões positivas para os negros.

Quando o editor escreve que existem divergências sobre qual caminho a seguir, entendemos que a capa da revista nº15 nos revela o caminho escolhido por Raça. Com os dizeres Viva a Integração!, a revista traz uma modelo negra de mãos dadas com uma modelo loira.

Na seção Comportamento nº15 (Raça, novembro de 1997) duas matérias, com chamada de capa abaixo das modelos e dos dizeres Viva a integração!, revelam sob qual prisma essa integração está sendo feita:

*“**100% Negro** - Eles nasceram brancos, mas vestem a camisa black: gostam tanto da cultura afro que até pensam ter nascido com a cor errada. Descubra por que a negritude desperta tamanha paixão.²²⁸”*

*“**Ações afirmativas** - A idéia já chegou ao Congresso Nacional: estão sendo criadas leis para garantir nosso acesso à educação, ao trabalho e a tudo que qualquer cidadão tem direito. Mas o assunto ainda gera polêmica. Em busca da integração.²²⁹”*

A primeira matéria explica que principalmente a música e a ginga do negro são aspectos valorizados por pessoas de outras etnias. Já a segunda matéria, prioriza que através de leis os negros estão tendo oportunidades de inserção social de forma igualitária com a etnia branca, ocupando dessa forma espaços sociais.

A capa publicada no mês da consciência negra causou polêmica entre os leitores.

Na seção Outras Palavras encontramos cartas com opiniões diversas sobre a postura da revista:

“A RAÇA mostra que nós, negros, não somos superiores nem inferiores a

²²⁸ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.56/63.

²²⁹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.72.

*ninguém, somos iguais. Parabéns por esse trabalho lindo*²³⁰”

Cristiane Souza. Ceará, CE

*“RAÇA BRASIL mais uma vez foi superior ao colocar na capa de novembro uma modelo negra com uma loira, mostrando que a cor da pele não diminui nem enaltece as pessoas e que o importante é a postura que o ser humano tem em relação à vida*²³¹”

Cyntia Pugliese. Limeira, SP

*“Em pleno mês de novembro vocês nos presenteiam com uma capa mais branca do que negra. Uma negra na capa abraçada com uma branca e o convite aos negros para se integrarem aos brancos. Essa integração que vocês defendem pode vir a existir, mas, por enquanto, estamos passando por um momento estratégico, em que a afirmação da identidade está acima de qualquer outra postura. De qualquer forma, RAÇA e outras revistas estão fazendo com que a sociedade discuta seus problemas, entre eles o racismo*²³²”

Suely S. Santos. Salvador, BA

*“Fiquei muito admirada ao ver a capa da edição de novembro. Não me considero radical e muito menos racista, mas, por conta da data significativa para a comunidade negra, 20 de novembro, não acho justo que façamos a divisão da capa dessa tão conceituada revista, que nos presta grandes esclarecimentos sobre a nossa comunidade, com alguém de outra etnia*²³³”

Remilda Gomes L. Lourenço. Campinas, SP.

“Fiquei surpresa ao ver nas bancas a capa do exemplar de novembro. As revistas dos “brancos” nunca colocaram uma negra na capa, sob nenhum pretexto.

²³⁰ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº16, p.12.

²³¹ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº17, p.8.

²³² Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.6.

²³³ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.6.

*Não existe integração possível quando uma cultura é hegemônica e se impõe sobre as demais. E gostar da cultura afro de forma folclórica não significa integração*²³⁴”

Ana C. da Silva, Movimento Negro Organizado do Brasil

Salvador, BA.

No editorial nº27 (Raça, novembro de 1998) mês da consciência negra, lê-se:

“Consciência Negra!”

*Queremos o Brasil com uma sociedade mais justa, uma cidadania mais bem exercida e uma renda mais bem distribuída. Não, por favor, isso está longe de ser um discurso político. Esse é apenas o desabafo de mais um brasileiro, como você, leitor. Eu sei que você quer que o seu país seja respeitado assim, forte e sem preconceito. É por isso que todo mês, RAÇA BRASIL leva uma mensagem de esperança e otimismo - e não de lamúrias. Este é o país em que vivemos e ele é lindo! Nós somos lindos! A nossa cor é linda! Como já dizia a canção: ‘Negro é a soma de todas as cores’. Neste mês, na sua RAÇA, você vai ‘ouvir’ o eco que, tenho certeza, bate no seu coração: a grandeza do negro está na sua liberdade. Liberdade não somente física mas principalmente de consciência*²³⁵”

Neste editorial, podemos perceber que há semelhanças com relação ao discurso do editorial anterior, quando o editor identifica-se como um brasileiro assim como seus leitores, que quer uma sociedade mais justa, pelas condições de igualdade entre os grupos e pela cidadania, conquistada através de leis que favoreçam não apenas a inserção social, como também o direito de externar suas reivindicações, pressupondo sua ascensão.

A mensagem que a Revista Raça quer passar a seus leitores é de otimismo e não de lamentos, na tentativa de elevação da auto-estima do negro, na intenção de que se releve um passado escravista, onde o negro não podia ser grande, pois nesse passado não gozava de liberdade, mas sim, pensando no presente, que lhe possibilita escolher caminhos e externar opiniões.

²³⁴ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.6.

²³⁵ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº27, p..3.

O discurso de que o negro não deve se lamentar, como fazem os integrantes dos Movimentos Negros, é sempre repetida pelo editor.

Em Linha de Frente nº29 (Raça, janeiro de 1999), temos:

"... daqui a pouco já é o ano 2000... Está tudo muito veloz. Muito rápido e globalizado. Acredito e tenho plena convicção que este será um ano especial para aqueles que crêem numa saída positiva para todos os problemas que surgirem. Parece óbvio, mas infelizmente ainda encontramos pessoas que preferem ficar se lamentando e fazem da miséria o seu recanto de queixas. Você pode estar na miséria, mas a miséria não pode estar em você. Tenho e levo a maior fé que o ano de 1999 será muito marcante para todos nós da diáspora negra. Parafraseando o reverendo Martin Luther King, eu também tenho um sonho... Acho que, neste ano que se inicia, começaremos finalmente a ditar nossos próprios passos e a pavimentar nossos caminhos de liberdade. Recuperaremos nossa 'voz' para a retomada ao nosso diálogo fraternal-racial-étnico-cultural. Lamento informar, mas nos recusamos a fazer parte daquela população brasileira que lamenta e chora. Ao contrário, 'fabricamos lenços' com o nosso otimismo. (...) nesta edição você conhecerá, na matéria Famosos e Generosos, aqueles que fazem e não esperam acontecer. Aquelas pessoas que doam seu tempo e energia para elevar a auto-estima e efetivamente contribuir para que o nosso povo tenha dignidade e cidadania

236,,

Nas palavras de Aroldo Macedo, há novamente um posicionamento contrário aos negros que lamentam sua condição, pois o lamento, a reclamação não combina com a idéia do negro em movimento, e um enaltecimento de pessoas que se mobilizam e ajudam a outros negros menos favorecidos. Notamos também que, nesses novos tempos, não existe o interesse de que o diálogo seja através de embates, pois estes devem ser baseados na fraternidade entre os diversos grupos sociais e culturais.

Na seção Comportamento, publicada na mesma edição, o editor afirma:

²³⁶ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº29, p.3.

“Famosos e Generosos

Todos eles têm uma história comum: foram meninos pobres que, por um golpe de sorte e muito talento, escaparam do destino triste que já parecia traçado. Viraram adultos de sucesso. E, o mais bonito, é que por terem sentido na carne o que é uma infância difícil, eles põem a mão na massa, ajudam as suas antigas comunidades e dão novas perspectivas para milhares de crianças²³⁷”.

A matéria traz artistas como Netinho de Paula, do grupo de pagode Negritude Júnior, os blocos baianos Olodum, Ilê Aiyê e Ara Ketu, o grupo Cidade Negra, a cantora Alcione e o percussionista Naná Vasconcelos, que ajudam suas comunidades de origem, com escolas de música e atividades esportivas, também são aqui destacadas ações afirmativas. Os que superam preconceitos devem promover trabalhos sociais voltados para as crianças pobres e negros.

A seção Linha de Frente também abre espaço para a reflexão que considera primordial: a luta dos negros.

No editorial de nº39 (Raça, novembro de 1999) mês da consciência negra, a revista coloca-se da seguinte forma:

“Negros em Movimento

Estamos em pleno Mês da Consciência Negra. Antes ficávamos relegados à celebração do controvertido 13 de Maio. Depois, conseguimos resgatar a memória de Zumbi. Passamos a comemorar a data de sua morte em 20 de novembro. Na seqüência, veio a semana e, finalmente, ampliamos espontaneamente para o Mês da Consciência Negra. Mas o que significa na prática tudo isso? O que muda de verdade na dinâmica da nossa sociedade, seja ela composta de negros, brancos, índios ou simpatizantes? O universo da consciência humana, no meu entendimento, vai muito além da percepção individual e, portanto, não pode ser visto somente sob o prisma racial. Precisamos nos ver com isenção, dar um pulo, sem retorno, no nosso interior e descobrir quanto temos de riqueza e ambigüidades. Somente a partir da visão isenta e individual de nós mesmos, vamos, numa segunda fase, contribuir

²³⁷ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº29, p.38.

para o coletivo. Fui convidado, no mês passado, a dar uma palestra na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Economia e Administração. (...) Falaria sobre mercados emergentes, mais precisamente da ascensão da comunidade negra como consumidora. Tudo bem. Lá pelas tantas, alguém, sem a mínima intenção de ofender, me pergunta se o despertar da consciência de um negro não poderia levar a um confronto racial no futuro. Bang! (...) Essa é mais ou menos a visão que o sistema tem de gente que pensa. Uma ameaça. (...) Neste mês, temos uma entrevista com Glória Maria. Ela demonstra sua inteligência na maneira sutil (às vezes, nem tanto) de usar sua cor para se fazer respeitar como mulher e como repórter, em vez de ficar se lamentando por falta de oportunidades. Aliás, ela fala da sua falta de identificação com o movimento negro. E nós também tocamos nesse ponto nevrálgico, na matéria Quem Rejeita o Movimento Negro? Sem fazer alusões nem tirando conclusões, o que mais me agrada nesse avanço do despertar da nossa consciência são os negros em movimento²³⁸”

Portanto, Negro em Movimento pressupõe também tensões com o próprio Movimento Negro.

Na seção Comportamento, citada pelo editor na mesma edição, temos:

"Quem rejeita o Movimento Negro?"

Muitos negros articulados se negam a participar do movimento negro. Esta frase expressa a realidade ou é apenas mera impressão? Em vez de especular sobre a resposta, RAÇA saiu às ruas buscando a verdade da questão. Ouvimos os não militantes e demos espaço para que representantes das entidades rebatessem seus opositores. Analise e compare.

Acusação - A África não é aqui.

Defesa - Não dá para mudar com discursos light.

Acusação - Há muitas divergências internas.

Defesa - Cada entidade defende a população negra a sua maneira.

²³⁸ Aroldo MACEDO, Raça Brasil, nº39, p..3.

Acusação - Eles só se reúnem em salas fechadas.

Defesa - Nem todos.

Acusação - Falta articulação.

Defesa - Nosso dever é lutar.

Acusação - Eles só querem aparecer.

Defesa - Disputa é política.

Acusação - As discussões não são abertas.

Defesa - Não nos submetemos²³⁹”

É interessante perceber a maneira como a matéria foi proposta, com a acusação sendo feita pelos não militantes, justificando dessa forma sua não participação em movimentos negros, e a defesa dos mesmos, ao justificar que existem falsas impressões quanto as suas organizações. O editor, ao se posicionar a favor dos negros em movimento e ao evidenciar a não identificação da jornalista Glória Maria com o Movimento Negro, além da matéria publicada na mesma edição, implicitamente aconselha a seus leitores que os mesmos não façam parte destes movimentos coletivos, e sim sejam indivíduos negros em movimento.

Ainda em Comportamento, na mesma edição, encontramos a seguinte matéria:

"O Que É Consciência Negra?"

Consciência Negra - Mais um 20 de Novembro, mais um Dia, mais um Mês da Consciência Negra. Mais um momento de dar uma trégua na guerra nossa de todo dia, para pensar neste substantivo que, mesmo quando afastado da palavra negra (que ao acompanhá-lo vira adjetivo, portanto, qualidade), deve ser a bandeira de qualquer pessoa empenhada em encontrar suas verdades. No seu Dicionário Etimológico, Antônio Geraldo da Cunha define consciência como 'atributo altamente desenvolvido da espécie humana, pelo qual o homem toma, em relação ao mundo e

²³⁹ Comportamento, Raça Brasil, nº39, p.96/99.

a seus estados interiores, aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração'. Ela vem do latim *consciui*, que deu *côncio* (responsável) em português. Portanto, está bem próxima de conceitos igualmente importantes como responsabilidade, integridade, identidade, crescimento interior, coragem, dignidade e até da nova expressão *inteligência emocional*. Por isso mesmo, muitas vezes o primeiro estalo da consciência de ser gente, de ser brasileiro, de ser negro costuma acontecer na infância, quando a criança (não sem sofrimento) começa a perceber que diferente não quer dizer obrigatoriamente inferior."

"(...) Ascensão x Emoção O processo de conscientização deve acompanhar a pessoa, também no seu esforço para ascender socialmente. A psicanalista Neusa Santos Souza (...) diz: 'A história da ascensão social do negro brasileiro é a história de sua assimilação aos padrões brancos, é a história da submissão ideológica' (...) São essas características que provocam a divisão da comunidade, no entender da psicanalista. De um lado, ficam aqueles que não conseguem sair da miséria. Do outro, os que derrubam as barreiras que a sociedade coloca contra sua ascensão. 'Uns e outros hostilizam-se reciprocamente'. Os primeiros, pelo ressentimento de não subirem na vida e por sofrerem a perda do antigo companheiro. Os outros, por um sentimento de represália, diante das agressões do grupo do qual deixou de fazer parte. (...) O êxito de um não se revertia em favor do grupo, de acordo com as palavras de Neusa Souza. Porém, já se nota o início da queda dessa tradição injusta. A comprovação vem através de artistas negros e profissionais de áreas menos glamourosas. Eles usam parte do que ganham para trabalhar em prol das comunidades de origem.

(...) Roseli Fischmam - Quem é consciente sabe que é um indivíduo único, sem deixar de perceber-se como parte de toda a humanidade. Por isso, se respeita e respeita o seu semelhante. Justamente por ser alguém consciente, não se esquece de que sua consciência se dá também no coletivo. A sociedade é formada por vários grupos. E a comunidade negra, por sua vez, se subdivide em vários outros grupos. Essa visão pluralista torna o homem negro mais forte.²⁴⁰"

Através do editorial, da entrevista e das duas matérias, todas na mesma

²⁴⁰ Comportamento, Raça Brasil, nº39, p.22/25.

edição, percebemos uma intencionalidade por parte da revista em justificar que podem existir formas diferentes de atuação do sujeito negro na sociedade, mas implicitamente notamos um desfavorecimento da forma coletiva de luta dos integrantes do movimento negro, e uma justificativa de que a consciência é, antes de tudo, individual.

Na fala da psicóloga Neusa Souza, a afirmativa de que *‘a história da ascensão social está ligada à assimilação aos padrões brancos, que acarreta na submissão ideológica’*; a revista teria justificado a divisão entre os negros, que pode ser revertida pela ajuda dada dos bem para os mal-sucedidos. No entanto, acreditamos que os Movimentos Negros, com sua forma de luta coletiva, não almejam a assimilação aos padrões brancos e nem a submissão ideológica que esse processo por ventura venha a provocar; não entendemos que os militantes *‘choram miséria’* e sim, que os mesmos desejam uma identificação, de acordo com suas especificidades étnicas.

Para Aroldo Macedo, há um desfavorecimento dos movimentos negros nacionais em detrimento da luta dos negros americanos.

Em matéria da seção Comportamento nº8 (Raça, de abril de 1997), encontramos:

"Black Power

*No fim dos anos 60, um grupo de jovens americanos resolveu agir contra a discriminação, criando o movimento que provou para os EUA e para o mundo que Black is Beautiful e Black is Power!*²⁴¹

A matéria, com fotos de seus principais líderes, do estilo de roupas e penteados de negros e brancos em passeatas, sendo soltos da prisão ou fazendo discursos, trata desde a fundação do movimento até sua total dissolução, além das formas de repressão sofridas pelo movimento. Fazendo um pequeno paralelo com o Brasil, alega que aqui só a estética (roupas e penteados) desse movimento americano se tornou moda, visto que estávamos em plena ditadura militar, mas ao

²⁴¹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº8, p.103/104.

mesmo tempo, cita movimentos negros brasileiros como o MNU - Movimento Negro Unificado -, que foi fundado em 1978, quando o movimento Black Power americano já estava quase sucumbindo.

Em outra matéria da seção Comportamento nº21(Raça, maio de 1998), temos:

"Era uma vez América

*Os negros norte-americanos enfrentaram leis discriminatórias e atos de violência racista, mas, graças à sua luta, conquistaram seus direitos como cidadãos. Nós, que sempre sofremos um racismo velado, ainda temos muito a caminhar.*²⁴²

A matéria, com fotos de Martin Luther King e Malcolm X, enfatiza leis americanas desde o ano de 1863 a 1964, enaltecendo o movimento. Embora sucintamente, faz um pequeno paralelo com o movimento brasileiro, que possui apenas uma lei nacional, a de nº9.459/97, que qualifica e classifica o preconceito como crime, advertindo que o Brasil tem muito a aprender com a luta dos norte-americanos, desconsiderando a luta dos negros brasileiros e desconhecendo leis mais antigas que a citada.

Na seção A Pergunta é... (Raça, nº17, janeiro de 1998), lê-se:

"O negro americano é mais consciente do que o negro brasileiro?

*Nós sabemos que o negro americano é mobilizado, luta por seus direitos e combate o racismo em seu país. Será que por isso ele é mais consciente do que nós? Raça Brasil saiu às ruas para saber a opinião de nossos irmãos*²⁴³

Ao evidenciar que o negro americano é mais mobilizado, que luta por seus direitos e combate o racismo efetivamente, compara com a tenuidade da luta negra nacional, como se, no Brasil, os negros não soubessem ou não quisessem se

²⁴² Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº21, p.74.

²⁴³ A pergunta é..., Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº17, p.26.

mobilizar para lutar por seus direitos como cidadãos.

No Brasil, existem entidades de luta e resistência negra espalhadas em todos os estados nacionais, tais entidades ressurgiram, majoritariamente, nas décadas de 70 e 80, como já mencionamos.

As matérias da revista citam apenas uma das entidades brasileiras, a do Movimento Negro Unificado e desconsidera tanto outras entidades, como leis em vigor desde a década de 50 em prol dos negros, enfatizando o caráter 'Black is Beautiful' dos movimentos americanos que desapareceram desde a década de 70, mas que estariam de acordo com o projeto da revista.

Tendo Amélia Nascimento como editora, assinando a seção Primeiras Palavras antes Linha de Frente, o discurso referente aos movimentos negros se ameniza.

Em Primeiras Palavras nº46 (Raça, junho de 2000), lê-se:

"E o mundo não pára de mudar - Em 27 de abril último, a África do Sul comemorou sua data nacional. Nesse dia, em 1994, o país realizava suas primeiras eleições diretas, após mais de 40 anos de apartheid. Por conta disso, foi realizado um coquetel, em São Paulo, e pude, então conversar com Mbulelo Rakwena, o cônsul sul-africano. (...) Ele me fez pensar na satisfação das pessoas que vivem no país - o maior produtor mundial de ouro e líder na extração de diamantes - governado por Thabo Mbeki, negro, como negros eram os homens e as mulheres que, durante mais de quatro décadas, tiveram sua cidadania negada por conta de um regime desumano. É verdade que o atual governo tem muitos problemas para resolver. Mas nenhum deles tira a grandeza do que foi conquistado à custa de muitas lutas e muitas vidas (...) **Mudança americana** - Outro dia, assisti ao vídeo Dorothy Dandridge, o Brilho de uma Estrela, protagonizado por Halle Berry (...) La Dandridge, hospedada num hotel de Miami, onde iria fazer um show (sem direito a entrar pela porta de frente), revolta-se contra a discriminação e molha o pé na piscina. Logo depois, é obrigada a ver a água sendo drenada e a piscina desinfetada. Agora, leitor, imagine hoje, em junho de 2000, as mesmas cenas protagonizadas, digamos, pela cantora e atriz Whitney Houston. Além dos processos que roariam na terra da riqueza, no mínimo, o mundo seria tomado por uma

consternação internacional. Mas na Miami de década de 60, o caso foi só uma confusão de negro. Os americanos mudaram bastante nestes 40 anos. E o Brasil? Também mudou e a nossa revista, com certeza é um dos símbolos disso. E o passado de resistência, luta e coragem do povo negro prova isso. Precisamos contabilizar todas as transformações e conquistas, não para nos confrontarmos com a nossa realidade, mas para que essa emocionante contabilidade se transforme em motivos para continuarmos transformando a nós mesmos e o país, como, aliás, sempre fizemos, embora falsos especialistas insistam em nos tachar de acomodados. Para ajudar nessas constatações, leia, na página 64, Terra Nostra - E Nós, Onde Estávamos? Você vai conhecer Francisco Lucrécio, que, do alto dos seus 90 anos, mantém a garra para anunciar que procura um editor para seu livro Frente Ampla Brasileira, o grupo que foi um dos baluartes da luta negra em São Paulo. Você não poderá disfarçar o orgulho de sentir que faz parte dessa história de evolução e revoluções nem sempre percebidas²⁴⁴”

As palavras da editora enaltecem as formas de resistência em países como a África do Sul e os Estados Unidos, e adquire um posicionamento favorável quanto às conquistas dos negros desde o passado e de que suas vitórias devem ser contabilizadas com as conquistas do presente, colocando a revista Raça como um símbolo dessas mudanças favoráveis na sociedade brasileira. Resgatando a história, a editora apresenta Francisco Lucrécio, que participou da Frente Negra

Brasileira e foi colaborador no Jornal A Voz da Raça, mas não dá alguma referência ao jornal da entidade negra, pedindo a seus leitores que se orgulhem desse passado de lutas, pois foi mediante a elas que as mudanças de hoje ocorreram.

Em editorial nº51(Raça, novembro de 2000) Mês da Consciência Negra, a editora Amélia Nascimento escreve:

"Ouse ser consciente

... Uma mulher de fibra. Neste mês dedicado à Consciência Negra, nossa revista está recheada de gente de luta, como Dulce Pereira, que acumula dois

²⁴⁴ Amélia NASCIMENTO, Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº46, p.4.

*cargos executivos importantes. É mais um exemplo de vitória. A Fundação Cultural Palmares, que ela preside, está à frente dos trabalhos que vêm sendo realizados para que o Brasil tenha uma grande participação na Conferência Mundial de Combate ao Racismo ...*²⁴⁵

Na seção Gente, Dulce Pereira é uma das pessoas citadas pela revista, além do judoca Carlos Honorato, medalha de prata nos jogos de Sidney, e João do Vale:

"Dulce Pereira - NEGRA, BONITA E PODEROSA

*Ela, que assumiu a luta contra o racismo quando ainda era uma menina, acumula duas funções políticas de alto nível. Mesmo assim dispensa todo o carinho à família e procura manter o corpo em forma com ioga, banhos e chás de ervas. Perder a feminilidade, jamais! (...) Ela ocupa o mais alto cargo de direção já assumido por uma mulher negra brasileira: é secretária executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (...) E não fica só nisso: é também a ocupada presidente da Fundação Palmares, entidade ligada ao Ministério da Cultura, que trabalha pela preservação e divulgação da cultura negra*²⁴⁶

O título e o subtítulo da referida matéria nos sugere que a entrevista com Dulce Pereira se baseará majoritariamente nas questões de gênero e vida pessoal, no entanto, a questão do trabalho por ela realizado é a temática prioritária. Das dezessete perguntas, apenas duas se referem à vida pessoal, três sobre o machismo por ela enfrentado e apenas uma pergunta sobre a Fundação Palmares, no intuito de saber sobre a possibilidade de conciliação entre os dois cargos tão relevantes.

A matéria prioriza a Conferência Mundial Contra o Racismo:

"Raça - Quais seus planos como coordenadora da Conferência de Combate ao Racismo no Brasil?

²⁴⁵ Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº51, p.4.

²⁴⁶ Gente, Raça Brasil, nº51, p.13.

Dulce - Estamos fazendo oito pré-conferências em diversas regiões. Já realizamos um encontro, em Brasília, sobre saúde da população negra, que gerou uma série de propostas de políticas públicas. E estamos trabalhando em parceria (governo e sociedade) para que possamos sair com propostas de combate ao racismo.

Raça - E como os diversos grupos estão se mobilizando?

Dulce - O processo de realização das conferências já está em andamento. São Paulo criou uma comissão coordenada por Milton Barbosa, do Movimento Negro Unificado (MNU). O Rio Grande do Sul se comprometeu com o tema desenvolvimento. O Rio de Janeiro discutiu, em outubro, os temas racismo e educação, enquanto as regiões Norte e Nordeste tratam do direito ao conhecimento histórico.

Raça - Você achou correta a atitude do presidente Fernando Henrique em suspender a candidatura do Brasil para sediar a conferência?

Dulce - Tudo o que veio à tona durante as comemorações dos 500 Anos serviu para constatar que ainda precisamos fazer o dever de casa. Isto é: não resolvemos essa questão internamente. Não há consenso no Brasil sobre como combater o racismo. Por isso, é importante fazermos primeiro a nossa lição de casa.

Raça - O tema central da conferência, então, é o racismo?

Dulce - Sim, mas não vamos falar apenas da população negra. Serão discutidas as relações de gênero (feminino e masculino) e de poder, por exemplo. Mas o grande foco, decidido em Genebra (Suíça), é o do racismo, preconceito e discriminação. Vamos tentar assegurar que as vítimas do racismo tenham voz e que surjam medidas para garantir justiça e igualdade entre os povos²⁴⁷

As respostas de Dulce Pereira enfatizam que a luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação ocorrem em vários países e não apenas no Brasil, de que o poder público trabalha em parceria com a sociedade - no caso os Movimentos Negros Organizados, dos vários estados brasileiros - para que juntos possam criar medidas para o fim do preconceito na sociedade brasileira, e que o racismo está em

²⁴⁷ Gente, Raça Brasil, nº51, p. 15.

diferentes áreas como a educação, saúde, conhecimento histórico, como alguns livros didáticos que tendem a não valorizar a cultura negra, além de que não existe ainda no Brasil um olhar comum no combate ao racismo.

Na seção Ponto de Vista nº51 (Raça, novembro de 2000)

"... A sociedade civil - representada por organizações não-governamentais de vários setores, por diversos grupos do chamado Movimento Negro, povos indígenas e outros - está discutindo e apresentando numerosas sugestões para o encaminhamento de uma posição nacional dirigida a essa conversação mundial. Oficialmente, a Fundação Cultural Palmares, presidida pela dra. Dulce Maria Pereira, está realizando oito pré-conferências temáticas, em várias capitais brasileiras. No mês passado, em Brasília, se discutiu Cultura e Saúde da População Negra. No Rio de Janeiro, o tema foi Racismo, Gênero e Educação. Em São Paulo, foi Cultura, Educação e Políticas de Ações Afirmativas. Em Macapá, Desigualdade e Desenvolvimento Sustentável. E, em Fortaleza, O Novo Papel da Indústria de Comunicação e Entretenimento nessa luta. As pré-conferências deste mês são: Religiosidade e Imaginário Social, (...) em São Luís do Maranhão; Cultura e Desenvolvimento, Racismo x Equidade (...) em Porto Alegre; encerrando com Direito à Informação Histórica, em Maceió, de 17 a 20, Dia da Consciência Negra²⁴⁸"

Assinada pelo jornalista, dramaturgo e escritor Oswaldo Faustino, percebemos que a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, organizada pela Fundação Palmares, mobilizou vários setores da sociedade civil em âmbito nacional e, mediante a variedade de temas tratados, notamos que o racismo ainda está presente em muitas situações do cotidiano e que é preciso combatê-lo em suas diferentes vertentes.

No mesmo editorial, Amélia comenta:

"Projeto de Vida

²⁴⁸ Ponto de Vista, Raça Brasil, nº51, p..98.

*Embora nem todos percebam, o megaevento que reunirá pessoas do mundo inteiro na África do Sul é fruto das pequenas lutas que travamos há séculos em vários pontos do planeta. Alguns representantes brasileiros dessas batalhas estão na matéria Por Que Virei Militante. Com muita sinceridade e verdade, eles contam como assumiram a causa negra. Leia e se emocione.*²⁴⁹”

A matéria traz nomes como Jamu Minka, fundador de Cadernos Negros; Edna Roland, presidente da Fala Preta; Jurgleide da Silva Lelis, coordenadora de cursinhos pré-vestibular; Marisa Nascimento, professora que prioriza a questão racial em sala de aula; e Ivanir Augusto Alves dos Santos, assessor especial da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos; com endereços e telefones de entidades em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, caso os leitores queiram se inteirar e fazer parte do trabalho dessas entidades.

“Porque virei militante

*Os motivos para assumir a luta são variados. Os processos de conscientização também. Mas todos têm o objetivo comum de fazer com que a igualdade racial se torne uma realidade brasileira*²⁵⁰”

A matéria publicada na mesma edição da entrevista com Dulce Pereira e também retratada no editorial e em Ponto de Vista, nos sugere a intencionalidade da revista ao publicá-la, como se a militância negra tivesse uma maior força de luta quando está associada ao poder público e com visibilidade internacional, visto ter sido esta a única matéria favorável aos Movimentos Negros Organizados.

Na seção Cartas nº52 (Raça, dezembro de 2000), os leitores se referem à entrevista e matéria publicadas na edição anterior:

“No momento em que o país passa por uma intensa discussão sobre suas instituições políticas, precisamos ter uma militância negra mais atuante e com poder

²⁴⁹ Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº51, p.3.

²⁵⁰ Comportamento, Raça Brasil, nº51, p.34.

de se fazer notar. Parabéns pela reportagem, veiculada na edição de novembro, Por que Virei Militante.²⁵¹”

Alexandre César Arcanjo Silva, por e-mail.

“Amei a entrevista com Dulce Pereira, da Raça número 51.

Não a conhecia, mas gostei de saber que ela é militante desde menina e que, nem por isso, deixou de ser uma mulher bonita, cuidada e elegante. Bom exemplo!²⁵²”

Idalina Ferreira, Juiz de Fora, MG

“Dulce Pereira é maravilhosa. Já provou para o Brasil inteiro sua competência. Por isso fico pensando por que uma pessoa tão importante quanto ela não tem mais espaço na mídia²⁵³”

Rose Campos, Rio de Janeiro, RJ

Como pudemos notar, a Conferência Mundial de Combate ao Racismo e os militantes negros nela envolvidos, foi um tema maciçamente tratado pela revista Raça, tanto nas seções de editorias, como na sessão de Cartas, em Gente e Ponto de Vista. A relevância dada ao tema poderia nos indicar que a revista tem um diálogo harmonioso com os Movimentos Negros organizados, no entanto, enfatizamos que este foi um momento ímpar e que a ênfase dada à Conferência foi devido a sua importância internacional, que simultaneamente acarretaria na visibilidade do negro brasileiro, tanto nacional como internacionalmente.

Com o editor Francisco Oliveira, assuntos referentes ao preconceito, racismo e discriminação aparecem poucas vezes, tanto em editoriais como em Comportamento.

Em entrevista à Eliana Bonfigli, Francisco Oliveira comenta sobre a linha

²⁵¹ Cartas, Raça Brasil, nº52, p.8.

²⁵² Cartas, Raça Brasil, nº52, p.8.

²⁵³ Cartas, Raça Brasil, nº52, p.8.

editorial da revista:

"Chegou um momento que se estava falando muito de preconceito e discriminação (...) Se você for falar de preconceito e discriminação, vai vender 100 mil números e vai esgotar o assunto e acabou. A gente não agüenta mais isso, sabemos do problema. Só que já passou a fase da lamentação. Parece que o negro tem que ter certos privilégios porque é negro, não é isso. Quando a Raça entrou nesse caminho, a revista ficou contaminada. Foi nesse momento que eu saí, eu era uma voz pregando no deserto²⁵⁴".

O editor Francisco Oliveira, que se desligou da revista no exemplar de número 49, no mês de setembro de 2000, quando dividia a redação com Amélia Nascimento, retorna como editor no exemplar de número 56, de abril de 2001, afirma que o tema do preconceito se esgota na revista, por vezes deixando a impressão que o negro tem privilégios e que ele não compactua com tal procedimento.

O posicionamento de Francisco Oliveira poderia primeiramente nos fazer pensar que o mesmo tivesse tido uma postura de desfavorecimento à luta contra o preconceito, no entanto esta postura se refere ao fato de que o editor considera que essa temática foi tratada excessivamente por seus antecessores, 'contaminando' a revista e ocasionando sua saída.

Em entrevista a Eliana Bonfigli, Francisco Oliveira comenta que:

"... inaugurei a seção Olho Vivo ...²⁵⁵".

A seção Olho Vivo era um espaço aberto para que seus leitores denunciassem práticas de racismo, preconceito e discriminação por eles sofrido ou presenciado.

A seção Olho Vivo foi elogiada pelos leitores e é usada como forma de conscientização para aqueles que cometem preconceito.

²⁵⁴ O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, anexos.

²⁵⁵ Ibid., anexos.

"Gosto muito da RAÇA. E gosto especialmente da seção Olho Vivo. Acho que ela é a parte mais importante da revista, porque exhibe o lado cruel do racismo. E é esse lado que precisa ser mostrado sem medo da verdade e sem meias palavras. Nosso país vai acabar entendendo que o racismo é um retrocesso. Precisamos que vocês continuem brigando para que isso aconteça logo²⁵⁶".

Robson André da Silva. Natal, RN.

"Recentemente fui discriminado por um dos colegas de trabalho. Não fiz nada. Apenas lhe entreguei uma revista com a página da seção Olho Vivo da edição de maio. Ele leu e ficou pensand. Eu lhe disse que, se continuasse me ofendendo racialmente, iria denunciá-lo à Justiça. Na mesma hora me pediu desculpas e passou a me tratar de forma adequada²⁵⁷".

Marcelo S. Silva. Dores do Indaiá, MG.

Em editorial Toque Direto, antes Primeiras Palavras, nº59 (Raça, outubro de 2001):

"Um brinde aos novos tempos!

Recentemente, as questões referentes à comunidade negra ocuparam páginas de jornais e revistas e foram assunto, também, de inúmeros programas de televisão no Brasil e no mundo. A Conferência das Nações Unidas contra o Racismo - realizada em setembro último, em Durban, na África do Sul, mesmo esvaziada com a saída de cena da delegação dos Estados Unidos - foi importante para, pelo menos, chamar a atenção de nossas autoridades. Alguma medida terá que ser tomada para reparar as injustiças que nos vêm sendo infligidas nos campos da educação e do trabalho - só para citar alguns. Aqui na redação, continuamos fazendo nossa parte produzindo uma revista de qualidade e que muito nos orgulha. Nestes cinco anos de existência, RAÇA BRASIL tem contribuído para dar mais visibilidade ao negro brasileiro. Nossas páginas têm aberto espaço para

²⁵⁶ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.8.

²⁵⁷ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.8.

*jovens modelos (...) na matéria Uma Década de Vitórias, uma retrospectiva sobre as conquistas obtidas pela comunidade nos últimos dez anos. Sim, estamos falando do passado, mas de olho no futuro. Um futuro em que, como cidadãos, possamos desfrutar de melhores condições de trabalho e salários dignos para manter a nossa auto-estima elevada*²⁵⁸”

Notamos que a fala do editor Francisco Oliveira enfatiza a discussão na mídia impressa e televisiva sobre a Conferência, que foi tema não apenas no Brasil como também no mundo, e a chamada de atenção para as autoridades, posicionando a revista como contribuidora da luta contra o preconceito, pois dá visibilidade ao negro, o que nos sugere que, para a revista, a diminuição do preconceito está diretamente associada à visibilidade por ele alcançada e que apenas com esta o negro será ouvido. Também, ao enfatizar a ampliação da presença do negro na mídia impressa e televisiva, sugere que Raça fez parte desta ação.

No editorial Toque Direto nº68 (Raça, maio/junho de 2003):

"Lei Áurea - 115 anos

“... Assinada há 115 anos pela Princesa Isabel, a Lei Áurea é um caso típico de lei que não pegou. A tão propalada libertação dos escravos aconteceu no papel, mas não na vida real. Ainda hoje, mesmo tendo passado mais de um século, nossa luta em busca de cidadania e auto-estima continua. Se o 13 de Maio - por ter nos dado uma lei, assinada por mãos brancas, que buscava apagar uma das páginas mais odiosas de nossa história - não foi, digamos, tão legal assim, pelo menos essa data nos convida à reflexão. É claro que temos feito, por meio de ações práticas, muito mais do que refletir. Hoje, a raça negra é causa e efeito de uma série de transformações que vêm acontecendo não só no Brasil, mas também no mundo. Passamos de mão-de-obra escrava a notáveis cidadãos, como Elza Soares, Danny Glover, Roberta Rodrigues, Alan Marcelo. Mesmo que ‘alguns’ ainda insistam em não nos ver desta forma. Discussões e polêmicas à parte, acredito que a data tem o seu valor. Mais do que ‘comemorações’, o 13 de maio remonta a um passado terrível

²⁵⁸ Francisco OLIVEIRA, Toque Direto, Raça Brasil, nº59, p.4.

*e aponta para um futuro promissor, em que escravidão e discriminação não têm como entrar nem pelas portas dos fundos. Parafraseando meu amigo Chico César: Domingos Jorge Velho e Princesa Isabel, vocês perderam!*²⁵⁹”

Neste editorial, Francisco Oliveira evidencia que mesmo após a abolição da escravatura os negros não gozavam das mesmas condições que o restante da população, visto que a lei não trouxe, na prática, oportunidades de cidadania, e que um passado escravista fez com que os negros tivessem uma história de baixa auto-estima, contudo, segundo o editor, a luta dos negros ao longo dos séculos fez com que, de escravos, se tornassem notáveis cidadãos. Enfatiza que o 13 de maio deve ser lembrado como um passado que não deve mais voltar - a escravidão - e almeja um futuro sem discriminação. A referência à frase do autor Chico César, ao citar Domingos Jorge Velho, que lutou contra o Quilombo dos Palmares, acarretando em seu fim, pode ser entendido como aquele que ‘emudeceu a voz dos negros’, e a Princesa Isabel, que mesmo tendo assinado a Lei Áurea, não deu condições de cidadania aos negros. Se eles perderam, entendemos que os negros retomaram sua voz e estão conquistando seus direitos.

Com Conceição Lourenço como editora há uma reaproximação, mesmo que efêmera, da revista com os movimentos negros, amenizando o discurso acerca destes agrupamentos, contudo não sem críticas.

Em Toque Direto nº74 (Raça, maio de 2004), encontramos:

*"Estive no mês de março em Brasília. A Seppir, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, comemorou um ano. Fiquei orgulhosa de o governo federal assumir que o País precisa de um órgão para combater o racismo. E muito mais orgulhosa da ministra Matilde Ribeiro. Senti-me orgulhosa em conhecer Joaquim Barbosa, o primeiro ministro negro do Supremo.(...) orgulhei-me em conhecer gigantes como Edna Roland, da ONU, Ubiratan de Araújo, da Fundação Palmares, e tanta gente séria em constante luta..."*²⁶⁰

²⁵⁹ Francisco OLIVEIRA, Toque Direto, Raça Brasil, nº68, p.4.

²⁶⁰ Conceição LOURENÇO, Toque Direto, Raça Brasil - 100% com você, nº74, p.8.

A revista reconhece que há uma ação governamental voltada para atender reivindicações do negro e sua existência como sujeito de direito, à vida, à luta, à sua história.

Neste editorial, Conceição Lourenço se orgulha da luta institucional contra o racismo, enaltece órgãos do governo, como a Seppir e a Fundação Palmares, que combatem o racismo em âmbito nacional, e a ONU, que luta de forma internacional, apontando implicitamente que o combate ao racismo, quando é exercido por órgãos institucionais, fomenta conquistas mais efetivas para a comunidade negra. Na fala da editora, nenhum movimento negro civil foi mencionado.

Em Atualidades, na mesma edição, temos a seguinte matéria:

"A Discussão pela Igualdade

Com representantes de vários países, Brasília viveu por três dias o que se pode chamar de democracia total. Para comemorar um ano de Seppir, Secretaria da Igualdade Racial, a ministra Matilde Ribeiro promoveu o Seminário América do Sul, África, Brasil 2004. (...) A realização do seminário é mais um passo para identificar e buscar soluções para os problemas comuns que atingem as populações discriminadas nestes países²⁶¹

O seminário realizado para comemorar o aniversário de um ano da Seppir para a discussão das desigualdades sociais, agrupou países que têm um histórico de discriminação da população negra. Devido a um passado escravista, estes países tentam, no presente, acabar com racismo e implementar políticas públicas que favoreçam as populações historicamente reprimidas e desvalorizadas.

Em Toque Direto nº77 (Raça, agosto de 2004) há uma menção aos movimentos negros civis:

"Dia desses eu e um grupo de pessoas estávamos com um ilustre político conversando sobre assuntos diversos quando ele proferiu: 'Vocês negros brasileiros

²⁶¹ Atualidades, Raça Brasil - 100% com você, nº74, p.68.

*não se entendem'. Eu não merecia ouvir uma bronca daquelas. Até porque, no meu modo de pensar, somente juntos chegaremos lá. Não adianta dividir. Não adianta cada movimento negro marcar presença e não fazer acontecer realmente no futuro. A vaidade faz com que ninguém saia do lugar. Se o objetivo é o mesmo, vamos agregar. Neste grupo que citei acima, dentre outras pessoas, estavam um padre, um pastor e uma mãe-de-santo. Quer mais democracia que isso? (...) Este mês tivemos a honra de receber na redação a ministra Matilde Ribeiro, da Seppir, Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial. Puxa, como é bom conviver com uma pessoa simples, consciente do peso do cargo, do dever, cheia de garra, mas sem a arrogância costumeira de alguns políticos que andam por aí. A partir do próximo mês, dona Matilde inaugura conosco uma coluna escrita por ela. (...)*²⁶²

Neste editorial, podemos perceber que existe um conflito entre os movimentos negros e a revista, pois segundo a editora, 'não adianta dividir', pois os movimentos negros não fazem com que as coisas aconteçam no futuro, denominando os militantes como vaidosos, ao contrário da ministra Matilde Ribeiro, que é uma pessoa simples, mesmo tendo um alto cargo político e que luta de fato pela causa negra.

A seção Entrevista, no nº78 (Raça, setembro de 2004), traz a conversa com Claudete Alves:

"Uma Negra Em Movimento

*Claudete Alves é a segunda vereadora negra a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal em São Paulo. Centrada na Educação, procura desenvolver políticas afirmativas no Legislativo. (...) O projeto de cotas visa corrigir as distorções históricas vividas pelo povo negro ao longo da História. O melhor exemplo foi o resultado obtido no Rio de Janeiro pelos cotistas que ficaram acima da média de notas dos demais*²⁶³

²⁶² Conceição LOURENÇO, Toque Direto, Raça Brasil - 100% com você, nº77, p.4.

²⁶³ Entrevista, Raça Brasil - 100% com você, nº78, p.79.

Podemos perceber uma aproximação do discurso de Conceição Lourenço com o de Aroldo Macedo, primeiro editor da revista, inicialmente por enaltecer os negros em movimento e, assim como ele, aproximar a luta negra ao poder público. O negro, segundo esses editores, deve atuar politicamente ocupando cargos de projeção na esfera pública.

Questões diretamente ligadas a casos de racismo, discriminação e preconceito foram quatro vezes tratadas diretamente nos editoriais, com Aroldo Macedo, Amélia Nascimento e Conceição Lourenço.

Em editorial de nº18 (Raça, fevereiro de 1998), o editor Aroldo Macedo comenta o caso da professora Leda Francisco, que foi vítima de preconceito:

"Pra tudo se acabar na quarta-feira

Todos nós sabemos que racismo é crime, não é verdade? Pois bem, no ano passado, um comerciante foi preso em flagrante no Rio de Janeiro por ofender uma professora negra. Ofensas essas que incluíram 'sua negra safada'.

Muito bem, RAÇA BRASIL descobriu que o sujeito está solto. Mais solto que a impunidade neste país, que desconhece a dor moral, que deixa marcas profundas no psicológico de uma pessoa quando ela é ofendida na sua honra e, principalmente, na sua auto-estima. Como a lei é para ser cumprida e crime de racismo é inafiançável, nessa afronta contra a professora existe algo de errado. Precisamos apurar isso. Nós, negros, queremos harmonia, respeito e também justiça. Justiça para todos. Não vamos confundir 'somos um país tolerante' com 'tapar o sol com a peneira'. Meu irmão e minha irmã, não deixem que esse acontecimento lamentável que ocorreu com a professora Leda Francisco estrague o carnaval de vocês. Mas também não permitam que esse fato passe em branco, porque se houver uma fé renovada em nosso sistema de justiça, um dia a Justiça será mais forte que a fraqueza do próprio homem²⁶⁴."

Nesse editorial, percebemos que o editor evidencia que a prática de racismo é um crime inafiançável, que a professora foi ofendida tanto em sua honra como

²⁶⁴ Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p..3.

também em sua auto-estima, salienta a injustiça ocorrida no caso, visto que o agressor continua solto, e pede que a justiça seja igualitária quando crimes são cometidos contra negros.

Contudo, no editorial de nº22 (Raça, junho de 1998), encontramos:

“O secretário dos Negócios Jurídicos da prefeitura, Edvaldo Brito, na seção Olho Vivo deste mês, nos contou que foi parado pela polícia, no seu carro oficial, cinco vezes em apenas um ano! Em uma delas, ficou mais de uma hora e meia sofrendo constrangimentos de um sargento da PM, importante frisar, negro. Ora, me desculpe senhor secretário, mas acho que, numa hora dessas, a gente pega o celular e até tira o prefeito da cama, se for necessário. Ou, então, liga-se para o comandante da PM, relatando o ocorrido. O que não podemos é ficar privados do seu tempo, que deve ser caro e contado, porque o secretário dos Negócios Jurídicos está sofrendo vexames em plena avenida Dr. Arnaldo, com um PM insistindo que coloque as mãos na cabeça. O senhor é uma autoridade e, como tal, tem de ser respeitado. Se esse incidente não der em nada e acontecer o sexto episódio, me desculpe pela petulância, mas quem vai ficar de olho vivo é a gente”²⁶⁵

Aqui, a revista chama a atenção para que o secretário de Negócios Jurídicos da prefeitura de São Paulo, que é negro, tome medidas mais eficientes quando sofrer preconceito, além de exigir que as autoridades devam ser respeitadas, demonstrando que há assuntos mais urgentes para serem resolvidos no país e que um negro em carro oficial deve ser respeitado, o preconceito é tão acintoso que não respeita autoridades negras atuando no governo.

Em Primeiras Palavras nº54 (Raça, fevereiro de 2001), Amélia Nascimento fala de um tipo de discriminação nem sempre percebido:

“Ora viva! - No dia 12 de janeiro, o Tribunal de Justiça de São Paulo acabou com uma forma de discriminação percebida por poucos: a recusa dos cartórios em registrar crianças batizadas no candomblé com nomes adequados à sua cultura.

²⁶⁵ Aroldo MACEDO, Linha de Frente, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº22, p..3.

Embora proibições religiosas sejam inconstitucionais, funcionários dos cartórios alegavam que os nomes africanos podiam expor menores ao ridículo, o que é proibido por lei. Não custa lembrar que as denominações rejeitadas eram aquelas que o pessoal do registro estranhava. Até porque outras - como Luana, para citar só um exemplo - estão aí, na moda, servindo a negras e luras, sem ninguém se dar conta de sua origem africana. Essa bobagem, que agora desaparece, serve para exemplificar o processo de mudança pelo qual passa o país. Só precisamos acelerar essas irreversíveis transformações. De que forma? Analisando, criticando e divulgando fatos iguais a esse, como fez Ivanir Santos, assessor especial da Secretaria de Direitos Humanos, de Brasília, que me enviou essa boa notícia²⁶⁶

O candomblé é uma religião afro-brasileira, denominada pelas elites dominantes como seita, que tem especificidades próprias quanto às formas de cultos religiosos, rituais, vestimentas e também nomes próprios dessa cultura. A editora ressalta que o não registro em cartório dos nomes de origem africana e do candomblé é uma forma de discriminação, por desconsiderar a ancestralidade dessas formas de expressão culturais e religiosas.

Em Toque Direto nº73 (Raça, abril de 2004), após escrever o editorial, Conceição Lourenço cita como observação:

"P.S.: a redação dedica esta edição tão especial ao dentista Flávio Sant'Ana, morto por policiais de São Paulo em 3 de fevereiro. Flávio fazia coleção da revista. Um verdadeiro homem de raça. CHEGA DE VIOLÊNCIA!²⁶⁷"

O dentista Flávio Sant'Ana foi morto por policiais ao ser confundido com um bandido. O crime foi muito comentado na época, gerando discussões sobre a questão do preconceito em suas seções e editoriais.

A Revista Raça tem formas próprias de lutar contra o preconceito, o racismo e a discriminação, através de seções específicas, matérias e editoriais.

²⁶⁶ Primeiras Palavras, Raça Brasil, nº54, p..3.

²⁶⁷ Toque Direto, Raça Brasil - 100% com você, nº73, p..3.

Assuntos referentes à auto-estima são tratados pela revista em diferentes seções. Apontamos esta temática como sendo a primeira forma de luta contra o preconceito, racismo e discriminação, assumido pela revista.

A questão da baixa auto-estima é tema recorrente na seção Negros em Movimento:

"Grupo Amma: luta contra o racismo"

"Coordenado por quatro psicólogas, seu objetivo é resgatar a auto-estima do indivíduo negro, despertando sua força e conscientizando-o de seu potencial"²⁶⁸

"Fala Preta! Orientando a saúde da mulher"

"Em seu primeiro vôo-solo, a partir deste ano, a organização conta com psicólogos e assistentes sociais que trabalham a auto-ajuda e a integração das mulheres negras da periferia de São Paulo"²⁶⁹

"O poder e a força das mulheres Geledés"

"Grupo completa dez anos de trabalho voltado para a construção da auto-estima das mulheres negras"²⁷⁰

Questões referentes à auto-estima também são destacadas em outras seções, como em A Pergunta é... no exemplar de nº26 (Raça, outubro de 1998):

"O que você acha mais legal em ser negro?"

Em homenagem ao Dia da Criança, RAÇA BRASIL foi às ruas para saber como anda a auto-estima de nossos baixinhos.

"É mais legal porque o negro é mais bonito, tem mais charme e dança pagode

²⁶⁸ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº13, p.132.

²⁶⁹ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº15, p.114.

²⁷⁰ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº23, p.91.

melhor.” - Alison, 5 anos.

“É melhor ser assim da minha cor, porque o negro envelhece mais difícil, quer dizer, demora mais pra ficar velho.” - Paulo, 8 anos.

“Porque todo mundo fala que sou bonita e por isso eu pego mais trabalho como modelo, que é a carreira que quero seguir quando crescer.” - Camila, 5 anos.

“Eu aprendi a ser negra. Antes eu não gostava porque era discriminada na escola, as meninas brancas diziam que eu era feia. Aí minha mãe foi me explicando que eu sou bonita de jeito que sou. Hoje o mais legal em ser negra é que aprendi a gostar de mim mesma.” - Juliana, 9 anos.

“É bom porque, hoje, posso ver pessoas com minha cor fazendo sucesso na música, no teatro e na televisão. O preconceito diminuiu bastante.” - Fabíola, 13 anos.

“O que eu acho mais legal em ser da minha cor é que quando eu vou pra praia não preciso ficar tomando sol pra ficar moreninha.” - Iasmim, 5 anos²⁷¹”.

A revista mostra mudanças de comportamento do próprio negro, que aprende a se gostar, a valorizar sua cor e a se colocar como instrumento positivo desta mudança. A preocupação com a infância demonstra que a mudança de procedimentos deve ser reforçada quando se é criança.

Na seção Ponto de Vista, a questão da importância da elevação da auto-estima infantil foi discutida em duas ocasiões:

“Faça a escolha certa

Pedagoga explica por que uma lenda ou história contada em sala de aula pode prejudicar a criança - (...) certas lendas e histórias tradicionais devem ter seu uso questionado. Muitas omitem a trajetória de luta do povo negro e servem mais para constranger a criança negra perante as outras do que para promover a aceitação e o respeito à diversidade racial²⁷²”

²⁷¹ A pergunta é..., Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº26, p. 92/93.

²⁷² Ponto de Vista, Raça Brasil, nº44, p.102.

A pedagoga e mestre em educação Eliane Cavalleiro ressalta que histórias como a do Negrinho do Pastoreio contribuem para que esteriótipos negativos sejam interiorizados na mentalidade das crianças negras, acarretando em uma auto-imagem negativa perante si próprias e a sociedade.

"Preconceito e educação infantil

Psicóloga enfatiza que os problemas raciais podem e devem ser discutidos com as crianças. (...) as crianças têm uma percepção aguçada de tudo que é 'diferente'. Elas possuem uma tendência muito forte a rejeitar o que não é igual. Como têm pouca censura, falam de discriminação racial com muita frequência e total espontaneidade. (...) o silêncio em torno dessa realidade na família, na escola e na sociedade só serve para que meninos e meninas brancos ou negros vejam a diferença como sinônimo de inferioridade.(...) ²⁷³

A psicóloga Sueli Leandro de Barros ressalta que os assuntos referentes às diferenças étnicas devem ser discutidos desde a infância, para que essas crianças não apenas saibam lidar com elas, mas que também se tornem adultos mais conscientes e que ajudem a combater o preconceito.

Na seção de Cartas, os leitores salientam suas preocupações com as crianças negras:

"Adorei a reportagem que fala sobre preconceito nas escolas (...) com as crianças. Tenho uma filha de 5 anos que não gosta de ser negra. Ela diz ser morena. Eu como uma boa defensora da nossa 'raça' estou sempre conversando sobre esse assunto com ela ²⁷⁴

Denise Crispim - São Paulo, SP

"Na minha casa a RAÇA veio para ficar e se tornou uma leitura prazerosa e esclarecedora. Nela, minhas crianças aprendem que o valor do ser humano está no

²⁷³ Ponto de Vista, Raça Brasil, nº48, p. 102.

²⁷⁴ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº10, p.8.

*seu interior e não na cor da pele*²⁷⁵”

Maria Odete A Colling

Na seção Comportamento, por várias vezes temas ligados direta ou indiretamente à auto-estima das crianças e também dos adultos foi retratada:

"Auto-estima

*Encare sua negritude. Sabe aquelas situações que constroem você por causa do preconceito do outro? Acabe com elas dando a volta por cima. Aprenda soluções inteligentes para devolver o constrangimento. Afinal, ser negro é lindo!*²⁷⁶”

"Guerreiras Negras

*... oito mulheres de várias gerações, usando tiras de pano, fazem bonecos que representam orixás e personagens do cotidiano. Mais do que simples artesanato, a iniciativa fortalece a auto-estima da criança através de uma das mais antigas formas de organização - a do trabalho em grupo*²⁷⁷”

"Bonecas negras - Sinal verde para elas

*A Susi Olodum, lançada pela Estrela no início do ano, está fazendo bonito no mercado. E ela, que já não está sozinha, terá em breve muitas companheiras, se o país continuar mudando*²⁷⁸”

"Consciência Negra começa cedo

*Não há uma idade certa para tratar deste assunto na infância. Por sinal, mesmo antes do nascimento, deve-se pensar positivamente na identidade e na auto-estima da criança negra ou mestiça*²⁷⁹”

²⁷⁵ Outras Palavras, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº22, p.8

²⁷⁶ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº13, p.44/48.

²⁷⁷ Comportamento, Raça Brasil, nº42, p. 86.

²⁷⁸ Comportamento, Raça Brasil, nº50, p. 72.

²⁷⁹ Comportamento, Raça Brasil - 100% com você, nº80, p.44/47.

As matérias evidenciam que a baixa auto-estima é fruto de um passado escravista que deve ser superado pelo presente e por um futuro representado pelas crianças, com alegria, beleza, visibilidade, consciência étnico/racial e auto-estima elevada. O trabalho da elevação da auto-estima é uma tarefa não apenas da escola, mas de seus pais, pois para que transmitam segurança para seus filhos, também devem estar com a auto-estima elevada, e Raça atua na família para ajudar na transformação e na negação de práticas discriminatórias.

Através da seção Negros em Movimento, a revista mostra grupos que contribuem para que a sociedade se torne mais justa, a cidadania mais bem exercida e a renda mais bem distribuída, que não seja um discurso político e sim uma ação. Acreditamos que a questão da educação seja a segunda forma de luta contra o preconceito, assumida pela revista.

"Cedenpa: por uma sociedade mais justa

Inspirados no movimento negro paulista e nas ações do grupo black power americano, os militantes da entidade apostam na conscientização dos jovens na luta contra a discriminação. (...) atua na área cultural e jurídica, tem grupos de rap, capoeira, dança afro e uma pré-escola²⁸⁰

"A voz dos negros em Pernambuco

Há 6 anos divulgando a produção cultural dos negros, o jornal Djumbay vem sendo adotado em escolas como material de incentivo à identidade racial²⁸¹

"Batendo o tambor

O projeto Daruê Malungo, em Pernambuco, leva a cultura africana para a sala de aula e ajuda a mudar a realidade das crianças carentes²⁸²

²⁸⁰ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº18, p.76.

²⁸¹ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.77.

²⁸² Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº31, p.104.

"Projeto Educafro

São 250 núcleos em todo o país, o jovem negro que se dirigir a uma dessas unidades vai encontrar muito mais do que um mero cursinho pré-vestibular²⁸³”

"Meninas da calçada

Programa de educação continuada para jovens de comunidades de baixa renda prepara para o mercado de trabalho e resgata a auto-estima mostrando um outro mundo longe das ruas²⁸⁴”

Essas entidades, ao trabalharem com a questão da educação para crianças e jovens, enfatizando questões étnico-raciais e o resgate de uma cultura ancestral, contribuem não apenas para a melhoria educacional, em um país tão deficitário no ensino de primeiro e segundo graus, mas também na mudança do olhar da cultura negra, por vezes desmerecida e muitas vezes desconhecida das crianças e jovens. Divulgar projetos e torná-los conhecidos, como também incentivar ações que caminhem nessa direção.

Na seção Olho Vivo, a questão do ensino público e do preconceito, que por vezes ocorre nestas instituições de ensino, também é discutida:

"Alunos boicotam professora racista

Depois de discriminar um colega negro com comentário preconceituoso feito diante de seus alunos, professora foi repreendida pela Delegacia de Ensino e ganhou o desprezo de estudante.²⁸⁵”

"História da África causa polêmica

Prefeito de Barra do Pirai veta projeto de inclusão da História da África no ensino de primeiro e segundo graus.²⁸⁶”

²⁸³ Negros em Movimento, Raça Brasil - a revista dos negros brasileiros, nº36, p.106.

²⁸⁴ Negros em Movimento, Raça Brasil, nº42, p. 94.

²⁸⁵ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº36, p.106.

²⁸⁶ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº24, p.76.

"Vitória da educação

... alunos da rede municipal de Porto Alegre estão tendo aulas de disciplinas comuns com abordagem anti-racistas, graças a lei sancionada pelo prefeito Raul Ponte²⁸⁷”

"Agressão racial na escola

Criança fica gravemente doente após ser discriminada por professora. A prefeitura é condenada a custear o tratamento da menina²⁸⁸”

Na seção Comportamento, o tema da educação também é tratado:

"Brasil, mostra a tua cara

Existem capítulos sobre a atuação do negro na trajetória do país que os livros didáticos não contam e deixam lacunas. Se esses episódios fossem incluídos hoje, certamente teríamos de reescrever nossa história²⁸⁹”

Na seção Atualidade também:

"Nova Escola

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na rede pública, aprovado em 2003, já começa a dar bons resultados entre os alunos²⁹⁰”

Ao acompanhar projetos governamentais que incluem o ensino de História da África em instituições de ensino, a revista se posiciona a favor e mostra como a escola também é espaço para a discriminação.

²⁸⁷ Olho Vivo, Raça Brasil, nº43, p. 98.

²⁸⁸ Olho Vivo, Raça Brasil, nº53, p. 82.

²⁸⁹ Comportamento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº11, p.48.

²⁹⁰ Atualidades, Raça Brasil - 100% com você, nº76, p.68/70.

Acreditamos que a forma jurídica é a terceira maneira de luta assumida pela revista:

Na seção Negros em Movimento a temática é recorrente, como veremos a seguir:

"SOS Racismo - o braço jurídico do Geledés

O Geledés - Instituto da Mulher Negra, criado em 1991, é uma organização voltada para o combate à discriminação racial e sexual. Ele surgiu do entendimento de que as mulheres negras devem assumir a responsabilidade de encaminhar politicamente suas questões específicas e interferir nas questões gerais da sociedade brasileira e da população negra em particular²⁹¹

"Conegro fiscaliza discriminação em Vitória

O Conselho Municipal do Negro é mais uma conquista do SOS Racismo capixaba e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Cidadania e Segurança Pública da capital²⁹²

"CEAP cria serviço para apurar casos de racismo

Depois de chamar a atenção da opinião pública para problemas como o trabalho infantil, o CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas) cria o SOS Racismo, serviço para apurar denúncias de preconceito racial²⁹³

"SOS Racismo atua no sul do país

Há três anos oferecendo assistência jurídica para as vítimas de racismo de 14 municípios catarinenses, o núcleo se prepara para abranger cidades do Rio Grande do Sul e do Paraná²⁹⁴

²⁹¹ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº10, p.21.

²⁹² Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº11, p.18.

²⁹³ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº21, p.94.

²⁹⁴ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº25, p.104.

Na seção Olho Vivo, o tema também é abordado:

"Crime e Castigo

*Preconceito é delito inafiançável. Conheça a lei que define o que é discriminação, para poder exercer seu direito*²⁹⁵”

"As duas faces da Justiça

*Pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP em parceria com o Geledés aponta diferenças no tratamento da Justiça em relação a negros e brancos. Sinal de que o preconceito também está presente nas instâncias jurídicas*²⁹⁶”

"Nova lei pune racismo com rigor

*Agora, quem comete discriminação por etnia, religião ou procedência nacional poderá ser condenado de um a três anos de reclusão e ainda terá que pagar multa*²⁹⁷”

"Crime racial: o que é e como denunciar

*Criada há cinco anos, a Delegacia de Crimes Raciais tem sido procurada cada vez mais por pessoas que sofrem discriminação no seu dia-a-dia e não sabem ou não entendem como se portar diante desse ato hediondo*²⁹⁸”

Consideramos que, ao indicar os locais tanto nos Movimentos Negros como nas Delegacias, tornando públicas as leis que estão em vigor contra atos discriminatórios, incentivando seus leitores que denunciem, caso sejam vítimas desse crime, a revista está não apenas conscientizando seus leitores, como também estimulando uma mudança social, visto que um maior número de denúncias raciais

²⁹⁵ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº2, p.112.

²⁹⁶ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº9, p.21.

²⁹⁷ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº11, p.73.

²⁹⁸ Olho Vivo, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº19, p.100.

acarretaria não apenas na mudança da mentalidade dos indivíduos, tanto nas vítimas como nos agressores, como também na própria Justiça.

De forma menos veemente, outros movimentos negros fizeram parte da seção Negros em Movimento:

"Desatando os nós

Manual traz Direitos Humanos para o cotidiano dos brasileiros - A Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça produziu, em colaboração com a Unesco e USP, o manual de Direitos Humanos no Cotidiano²⁹⁹

"Por uma vida digna

Fundado na cadeia, o ICCNNM - Instituto de Cultura e Consciência Negra Nelson Mandela - presta assistência aos presos e luta contra a reincidência carcerária³⁰⁰

"Boas idéias, grandes negócios

Em plena Lapa carioca, uma organização não-governamental ajuda a melhorar a vida dos negros brasileiros. Instituto Palmares de Direitos Humanos - Casa Brasil-Nigéria, cultura; Centro de Estudos e Assessoramento Para Empreendedores, forma micro e pequenas empresas; Escritório Virtual, para os que ainda não tem seus próprios escritórios; e Tamba Lelé - Museu Tambor³⁰¹

"Ceert - Pela igualdade no trabalho

Para superar a discriminação no âmbito profissional, os dirigentes da entidade usam de experiência, dedicação e muita informação³⁰²

²⁹⁹ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº33, p.106.

³⁰⁰ Negros em Movimento, Raça Brasil, nº41, p.35.

³⁰¹ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº29, p.106.

³⁰² Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº16, p.104.

"Consciência racial através da fé

O Grupo Negro Princesa Anastácia resgata a cidadania dos negros fazendo um trabalho religioso - os agentes negros da pastoral buscam desenvolver a consciência de negritude dentro da Igreja³⁰³

Esses Movimentos Negros lutam pelo direito ao trabalho, que permitirá não apenas a ascensão social do negro, como também sua igualdade de condições na sociedade, tendo conhecimento dos mecanismos legais para que se exerça a cidadania, para que erros cometidos no passado não mais se repitam, como a reincidência carcerária, e também na religião, que por séculos manteve atitudes ambíguas com relação à população negra.

Consideramos que os movimentos negros que tiveram espaço na revista estão de acordo com seu projeto editorial, pois para os editores, a sociedade precisa de negros em movimento. Mesmo havendo períodos em que a temática da discriminação foi menos contundente, a Revista Raça denomina o fim do preconceito como uma bandeira que a mesma também levanta.

³⁰³ Negros em Movimento, Raça Brasil - A revista dos negros brasileiros, nº20, p.110.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, algumas considerações, nunca definitivas, podem ser explicitadas.

A Revista Raça Brasil surgiu de forma experimental em 1996. Com a mesma qualidade de revistas femininas já conceituadas no mercado editorial, como Claudia e Marie Claire, Raça Brasil expunha em suas páginas assuntos variados, como beleza, lazer, vida profissional e familiar, preconceito e publicidade.

Com o subtítulo de “A Revista dos Negros Brasileiros”, ao longo de seus três primeiros anos pretendeu ser a revista da ‘família negra brasileira’, segundo seu fundador e editor Aroldo Macedo, idealizando assim atingir um público de ambos os sexos e diferentes faixas etárias.

Em seus primeiros dez exemplares, sua vendagem variou entre 200 mil e 130 mil exemplares. Por almejar ser uma revista que representasse todos os negros e manter equilibrado o número de revistas vendidas, sua linha editorial passou por mudanças constantes, com seções e temáticas que abordavam assuntos diversos, bem como mudanças quanto aos editores.

A partir de seu quarto ano no mercado editorial, o subtítulo “A Revista dos Negros Brasileiros” foi retirado e, gradativamente, o público ao qual a revista se destinava foi se tornando específico. Nesse processo, os leitores mostraram enfaticamente seu desejo de se verem representados, como os homens, as mulheres da terceira idade, os homossexuais, as crianças e os pobres.

O termo comunidade é assumido pelo discurso da Revista Raça Brasil, denotando harmonia e escondendo tensões presentes entre os negros poucos representados, entre a revista e alguns Movimentos Negros organizados, que por vezes tinham posicionamentos distintos quanto à forma de luta contra o preconceito.

Para Raça, o preconceito deveria ser combatido através da auto-estima elevada, da valorização do negro desde a infância, nas ações judiciais em caso de preconceito, e também com os descendentes de casamentos inter-étnicos, pois o discurso da revista associava os mestiços como sendo apenas pertencentes à etnia

negra, posicionamento este questionado pelos leitores, que afirmavam serem pertencentes às duas etnias.

A Revista Raça Brasil teve site próprio, estabeleceu parcerias com programas de televisão, como o Domingo da Gente e o Comando da Madrugada, e se tornou marca de roupa, quando em parceria com a Malharia Malwee, tendo, portanto, se expandido da mídia impressa para outros meio de comunicação e empreendimentos. Entendemos esse processo devido ao seu sucesso editorial no primeiro ano de publicação, que despertou o interesse de outros meios de comunicação pelo segmento negro da população, além de Raça Brasil atingir um grande público, posto que não apenas a mídia televisiva, como também a eletrônica representam grande aceitação do público.

No editorial de aniversário de dez anos da revista, sua diretora-geral Liliane Santos (Raça, setembro de 2006) comenta:

“Na semana de 13 de agosto fui surpreendida por um fato inédito. Nas bancas de jornal, que hoje em dia vendem muitos produtos, havia cinco revistas de quatro editoras de renome com negros em suas capas. Raça Brasil estava entre elas. Há dez anos, se falássemos sobre isso seríamos taxados de sonhadores. (...) de 1918 até o início dos anos 1960 foram feitas inúmeras tentativas de afirmação de uma minoria, em parte marginalizada, de declarar sua existência, veicular suas preocupações, valorizar suas características étnicas (razão de sua marginalização) e demonstrar capacidade de realizar as mesmas atividades da maioria branca. Hoje, somos maioria e fico feliz em não sermos à única revista com negros e personalidades negras na capa. Raça Brasil foi causa e efeito dessa significativa mudança. É com alegria que apresento a você leitor, esta edição de aniversário. Dez anos! Embrulhada para presente, ela vem reformulada gráfica e editorialmente. Está mais ágil, mais dinâmica e bonita. Nossa capa, uma singela homenagem à edição número 1 (...) espero que, com isso, nossa equipe tenha conseguido trazer para você, leitor, a energia e a força da primeira edição para celebrarmos, juntos, esses 10 anos de RAÇA BRASIL!”³⁰⁴

³⁰⁴ Editora Símbolo. <http://www.simbolo.com.br/institucional/conteudo/0/artigo5356-1.asp>

Quando a Revista Raça foi lançada, o negro não era considerado no mercado publicitário como consumidor, visto ser a imagem imperante sobre esses sujeitos de pobreza, ignorância, além de contraporem-se aos padrões de beleza europeu. Raça Brasil tinha como uma de suas bandeiras a luta contra o preconceito sofrido pelos negros e a mudança da imagem do negro na sociedade, como sujeitos bonitos, inteligentes e consumidores exigentes.

O mercado de produtos étnicos, quando do lançamento da revista, já existia há dez anos, e Raça Brasil foi 'o veículo de comunicação adequado' para se chegar ao consumidor final, foi o elo entre os fabricantes e os consumidores, isto porque as outras revistas destinadas ao público negro, mesmo semelhantes à Raça quanto ao seu discurso, se diferenciava desde seu início pelo fato da mesma ser uma revista comercial, com publicidade variada, em que associava a imagem do negro tanto como consumidor de produtos específicos, como alguém com poder aquisitivo para obtê-los.

Raça Brasil se destacou como uma revista da classe média negra, mesmo que pretendesse atingir a todas as camadas sociais, mas os preços dos produtos veiculados em suas propagandas eram pouco acessíveis para a maioria da população.

No endereço eletrônico da revista, em março de 2007, temos o perfil de seu público leitor, segundo a Editora Símbolo:

“Periodicidade: mensal. Tiragem: 38.000 exemplares. Leitores: 242.000. Público-alvo: homens e mulheres de classe A/B/C, dos 20 aos 49 anos. Perfil psicológico: são leitores supervaidosos, que se auto-afirmam por meio da aparência e são consumidores ávidos de produtos de moda e beleza. Querem mais informações sobre esses assuntos, além de produtos específicos para seu cabelo e pele. Buscam identificação com a revista para se sentirem valorizados e, assim, elevar e conservar a auto-estima. São leitores urbanos que buscam informações relacionadas à comunidade, seus ídolos da música e do cinema, além de temas políticos. Hábitos de consumo: 70% são mulheres; 89% têm renda familiar acima de

R\$2.300,00; 81% possuem conta corrente; 88% se interessam por assuntos de atualidades e notícias do momento e 84% sobre beleza.³⁰⁵”

Esses dados da editora quanto ao seu público leitor evidenciam que durante dez anos de publicação a Revista Raça Brasil foi se especializando em um público majoritariamente jovem, feminino, tendo como meio de afirmação a auto-estima e tendo como interesse assuntos focados na beleza.

Raça Brasil, em seu primeiro ano, surgiu como uma revista de massa, considerando-se o número de vendas, que ao mesmo tempo escondia a heterogeneidade que permeia esse conceito, pois são visíveis as tensões que ocorreram entre a revista e as cartas dos leitores.

Para Laura A. Maciel, com quem me identifico teoricamente, a imprensa tem interesses próprios, portanto:

“(...) não podemos tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressões de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articulam segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.”³⁰⁶

Raça Brasil era uma revista diferenciada, de negros para negros, mas não representava toda a realidade da população negra brasileira em suas páginas. Por vezes, contestou dados sobre a realidade social, como por exemplo, os números do IBGE, afirmando ser o negro maioria no Brasil, ‘focou-se’ na classe média negra, apresentando-a como um exemplo a ser seguido por todos os negros

³⁰⁵ Editora Símbolo, op.cit.

³⁰⁶ Laura ANTUNES MACIEL, Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880- 1920. Muitas Memórias, Outras Histórias, p.15.

desfavorecidos, almejou ser de todos os negros brasileiros, contudo, não representou outros grupos constituintes de sua 'comunidade' negra.

A Revista Raça Brasil, ao longo do seu percurso, pretendeu modificar a imagem do negro na sociedade, de feio, pobre e inculto, como belo e inteligente, como um consumidor de produtos específicos, digno de representatividade em diferentes meios de comunicação, que luta contra o preconceito e se adorna, valorizando suas especificidades étnicas.

Identifico-me com as lutas dos negros no passado e no presente da História do Brasil, assim, reafirmo o direito à cidadania e à História.

Para finalizar, retomo Antonio A Arantes:

“(...) as lutas por direitos vão além das usuais questões de classe e da busca da possibilidade de informar-se, instruir-se ou expressarem-se a partir de lugares sociais reconhecidos e implicitamente postulados como fixos ou de compartilhar um conjunto bem delimitado de direitos; elas incluem, necessariamente, o direito de construir e reordenar diferenças, identidades e identificações: o direito a mudar, a rejeitar ou a reinventar tradições.”³⁰⁷

³⁰⁷ Antonio Augusto ARANTES, Paisagens Paulistanas, passim.

FONTES

Revista Raça Brasil –nº. 1 ao nº. 81-Editora Símbolo

Revista Raça Brasil – Edições especiais

Guia da Beleza Negra Ano 1 nº. 1 - Editora Símbolo

Cabelos Crespos Ano 1 nº. 2 - Editora Símbolo

Revista Visual Cabelos Crespos

Ano 1 nº. 5 - Editora Símbolo

Ano 1 nº. 6 – Editora Símbolo

Ano 2 nº. 5 – Editora Símbolo

Ano 2 nº. 9 – Editora símbolo

Ano 2 nº. 11 – Editora Símbolo

Revista Agito Geral – Para quem tem identidade

Ano 1 nº. 2 – Editora Dípreto

Revista Azzeviche

Ano 1 nº. 1 – Editora COBRA

Revista Black People

Ano 3 nº. 6 – Editora CLS

Revista Brio

Ano 1 nº. 1 Ed. Imprensa Oficial

Revista Conquista

Ano 1 nº. 1

Revista Etnic

nº. 8 – Editora CUSMAN

Revista Fala Preta

Coordenação Executiva – Maria Dirce (Dida)

Revista Negro 100 por cento

Ano 1 nº. 1 – Editora Escala Ltda.

Revista Negro 100 Por Cento

Ano 1 nº. 5 – Editora Escala Ltda

Revista Negro 100 Por Cento

Ano 1 nº. 6 – Editora Escala Ltda.

Revista Mídia e Etnia

Ano 1 nº. 1

Revista Swing Arte & Cia

Publicidade & Distribuição S/C Ltda

Ano 1 nº. 1 – Esta Revista é uma publicação da JP.

FONTES ELETRÔNICAS

-História da Editora Símbolo: disponível em:

<http://www.simbolo.com.br/institucional/conteúdo/0/artigo5356-1.asp>.

Acesso em 10 dez 2006.

-Aroldo Macedo: energia e audácia para realizar grandes sonhos: disponível em:

<http://www.portalafro.com.br/luana/aroldo.htm>.

Acesso em 5 jan 2007.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Antônio. **Movimentos Sociais e História Popular: Santo André nos anos 70 e 80**. São Paulo: Marco Zero, 1992. CNPq,

ANTONACCI, Maria Antonieta. **A Vitória da Razão: o Idort e a sociedade paulista**. São Paulo: Marco Zero, 1992, CNPq,

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpos sem fronteira**. São Paulo. nº 25, 2002. Separata da *Revista Projeto História*.

ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Unicamp. São Paulo: IMESP, 2000.

ARAÚJO, Ari. **Por um pensamento negro-brasileiro**. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, nº12, ago. de 1986.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**, São Paulo: SENAC, São Paulo, 2000.

BAHIA, Juarez. **História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BALCÃO, Lier Ferreira. **A Cidade das Reclamações: moradores experiência urbana na imprensa paulista. 1900/1913**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) PUC. São Paulo.

BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos**. S. Paulo: Quilombhoje, 1998.

BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio: imprensa, poder e público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. **Famintos do Ceará**. 2004. Dissertação (Doutorado em História) PUC. São Paulo.

BARREIRO, José Carlos. **Tradição, Cultura e Protesto Popular no Brasil, 1780-1880**. Projeto História nº16. São Paulo: Educ, 1998.

BARRY, Boubacar. **Expressões da Negritude na Política, na Poética, nas Artes**. *Revista Projeto História*. São Paulo nº26, Educ, 2003.

BASSANNESI, Carla. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres. Revistas femininas e relações Homem-Mulher (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BASTIDE, Roger. **Branços e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre os aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. São Paulo: Nacional, 1971.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas**, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BERNAL, Zilá. **A Questão da Negritude: 1944**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em Branco e Negro: olhares sobre São Paulo**. S. Paulo: EDUC; Fapesp; Unesp, 1998.

BERRIEL, Maria Maia de. **A identidade Fragmentada: as muitas maneiras de ser negro**, 1998. Dissertação (Doutorado em História), FFCH/USP, São Paulo.

BERTUCCI, Liane Maria. **Saúde: arma revolucionária - São Paulo-1891/1925**. Campinas: Unicamp, Coleção Tempo e Memória, 1997.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BICUDO, Virgínia L. **Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo**, *Sociologia*, Vol. IX, nº 3.

BONFIGLI, Eliana Melhado. **O que Aconteceu com a Revista Raça Brasil?** 2002. Monografia. (Programa de Pós Graduação Lato Senso em Comunicação Jornalística) PUC. São Paulo.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias**. São Paulo: Vozes, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Brasil: um país de negros?** Rio de Janeiro; Salvador: Pallas; CEAO, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org) **Imagens da Cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: Marco Zero, ANPUH/SP - FAPESP, 1994.

BRUNETTO, Egídio; LAYMERT, Garcia; LEAL, Gilberto. **Brasil 500 anos: Resistência Indígena, Negra e Popular**. *Revista Projeto História*. São Paulo nº20, Educ, 2000.

BITTONI, Dulcinéia S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1992.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CANDINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CAPELATO, Maria Helena e Prado, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena. **Os Aautos do Liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. A. **Afro-América: a escravidão no novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias de um Trauma: o massacre na GEB (Brasília) 1959**. *Muitas Memórias, outras Histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

CARMO, Luís Carlos. **Função de Preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia, MG - 1945-1960**. 2000. Dissertação (Mestrado História), PUC. São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CATÁLOGO de Entidades do Movimento Negro no Brasil precedido de um perfil das entidades dedicadas à questão do negro no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1988 nº 29.

CATÁLOGO de Exposição da Imprensa Negra em São Paulo (1918/1965). Pinacoteca do Estado: IEB-USP, 1977.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque**. Campinas: Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. (org). **As Práticas da Escrita - História da Vida Privada**. Vol.3 - Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). **A Imprensa Paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. História da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CRUZ, Heloísa de Faria **Na Cidade, Sobre a Cidade: cultura letrada, Periodismo e vida urbana**. São Paulo, 1890/1915. 1994. Dissertação (Doutorado em História) FFLCH/USP São Paulo.

CRUZ, Heloísa de Faria. **Os Trabalhadores em Serviço**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana - 1890-1915**. S. Paulo: Educ; Fapesp; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

CUNHA JR. Henrique. **Uma introdução à história dos movimentos negros no Brasil**. *Jornal da Cidade*, 4 a 10 de setembro de 1988, Campo Grande, MS.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Memórias Afro-brasileiras Institucionalizadas: tentando ler exposições de museus e seus periódicos**. *Revista Projeto História*. São Paulo: nº26, Educ, 2003.

DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel. **A Revolução Impressa: a imprensa na França, 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEMARTINI, Zeila de Brito. **A Escolarização da População Negra na Cidade de São Paulo nas Primeiras Décadas do Século**. *Revista Andes*, São Paulo, nº14, 1989.

DUARTE, Paulo. **Cultura e História Urbana**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

EISENSTEIN, Helezabeth. **Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: J. Zahar editor, 1990.

FABRIS, Annateresa. (Org.). **Fotografia: Usos e Funções não século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1991.

FAUSTO, Boris. **Trabalhando e Conflito Social 1890/1920**. Rio de Janeiro: Difel. 1976.

FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação**. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, 1975.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A Imprensa Negra Paulista: 1915-1963**. S. Paulo: USP, 1986.

FERRAZ, Abdu. **Contos e Tradições Orais em Culturas Africanas**. *Revista Projeto História*, São Paulo nº. 26, Educ, 2003.

FERREIRA Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Memória, História e Trabalho: experiências de trabalhadoras domésticas em Uberlândia -1970-1999**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) PUC. São Paulo.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil: 1880/1910**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FILHO, Aureliano José Ferreira. **Trabalho, Insalubridade e Resistência: a experiência dos trabalhadores da categoria química do ABC Paulista (1984-1990)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História), PUC. São Paulo.

FILHO, Walter Fraga. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FLORESTAN, Fernandes. **A Integração do Negro na Sociedade de Classe**. São Paulo: USP, 1964.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Imagens do Negro na Literatura Brasileira: 1584-1890**. S. Paulo: Brasiliense, 1998.

FRY, Peter. **A Persistência da Raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GALLOTA, Brás Ciro. **O Parafuso: humor e crítica na imprensa paulistana. 1915-1921**. 1997. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC. São Paulo.

HAAG, Carlos. **Quem Tem Poder Sobre o Quarto Poder?** *Revista Pesquisa*. São Paulo, 2006.

HABERMANS, Jurgen. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/Brasília, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão!** São Paulo: UNESP, 2002.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e Desigualdade Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOGGART, Richard. **Utilizações da Cultura**. Lisboa: Presença, 1973.

IANNI, Otávio. **Escravidão e Racismo**. São Paulo: Hucitec, 1988.

IANNI, Otávio. **O Negro na Literatura Brasileira**. São Paulo: Fundação Nestlé, 1990.

JOAQUIM, Maria Salete. **O Papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra**. Rio de Janeiro: Pallas, São Paulo: Educa, 2001.

JÚNIOR, José Arbex. **Showrnlismo: a imprensa como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

JUNIOR, Teófilo de Queiroz. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

JÚNIOR, Vilson Caetano de Souza. **As Representações do Corpo no Universo Afro-brasileiro**. *Revista Projeto História*. Corpo e Cultura. São Paulo, Educ, 2002.

KHOURY, Yara Aun. **Cultura e o Sujeito na História**. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Capes/Procad, Editora Olho d'Água, 2000.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da História Social**. *Revista Projeto História*, São Paulo n.22, 2001

LARA, Silvia. **Escravidão, Cidadania e Histórias do Trabalho no Brasil**. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº16, 1998.

LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil (da origem aos anos 20)**. São Paulo: Ática, 1982.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1975.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. **Beleza e Ascensão Social na Imprensa Negra Paulistana 1920-1940**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) PUC. São Paulo.

MACIEL, Laura Antunes. **Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa - 1880/1920**. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'Água, Capes/Procad, 2000.

MARONI, Amnéris. **A Estratégia da Recusa: análise das greves de maio de 1978**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARTIN-BARBERO, Jésus. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. **Movimento Negro: da marca da inferioridade racial a construção da identidade étnica**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) USP. São Paulo.

MIGNOLO, Walter. **Culturas Liminares**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MIRA, Maria Celeste. **O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

MORAES, José Geraldo Vinci; REGO, José Márcio. **Conversa com Historiadores**. São Paulo: 34, 2002.

MORSE, Richard. **O Espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOTTA, Luiz Gonzaga (org.) **Imprensa e Poder: Universidade de Brasília**, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MOURA, Clóvis **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

MOURA, Clóvis **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Clóvis. **Dialética Racial do Brasil Negro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude Afro-brasileira: perspectivas e dificuldades**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, nº. 33, 1990.

NOGUEIRA, Aracy. **Negro Político, Político Negro**. São Paulo: EDUSP, 1992.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PALLARAS-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As Muitas Faces da História: nove entrevistas**. São Paulo: Unesp, 2000.

PAOLI, Maria Célia; SÁDER, Eder; TELLES, Vera da Silva. **Pensando a Classe Operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico.** *Revista Brasileira de História*. São Paulo, nº6, 1983.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A Pesquisa em História.** São Paulo: Ática, 1998.

PEREIRA, Ana Maria Lopes. **Coração Feminino: análise da seção de cartas em duas revistas femininas.** 1980. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História.** Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **O que Faz a História Oral Diferente.** *Revista Projeto História*. São Paulo, n.14, 1997.

PRADO, Sabrina Gottschlich. **Imagens Femininas na Revista “A Cigarra”,** São Paulo 1915/1930. 2003. Dissertação (Mestrado em História) PUC. São Paulo.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé: sociologia das religiões afro-brasileiras.** São Paulo: Hucitec, 1996.

QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e Diversidade.** São Paulo: EDUSP, 1996.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Condições de Trabalho na Indústria Têxtil Paulistana (1870-1930).** São Paulo: Hucitec, 1988.

SADER, Éder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena: experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo - 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALES, Telma Bessa. **Experiência de João Ferrador em Tempos de Reestruturação Produtiva: VW Anchieta - SBC.** São Paulo: Annablume, 2002.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, Progresso e a Sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política de mão-de-obra - 1870-1889.** São Paulo:Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

SAMARA, Eni de Mesquita (Org). **Racismo e Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº14, 1997.

SANTOS, Gevanilda (Org). **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. **A Invenção do Ser Negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: Edusp, 1997.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Maîtres de Plaisir: construtores de imagens**. Cachoeira do Sul: Editora do Autor, 2006.

SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Senac, 2001.

SHWARCZ, Lília Morits. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade**. História da vida privada no Brasil. São Paulo, Cia. Das Letras, 1998.

SHWARCZ, Lília Morits. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870/1930**. S. Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVA, Ana Maria (Org.) **Gostando Mais de Nós Mesmos: perguntas e respostas sobre a auto-estima e a questão racial**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

SILVA, Lúcia Helena Pereira da. **Luzes e Sombras na Cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze**. 2002. Dissertação (Doutorado em História) PUC. São Paulo.

SILVA, Marcos Antônio. **Caricata República: Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, CNPq, 1990.

SILVA, Olga Brites da. **Imagens da Infância: São Paulo e Rio de Janeiro, 1930 a 1950**. 1999. Dissertação (Doutorado em História), PUC. São Paulo.

SILVA, Salloma Salomão Jovino da. **Memórias Sonoras da Noite: vestígios de musicalidades africanas no Brasil nas iconografias do século XIX**. *Revista Projeto História*. nº24. São Paulo: Educ, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Varadouros da Liberdade: empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia - Acre**. 1996. Dissertação (Doutorado em História). PUC. São Paulo.

SOUZA, Jessé Elias. **Weber e a Singularidade Cultural Brasileira: Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001.

TACHNER, Gisele. **Folhas ao Vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TURRA, Cleusa (Org). **Racismo Cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil**. Folha de S. Paulo/Datafolha. São Paulo: Ática, 1995.

VIANNA, Luís Werneck. **A Revolução Passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan. IUPERJ. Rio de Janeiro.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. **Imprensa como fonte para a Pesquisa Histórica**. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, nº 3, EDUC, 1984.

WEINSTEIN, Bárbara. **(Re) Formação da Classe Trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo: Cortez, CDAPH-IFAN, s/d. Universidade de São Francisco. São Paulo.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.

YÁZIGI, Eduardo. **O Mundo das Calçadas**. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2000.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da Imprensa: algumas Considerações Metodológicas**. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, nº 4, 1985.